

REVISTA
DA SEMANA

NESTE NÚMERO

**OS 10 HOMENS MAIS
ELEGANTES DO BRASIL**



MAURO BRAGA
APRESENTA:

PERSONAGENS DIÁRIOS DOS COLUNISTAS

A FOTO DA SEMANA



FUGITIVOS DE BUDAPESTE

Continua o mundo horrorizado com o que se desenrola na Hungria. Agora a cidade está dominada pela miséria e pelo desespero. Milhares de pessoas (80 mil em menos de 2 meses) fogem loucamente, arriscando tudo na ânsia de fugir daquele inferno. O flagrante acima foi tirado na fronteira da Hungria. Uma família (vê-se mãe e dois filhos) conseguiu escapar, e feliz, se prepara para começar vida nova.

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

O ídolo Que Volta	4/7
Estes São Personagens Diários dos Colunistas	14/17
Oposição e Governo Procuram Viver em Paz	18/21
«Wall Street» — Baluarte Capitalista	24/25
James Dean	30/37
Maria Fernanda	43/45
Os Dez Mais Elegantes do Brasil	46/49
ASTROS E ESTRELAS DO RADIO	50/51

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69

Fone: 34-1569

◆ CAPA



Tereza de Souza Campos, a mais famosa mulher do Brasil, freqüentadora assídua das listas de elegantes, agora também uma das 10 mulheres mais bonitas do Brasil. (Foto Yllen Kerr, especial para a REVISTA DA SEMANA).

Retalhos

musicais

A gente vem andando pela rua, com um destino que geralmente é trabalho. Na cabeça passam problemas: preciso pagar isto ou aquilo, preciso mandar consertar isto ou aquilo; há sempre na vida de todos nós uma conta a pagar, alguma coisa a consertar. Os olhos vão vendo aqui um pobre homem que se arrasta num carrinho; ali é uma mulher magra, suja, cercada de crianças magras, sujas que pedem esmolas. Quantos mendigos nesta cidade! pensamos e continuamos andando. Se há sol podemos vê-lo, marcando árvores, escrevendo sombras; se há chuva devemos manter os olhos baixos tantos e tantos os buracos das ruas, as poças d'água, os perigos de escorregarmos numa ou cairmos em outras.

Vamos andando sob o sol ou a chuva, com a cabeça cheia de pensamentos, ordens, alguns desejos: — Gostaria de comprar esses óculos azuis... Ando precisando de um par de sapatos... Projetos, sonhos, ambições andam com a gente. Mas acontece que cada rua tem, pelo menos, duas ou três casas que vendem vitrolas, rádios, discos. E em todas elas as músicas são postas bem alto. O processo ou uso de tocar discos alto nas casas que os vendem é encontrado aqui, em Paris, Nova York e Pindamonhangaba. São músicas que já estão sendo tocadas e ouvidas, antes de nossa passagem, que ficam em nós quando passamos e que nos acompanham algumas vezes com insistência tão grande que são capazes, inclusive, de vencer retalhos, os muitíssimos retalhos de músicas ouvidas no nosso trajeto diário.

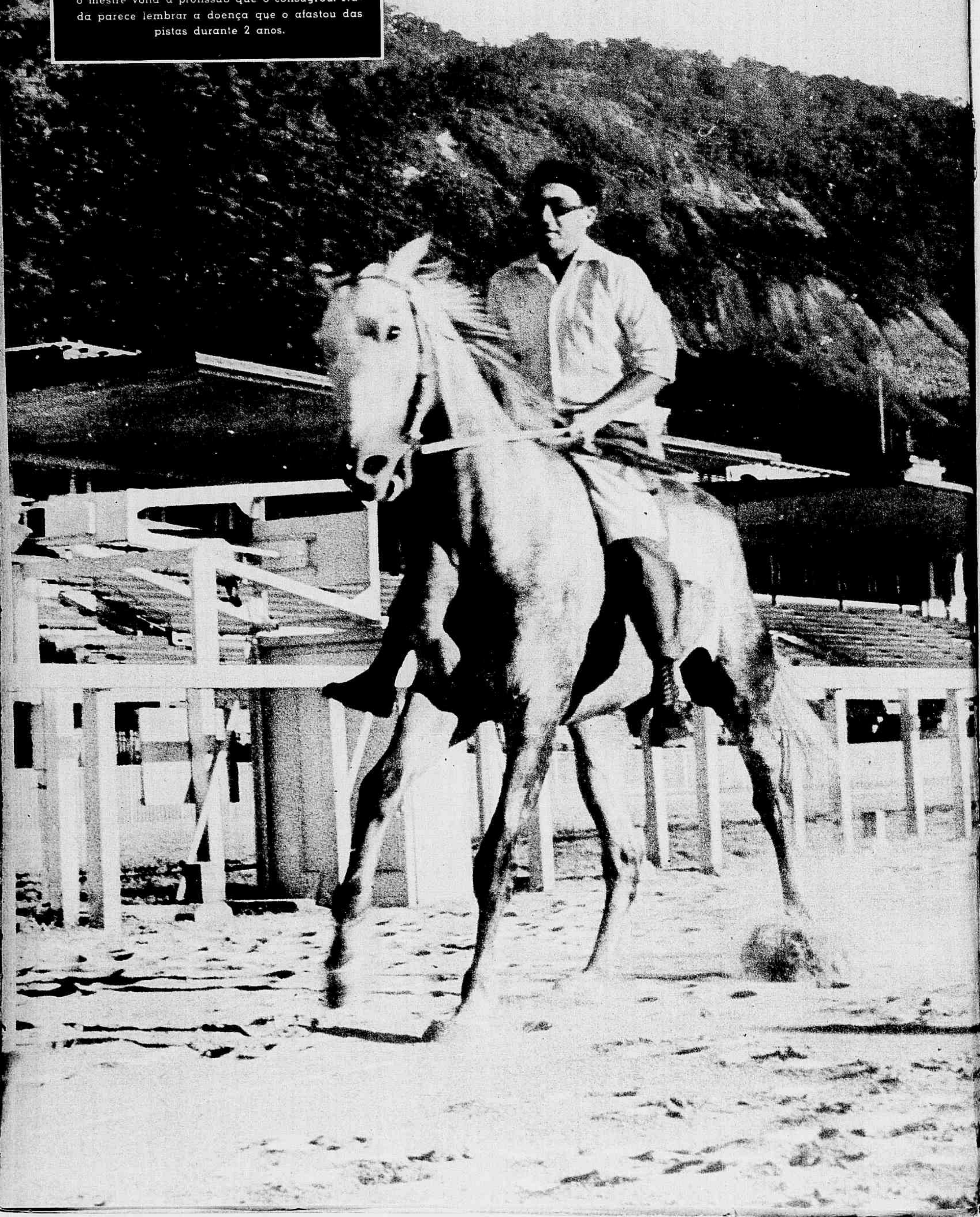
Ontem isso aconteceu comigo. Ouvi uma linha não sei de que samba, marcha, bolero, sei lá. Não tive tempo sequer para saber que música era aquela. Passei rápido, apenas o tempo de ouvir: «este colo que a plebe deseja». Escutei mal, tenho a certeza. Nenhuma plebe é capaz de desejar um colo só. Ou seria o colo da Liberdade? Não; naturalmente ouvi mal, não deve ser colo mas solo. Solo que a plebe deseja. (Odeio a palavra plebe; por que não chamar povo, palavra tão beta?) O povo ou a plebe não deseja solo, pois o solo é dele, ué! Povo, pólo. Seria pólo? Colo?

Felizmente para mim, enquanto lutava desesperadamente contra a linha de verso ouvida e por mim talvez adulterada, outra vitrola, outro grito. Desta vez estão chamando «Brasil! Brasil!» Que querem dele? votos não estão na época. Já sei, estão cantando suas maravilhas, suas belezas. E as suas misérias, suas dores? Penso e converso: — Meu Brazilzinho querido, é bom que te cantemos em sambas ou em hinos; és realmente uma beleza! Eu confio no teu futuro que não será para mim; confio no teu povo. Confio. «Brasil! Brasil!»

Estou agora longe daquele colo, pólo, solo, dentro do Brasil mas, felizmente para os leitores que neste momento me lêem, recebi de súbito uma palavra que me fez esquecer as demais. Era um samba, um bom, autêntico, fabuloso samba e a palavra — ora, a palavra já sabeis qual era! — era amor. Com essa palavra e esse samba ponho aqui um ponto final nos retalhos musicais recebidos pelas vitrolas inúmeras de uma rua, ontem, numa tarde de sol.

ENEIDA

Depois de quase 2 anos de ausência o idolo Rigoni volta às pistas. Nesta foto apresentamos o primeiro galope de Rigoni, expressamente autorizado pelo dr. Mário Jorge. Calmo, tranqüilo, o mestre volta à profissão que o consagrou. Nada parece lembrar a doença que o afastou das pistas durante 2 anos.



O ÍDOLO QUE VOLTA

DEPOIS DE DOIS ANOS DE AUSÊNCIA PREPARA-SE LUIZ RIGONI PARA REAPARECER AOS OLHOS DOS CARREIRISTAS — A PRUDÊNCIA EXIGE UM PERÍODO EXPERIMENTAL — EM MARÇO (PROVAVELMENTE) A VOLTA DO GRANDE ÍDOLO.

Reportagem de JORGE CAMPOS

COMO Sir Richard, na Inglaterra, ou Leguisamo na Argentina, Luis Rigoni tornou-se, no Brasil, o ídolo dos turfistas. Sua carreira gloriosa em nossas pistas é qualquer coisa de extraordinário, jamais igualada por outro jóquei nacional ou estrangeiro. Dir-se-ia que nasceu gênio para a arte de montar. Não teve escola, aprendeu por si mesmo, aperfeiçoando a técnica nas próprias pistas. Na fazenda de seu velho pai, no Paraná, sua terra natal, cresceu «comendo e dormindo com os cavalos» (esta é a expressão mais sugestiva para dizer do seu amor ao animal). Mas foi aos quinze anos (1942) que iniciou sua carreira no

antigo Prado de Guabirubá. E, mais rápido do que se poderia esperar, galgou uma posição de destaque entre seus colegas, assim demonstrando sua inclinação especial pela profissão que abraçara. Era já um pequeno ídolo no turfe paranaense. Mas o ambiente limitado não satisfazia às suas ambições. Queria mais. Desejava competir com os grandes jóqueis. Enfrentar os maiores pilotos nacionais, os renomados campeões estrangeiros. E transferiu-se para a capital, o mais adiantado centro de turfe do país...

O CAMPEONÍSSIMO



RIGONI chegou ao Rio em 1945, aos 18 anos. Começou no Hipódromo Brasileiro como aprendiz, por força das disposições do Código de Corridas e não conseguiu nesse ano obter as cinquenta vitórias exigidas para passar a jóquei. Ainda assim marcava 40 triunfos e ao iniciar-se o ano seguinte obtinha a desejada promoção e figurava destacadamente na estatística conquistando o segundo posto (Ulloa foi

o campeão). Na temporada seguinte (1947), foi o quarto colocado, mas em 1948 sagrava-se campeão, proeza que repetiria durante sete anos consecutivos. Mas foi em 1954 que atingiu o ponto máximo de sua gloriosa carreira. Além de se tornar heptacampeão, bateu o recorde de vitórias em uma temporada, com os 182 triunfos. Também, pela primeira vez (sonho de muitos anos), escreveria seu nome na galeria dos ven-

cedores do Grande Prêmio Brasil, prova magna do turfe nacional e, por isso mesmo, a maior aspiração de todo jóquei. Antes já vencera quase todas as provas da temporada oficial do turfe carioca (são raríssimas as exceções). Era, pois, um homem feliz em sua profissão. Líder absoluto de seus pares, campeoníssimo, fez-se o ídolo dos turfistas brasileiros. E nada mais desejava senão continuar a sua campanha gloriosa.

AFASTADO DAS PISTAS

HAVIA começado a temporada de 55. Logo no primeiro mês (janeiro) Rigoni assumia a liderança da estatística com 19 triunfos enquanto seu secundante não passava de 8. Era o início de um novo êxito em sua carreira de campeão. Mas o destino cruel reservava-lhe uma surpresa desalentadora. Um dia, depois da corrida, Rigoni sentiu nas costas uma dor aguda. Era preciso procurar o médico. Exames, radiografias e o diagnóstico sombrio: «espondilite da oitava vértebra dorsal». Impunha-se delicada intervenção cirúrgica, um tratamento demorado. E Rigoni teve que deixar as pistas para internar-se no hospital. Ali (Hospital Central dos Acidentados) iria travar-se a grande batalha entre a ciência e o mal, da qual a primeira sairia vencedora, tendo como grande «general» o dr. Mário Jorge de Carvalho. O período pré-operatório durou seis meses, durante o qual Rigoni permaneceu imobilizado pelo colête de gesso. Operado no mês de setembro, veio mais um ano sob aparelhos de contenção, até que, em setembro de 1956, verificada a junção da vértebra ofendida, foi ele dado como curado. A extraordinária competência do ilustre traumatologista Mário Jorge de Carvalho e à operosidade de sua valiosa equipe, na qual salientaríamos o nome do dr. José Lauro de Freitas, deve-se, sem sombra de dúvida, êsse sucesso quase milagroso a que se deve a volta às pistas do maior jóquei brasileiro de todos os tempos. Mas não seríamos justos se ocultássemos os nomes do professor Aluizio de Paula (toraxia específica), dr. Abraão Ackerman (parte neurológica), dr. Eugênio Carmo (coração), dr. Bernardo Garcez (urologia) dr. Paes Brasil (exames de laboratório), professor José Kos (laringologista) e dr. José Maria Guimarães (dentista), desvelados especialistas, cuja cooperação foi decisiva no controle e medicação de cada órgão do doente, assim evitando qualquer distúrbio que viesse a entrar a marcha do tratamento.



Afastado das pistas, mas já com ordem de reiniciar o treinamento, Rigoni voltou às praias e aos exercícios. Na foto, Rigoni, pela 1ª vez depois de tirar o colête, vai ao banho de mar no Leme.



Tudo parece recordar o passado, já distante de 2 anos. De 55 a 57 (quando estava em pleno auge) o mais famoso jóquei brasileiro foi obrigado a se retirar das pistas. Calmo, ele espera a volta.

A VOLTA DE RIGONI



Os doutores Mário Jorge e José Lauro foram os grandes heróis dessa batalha que durou dois anos. Agora, satisfeitos, eles esperam os resultados. Clinicamente (afirmam sem hesitar) Rigoni está curado. Se sua profissão fosse mais calma e tranqüila, não teriam nenhuma apreensão. Mas de qualquer maneira estão confiantes.



RIGONI está clinicamente curado. A fusão da vertebra atingida, é o máximo que se poderia exigir. Não fôra o rigor da profissão que abraçou, os riscos incontáveis que ela acarreta, estaria ele em condições de exercer suas atividades normais. Quisesse ser treinador, por exemplo, (este foi o conselho do médico) poderia fazê-lo sem maiores sustos ou apreensões. Mas Rigoni não quer. Seu grande desejo é o retorno às pistas onde colheu tantos e memoráveis triunfos. Quer voltar às lutas, sentir os finais difíceis e empolgantes. Colher novos louros, recomeçar a sua vida de campeão. É uma idéia fixa. Uma obsessão. E o médico tem que encarar o lado humano. Ceder o quanto pode. Há uma semana o dr. Mário Jorge autorizou Rigoni a reiniciar o seu treinamento. No início os exercícios não deverão exceder de quinze minutos, aumentando gradativamente. É um período experimental. A fase dos testes a que obriga o ideal de prudência. Dois meses, pelo menos, deverá durar (é o prazo mínimo exigido pelo médico). Mas a vontade férrea de Rigoni, a par de seu excelente estado de saúde, está a indicar que ultrapassará as previsões mais otimistas. E já ninguém duvida que dentro de mais um pouco (em março próximo, provavelmente) retorne às pistas da Gávea o maior ídolo do turfe brasileiro. E o veremos reeditar os triunfos sensacionais, com sua tocada espetacular, a atender aos anseios da multidão, aos gritos de esperança dos seus apostadores.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

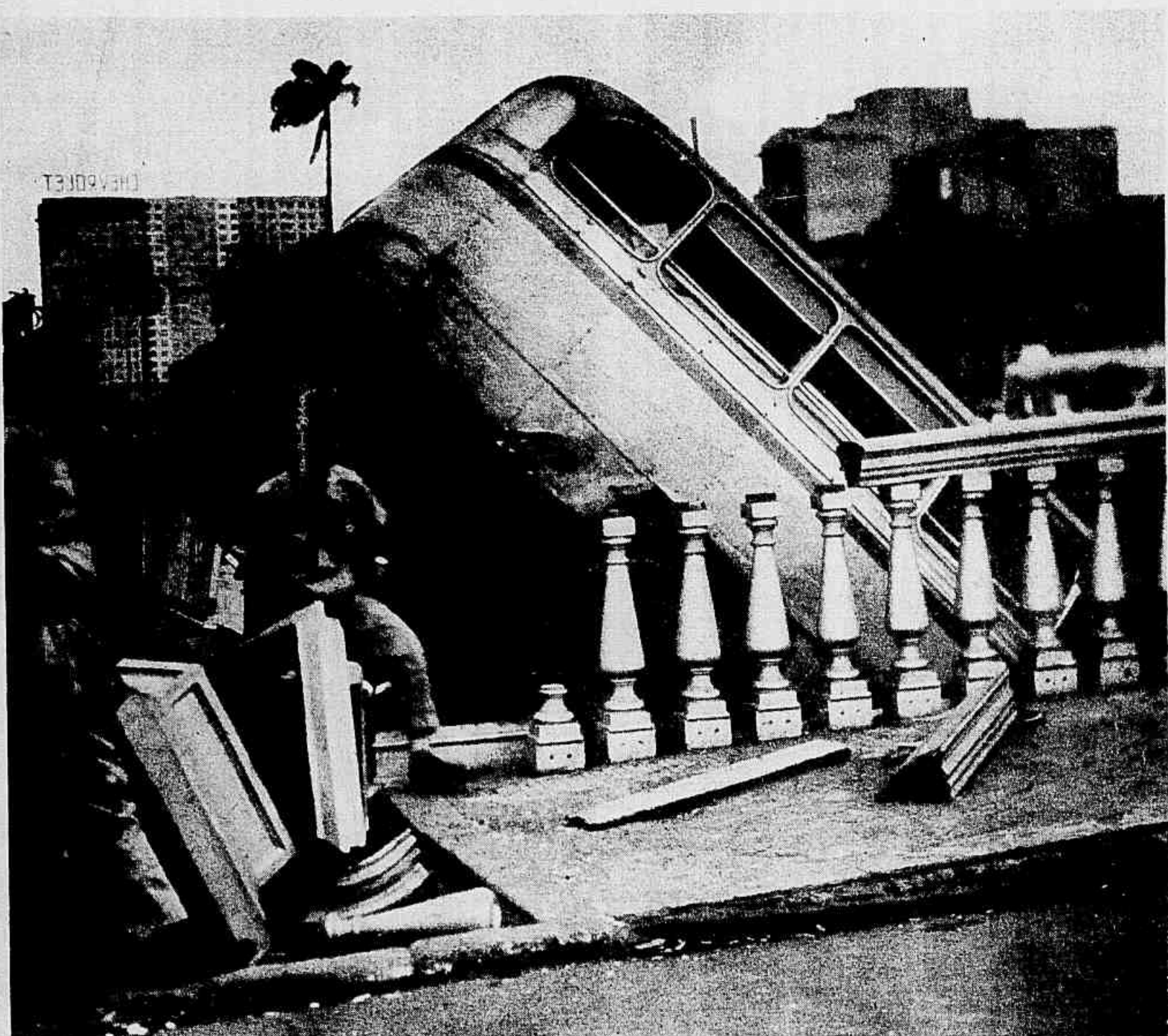
8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo



VOCAÇÃO DE SUBMARINO

A cena já é comum, e não surpreende mais ninguém: um loteamento mergulhado no Mangue. Na corrida louca em que eles vivem, obrigados a fazer uma fêria magra a custa de comissão, o extraordinário é que os desastres ainda sejam tão poucos. Vejam este da foto: um movimento brusco de seu motorista, uma ultrapassagem mal regulada e lá se foram os passageiros experimentar as delícias de uma viagem submarina. Viagem logo interrompida, pois o parapeito é resistente e não deixou o loteamento ir mais longe. E se não sobraram mortos e feridos, os agradecimentos, já se sabe: devem ser endereçados, como sempre, à Divina Providência.



RIO: CIDADE A MERCÊ DOS BANDIDOS

— Apesar de todas as recomendações e providências da polícia, os assaltantes continuam dominando o Rio. E esta semana mais um bárbaro crime foi cometido no Leblon, em pleno dia, sendo assassinada uma bela moça, que dentro de um automóvel, conversava com seu namorado. As versões (como sempre) são muitas. Latrocínio, simples assalto, crime passionnal, etc. Mas a polícia se limita a dizer que está no encalço dos criminosos e que dentro em pouco eles serão presos. Nas fotos, Irene, a jovem assassinada.



UMA RENDA INSUSPEITADA — A foto acima, na inocência aparente de uma simples intimidade revelada, representa a prova flagrante do desrespeito a uma das mais antigas leis municipais: a postura municipal que proíbe (desde o século passado), a colocação de roupas, vasos e ornamentos, nas sacadas e parapeitos das janelas e prédios. A justificação é simples: ameaça para a integridade física dos cidadãos (de baixo) e prejuízo para a estética da cidade. Entretanto, a multa prevista para essas infrações, jamais foi cobrada. Se o fôsse, revelaria uma nova fonte de renda, capaz de permitir à Prefeitura a realização de algumas obras consideradas urgentes e preferenciais.

SEMANA EM REVISTA

CHICO EDUARDO, O MOÇO — O vice-presidente do Jôquei Clube fez anos. E o que é um fato banal para toda gente, o que se repete invariavelmente com o espaço de 365 dias, para o sr. Chico Eduardo de Paula Machado foi motivo e pretexto para receber numerosas homenagens. Nesse dia ele pôde ver como tem amigos e como eles sabem querê-lo. Na foto, o sr. Francisco Eduardo de Paula Machado entre os srs. Gerson Cordeiro, Alvaro Carijó, Mário Magalhães e outros.



MOACIR MASSON, O MELHOR DE 56

— Como diretor de TV, Moacir Masson, TV Rio, ganhou o título de o melhor de 56 numa seleção organizada por críticos especializados. Não há dúvida que a escolha foi mais que merecida, pois o jovem diretor de TV, é um elemento de alta categoria. Masson faz questão de colocar seus programas em alto nível técnico. E mesmo trabalhando apenas com duas câmaras, tem conseguido resultados surpreendentes.



CLÓVIS SALGADO:
Filme de meninos pa-
ra meninos grandes.



O ministro Salgado foi assistir ao filme de «rock 'n roll». Levou jornalistas, escritores e um séquito numeroso, viu, gostou e fez uma frase que deve ter deliciado a si mesmo e ao sr. Celso Brant: «é um filme de meninos para meninos grandes». Estupendo. Formidável. Extraordinário. Como demonstração do espírito excepcional do sr. ministro não podia ser melhor. Acrescente-se que o filme que lançará o ritmo do «rock 'n roll» entre nós, é monótono e desinteressante. As danças são executadas por dois irmãos. Não há nada no filme que já não tenha sido, explorado pelo cinema, em outras oportunidades.

DAS LARANJEIRAS AO CÉU — D. Vicentina Novelli Nabuco (neta de Dutra e sobrinha de Schmidt), num só dia acumulou muitas emoções. Reconhecida hoje como a maior autoridade brasileira, em Gauguin, foi ao Palácio das Laranjeiras para fazer a apresentação de uma tela do pintor famoso, promovida pelo sr. Chateaubriand. E depois de fazer a saudação (na foto d. Vicentina aparece ao lado de seu jovem e orgulhoso marido e do Presidente Juscelino) lá se foi ela às carreiras para o programa «O Céu é o Limite», onde deu outro «show» de conhecimentos. D. Vicentina, consciente de que domina realmente o assunto Gauguin, ainda se deu ao luxo de fazer «suspense» e deixar os telespectadores com o coração na mão. Aquêlê gritinho final de d. Vicentina (depois de alguns segundos de busca mental), valeram por todo um filme de Hitchcock.



OPERAÇÃO AMELIA — Ataulfo Alves, o famoso criador de Amélia, está preparando suas pastôras e mais um pessoal bom no batuque e no passo (cuica e tamborim), para com eles empreender um giro pelas principais cidades da Europa. O grande sambista, que compondendo e interpretando, muito tem feito pelo bom nome do samba, resolveu criar um corpo «expedicionário», para ir lutar (além fronteiras) pela nossa música popular: primeira cidade a ser visitada por Ataulfo e seu conjunto: Paris.



CRUZEIRO DA FAB — Pela primeira vez os aspirantes da FAB fazem um cruzeiro de instrução fora do país, a exemplo de seus colegas da Marinha, que todo ano saem no «Almirante Saldanha da Gama». 60 aspirantes chefiados pelo brigadeiro Reinaldo de Carvalho, comandante da Escola de Aeronáutica, deixaram o Brasil dia 10 e estarão de volta no dia 24, depois de visitar vários países da América do Sul. Na foto, os aspirantes quando se despediam do brigadeiro Henrique Fleiuss, ministro da Aeronáutica.

GOOD BYE, MISTER DULLES

John Foster Dulles é, hoje, um estorvo à administração Eisenhower. Diz-se, nos meios ligados à Casa Branca, que Eisenhower não o demitirá mas que pede a Deus que Dulles se demita. Mister Dulles é um dos principais responsáveis pelos erros cometidos pelos Estados Unidos nos quatro cantos do mundo. Hoje, quando Eisenhower se entende com os países neutros, caiu por terra a tese de Dulles de que a neutralidade equivalia a inimizade. O governo inglês de Eden não tolera Dulles. A oposição trabalhista, também. Na França ninguém gosta dele. A Europa inteira é da mesma opinião. Nehru pediu a Eisenhower que não mande Dulles se entender com os dirigentes orientais. Hoje em dia, até o Partido Republicano já se cansou de Foster Dulles.



EISENHOWER

PROCURA

OUTRO

SECRETÁRIO

DE ESTADO

A situação do secretário de Estado, John Foster Dulles, no governo norte-americano, não é invejável. Dulles cometeu erros demais e, dentro do próprio Partido Republicano, há uma forte corrente que prega o seu afastamento. A indicação do governador de Massachusetts, Christian Herter, para sub-secretário de Estado, é considerada o primeiro passo para o afastamento de Dulles. Essa decisão de Eisenhower é tomada ao mesmo tempo em que se afasta do governo o sub-secretário de Estado Herbert Hoover Junior, filho do ex-presidente dos Estados Unidos.

Hoover Junior, que é engenheiro como o pai, sempre se disse apolítico, mas aceitou — docemente constrangido — o cargo no Departamento de Estado. Revelou-se um estudioso dos assuntos do Oriente Médio, como convém a um grande acionista de uma das companhias petrolíferas interessadas na exploração das jazidas na Arábia Saudita. Enquanto sai esse homem de Dulles, entra Herter, que foi partidário do plano Marshall e auxiliou a política internacional de Truman.

A política de Dulles desagradou profundamente os governos da França e da Inglaterra, nos últimos tempos. Enquanto agravava a situação no Oriente Médio ao fechar a porta na cara de Nasser, quando à construção da represa de Assuan, Dulles não oferecia solução. Quando veio a crise Eisenhower, muito inteligentemente, aproveitou-se do fato de haver Dulles se recolhido a um hospital e pausou a ação internacional dos Estados Unidos pela da ONU.

A sua atuação abriu caminho para um entendimento

próprio Nasser elogiou os Estados Unidos. E, Nehru, entendendo-se diretamente com Eisenhower, manifestou ao presidente norte-americano o desgosto dos países neutros para com a política de Dulles.

Agora, a imprensa americana não cessa de atacar Dulles. O «The Detroit News», jornal que apoia Eisenhower, saudou a nomeação do governador Herter como «planejada para restaurar o prestígio do Departamento de Estado», ainda que não tenha sido feita visando a próxima substituição de Dulles.

A cadeia de jornais Hearst criticou, pesadamente, o último ato de Dulles — o convite ao marechal Tito para visitar os Estados Unidos. Na verdade, Dulles não é o principal culpado. Foi o próprio Tito que preparou, cuidadosamente, a situação. O convite, aliás, foi muito bom. Dulles, porém, está numa situação em que é preso por ter cão ou por não tê-lo.

Sabe-se, agora, que o secretário de Estado não desempenhou papel importante na elaboração da chamada Doutrina Eisenhower para o Oriente Médio. O presidente Eisenhower está, inclusive, ouvindo muito certos acesores democratas, em matéria internacional, a começar pelo senador Hubert H. Humphrey, homem de posições muito liberais, membro da delegação norte-americana à ONU.

Não é o governador Herter (amigo de Harold Stassen) o único candidato ao posto de Dulles. Também Henry Cabot Lodge, chefe da delegação norte-americana à ONU, aspira a esse cargo.

De qualquer forma, parece que o período Dulles, na diplomacia americana, acabou, para o bem de

UM Partido Socialista está agindo, clandestinamente, na União Soviética. Informações sobre as suas atividades foram recebidas pelos serviços de espionagem norte-americanos e por organizações socialistas européias.

Os socialistas russos, que sofrem perseguição da polícia política stalinista, atuam no meio operário e distribuem panfletos em que se reclamam as eleições livres na União Soviética e é condenada a intervenção do Kremlin na Hungria.

Em dezembro, houve agitações e greves nas zonas industriais dos Urais e do vale do Rio Don. A existência de inquietação entre os operários e os estudantes, na Rússia, foi um dos motivos que levaram os dirigentes soviéticos a cessar a «destalinização» oficial. Os outros motivos foram o movimento da libertação da Polónia, a revolução na Hungria e a nova política internacional de Eisenhower.

Bulganin e Krushev recebem, em Moscou, a Gomulka, líder do nacional-comunismo da Polónia. Quando Gomulka se preparava para assumir o poder, Krushev chegou a ir a Varsóvia, para ver se impedia que isso acontecesse. Ao avistar-se com Gomulka, recusou-se a apertar-lhe a mão, dizendo que não cumprimentava traidores. Mas o povo polonês prestigiou Gomulka e o secretário do PC da União Soviética teve de engulir a pílula. Finalmente, em Moscou, chegaram a um entendimento. As tropas russas continuam na Polónia, espaço vital para as comunicações militares do antigo Exército Vermelho. E a Polónia conseguiu a sua autonomia — ao menos por enquanto.

De
**HERMANO
NOBRE ALVES**

As declarações de Krushev em favor do stalinismo, feitas dez meses depois do seu famoso relatório em que acusou o falecido ditador russo de todos os crimes anteriormente negados pelo grupo dirigente do Kremlin, mostram que houve um acordo, pelo menos transitório, entre os governantes da União Soviética.

No momento em que escrevemos há a expectativa do encontro dos líderes russos com Chou-En-Lai, enviado especial de Mao-Tsé-Tung. Os russos procurarão restaurar a unidade monolítica do comunismo internacional, que foi abalada pelos últimos acontecimentos — especialmente pelo caso húngaro. Querem restabelecer a aliança com a China, que também está em perigo. Pretendem impedir que os países satélites se tornem independentes, ainda que para isso tenham de usar da força, como na Hungria. Com a Polónia, ao que tudo indica, procurarão contemporar. Não é, porém, do seu agrado, que o governo de Gomulka obtenha empréstimos no Ocidente para restaurar as suas finanças.

No plano interno, o freio à «destalinização» significa intensificação da chamada «vigilância revolucionária» — ou seja, ação policial mais intensa contra todos movimentos que visem a democratização do país.

E' de se esperar a reorganização do famoso N.K.V.D. que sofreu muito, depois da morte de Stalin, com o expurgo de Beria e dos seus elementos de confiança. A polícia política, uma das vigas mestras do sistema stalinista, foi reduzida a órgão de importância secundária, pela ação conjunta do Exército com a burocracia do Partido Comunista. Agora, a polícia terá mais importância.

Resta saber se o povo, atrás da Cortina de Ferro, permitirá a volta ao passado, que inclui nova declaração de «guerra fria» ao Ocidente.

SOCIALISTAS NA UNIÃO SOVIÉTICA

AGITAÇÃO OPERÁRIA EM ZONAS INDUSTRIAIS





1) — Harriet Hubbard Ayer: penteado «a real», inspirado em modelos da Renascença.

2) — Carita — Alexandre, «La Liane», macio, sinuoso, belo.

3) — Charles of the Ritz: cabelos caídos um pouco para um lado «a la Cléo», de um classicismo modernizado.

4) — De Pierre Fusié é este estilo conhecido como «A Ondina dos Cabelos de Linho».

5) — De Maurice Massis: «A Parisienne» que a moda nos envia.

6) — Elizabeth Arden: «Aurora», de linhas raras.

Agora, três penteados para a noite:

7 e 8) — De Antoine, «A Musa» de linhas gregas, e «Mamie», com broche, falso ou verdadeiro.

9) — «A mulher Estranha» de Guillaume, cabeleira bronzada e véu negro.

A Moda

E A FÓRMULA MODERNA

PASSANDO pelos vestidos de crinolina — fórmula moderna — para as maquilagens mais pálidas, inspiradas na beleza romântica, encontra-se uma solução satisfatória. Mas para se conseguir tal efeito é necessário que o rosto seja perfeitamente oval; e algumas mulheres atraentes possuem uma beleza menos clássica. Para estas, a indicação deve ser: ondas largas, encaixes, mechas e ligeiras franjas. Em todo caso, os broches compridos ou arredondados devem

ser definitivamente excluídos. As loções de tinturas devem ter (quando a cor do vestido o exigir) cores as mais variadas, que vão desde o prateado ao róseo, do azul ao vermelho. Esta moda, que pode ser de extraordinário efeito para certos rostos, arrisca ser um verdadeiro fracasso para outros. É preciso, antes de tudo, interrogar o espelho ou pedir conselhos ao cabeleireiro antes de mudar a tinta dos cabelos.





1) — A bela e loura miss França de 1956 se penteia com naturalidade: tem cabelos macios, caídos sobre a nuca e apenas duas mechas pendentes sobre a têmpora.

2) — Quando Luiz Mariano pretende secundar Pierre Jacy, sob o olhar cético de Maria Mauban, Saint-Gratier experimenta a eficácia do seu fluido.

3) — Uma bela cabeleira escura, de cabelos estufados com reflexos azulados e brilhantes, cobre as orelhas.

4) — Num de seus filmes, Magali Noel trabalhou com este penteado, criação original de Pierre Jacy: note-se o magnífico broche.



A Moda E O PENTEADO

QUANDO se diz que não admira o fato de Pierre Jacy freqüentar assiduamente seus salões do Rond-Point, compreende-se logo que ele é uma espécie de «globe-traveller» de Paris! Como fundador de doze grandes salões em todo o mundo, esse homem voa infatigavelmente de Côte d'Azur a Côte d'Argent, dos Alpes a Londres ou do Rio de Janeiro a Nova York... Mas, a sua maior satisfação consiste em impor às elegantes e cosmopolitas clientes dos seus salões da «Ile-de-France» ou do «Liberté», a decantada moda de Paris.

Pierre Jacy tem, no Rond-Point, uma jovem beldade, ativa e petulante, que é sua filha Micheline! Quando o pai não está presente, ela dirige o gosto das clientes para as linhas de penteados de que mais gosta: cabeleiras vaporosas, estufadas, escovadas, com diademas românticos; além disso, salienta as nuances que preconiza: acinzentadas para as loiras, safira para as morenas, e «flamboyantes» somente para as ruivas. Grande é o número de pessoas que freqüentam os salões de Pierre Jacy: «vedettes», afizes, atores e celebridades de todos os tipos.

ÊSTES SÃO PERSONAGENS DIÁRIOS DOS COLUNISTAS

PENIDO, O HOMEM QUE TEM O TELEFONE SECRETO DO PRESIDENTE — O TRISTE E DESCONCERTANTE ALUIZIO MUNIZ FREIRE — CARLOS MACHADO, MAESTRO, BAILARINO E ESCRITOR, SEM SABER MÚSICA, DANÇA OU ESCREVER — JOÃO RESENDE, «GLOBETROTTER» COM 36 HORAS DE VIAGEM — PAULO MAGALHÃES, CARLOS MACHADO EM «POCKET-BOOK» — POMONA POLITIS, VEDETA A JATO DO JORNA-

LISMO — JOSÉ TAVARES DE MIRANDA, O PAPA E O ARAUTO DA SOCIEDADE PAULISTA — MURILINHO DE ALMEIDA. AH! MURILINHO DE ALMEIDA — O DEPUTADO MÁRIO TAMBORIN-DEGUY — O TÍTULO DE «GLAMOUR» DEVERIA PERTENCER ETERNAMENTE A ROSINHA SERZEDELO MACHADO — CARMINHA MASCARENHAS, A FUTURA SENHORA GALVÃO BUENO.

Reportagem de MAURO BRAGA



CARLOS MACHADO — O mais famoso produtor de «shows» do Brasil, dava, não uma legenda, mas um tratado, principalmente de psiquiatria. Dinâmico, nervoso, egocêntrico, vaidoso, irritável, delicado, mal humorado, caprichoso, delirante, vingativo, homem de mau e de bom gosto. Tudo isso, sem exagero e sem injustiça, é Carlos Machado. Admirado pelos amigos, execrado pelos inimigos, vai passando impávidamente pela vida. Uma coisa seus adversários não lhe negam: a atividade e a audácia. Foi maestro sem saber música, bailarino sem saber dançar e autor de textos sem saber escrever. Na Urca (regendo a orquestra) ficou famoso, não pelo talento musical, mas apenas pela maneira original que usava para ver as horas e cumprimentar as pessoas. (Ele e Franklin de Oliveira foram os dois primeiros sujeitos a usar (orgulhosamente), relógio no pulso direito.) Veste-se mal, (mas não entende a sua omissão sistemática da lista dos mais elegantes), sofre com o triunfo dos outros, ou mesmo com o seu, quando não é exaltado 24 horas por dia. É odiado pelas moças que trabalham nos seus «shows», mas está sinceramente convencido que é um pai para elas. (É a mesma linha de raciocínio que levou o ditador Trujillo a se considerar um «BENEFATOR».) Dizem que estreará em breve, com uma coluna sobre «show», num vespertino. Então, terá completado o ciclo: produção, direção, apresentação, e crítica, de Carlos Machado. E nada será realmente dele. (Na foto) Machado quando era (perdão, ainda é) bonito e moço.



ALUIZIO MUNIZ FREIRE — Ainda não consegui entender (e classificar) o jovem Aluizio. As vezes ele parece sério e compenetrado, de outras dá a impressão de um Ricardinho Fasanelo com bom caráter, e ainda de outras, de um jovem deslocado, cansado de tudo, doido para desaparecer e morar numa fazenda bem longe e distante. Tem pai famoso, sogro famoso, mulher famosa, irmã famosa e ele mesmo é famoso, pelo menos nos limites em que se move e se agita. Super simpático, calado, bom amigo, e em matéria de elegância exibe uma displicência (vejam foto) que lhe exige de 2 a 3 horas antes de sair de casa. No mínimo. Casado com a jovem e elegante Terezinha, a quem damos um conselho: nunca viaje deixando Aluizio.

A tristeza de seu marido (quando a senhora esteve recentemente na Europa) cortou o coração de todos os frequentadores do Sachas. Ele chegava (sempre sozinho) ficava a um canto, encolhido, ausente, visivelmente esperando que num milagre da aviação moderna, um super constellation a jato, chegasse de súbito, pousasse na porta do próprio Sachas, e de dentro dele soltasse a senhora, D. Terezinha, com os cumprimentos da Varig ou da Panair. Mas para decepção dele (e de todos) isso jamais aconteceu.



OSVALDO PENIDO — O dr. Penido é personagem exclusivo de Ibrahim Sued, cujo irmão é seu eficiente secretário. Filho do famoso Almirante Penido tem uma história interessante e movimentada. Desde pequeno se interessou por política, e há mais de 30 anos que é amigo do Presidente Juscelino. (Aliás, ele, o Embaixador Negrão de Lima, o sr. Tancredo Neves e o sr. Paulo Pinheiro Chagas podem ser considerados os únicos que gozam integralmente da intimidade do Presidente.) Desde 1946 que pertence a todos os Gabinetes dos Ministros mineiros, tem ocupado cargos importantes, mas é homem pobre que sempre viveu em dificuldades de dinheiro. Estaria milionário se o quisesse. Fala inglês e francês com perfeição e na viagem do Presidente Juscelino aos EE.UU. e Europa prestou excelentes serviços. Inclusive servindo de intérprete entre o Presidente brasileiro e a Rainha da Inglaterra. Fica elegantíssimo de Smoking (mais do que de casaca) é da mais absoluta e integral confiança do sr. Juscelino Kubitschek, sendo uma das 5 únicas pessoas que têm o telefone secreto do Presidente. Sabe coisas da campanha presidencial, que, contadas, provocariam confusão e escândalo, mas também muita gargalhada. Estêve para ser Chefe da Casa Civil, mas foi preterido pelos compromissos políticos. E como era íntimo, teve que se conformar. Em Março, vai receber a visita de Papai Noel. Que virá com atraso de 3 meses, mas será tão pródigo que compensará a espera.



SUSAN HAYWARD

Estêve no Rio ligeiramente, foi personagem de todos os colunistas, fez farol (como sempre) com Jorginho Guinle e Ricardinho Fasanelo.



JOÃO RESENDE — No momento o sr. João Resende é personagem de si mesmo, o que talvez não seja pouco. No jornalismo ele é produto da improvisação brasileira, e até que revela condições apreciáveis para se realizar. Mas talvez lucrasse em se submeter a uma linha de montagem, como é comum no colunismo social. E' bastante simpático, agradável, sem maldade, e até com um ar de menino ingênuo, que não é estudado: corresponde exatamente a sua formação e a sua maneira de ser. Conseguiu um recorde difícil de ser igualado: começou a fazer «notas de um Globetrotter», apenas com 36 horas de viagem. Dentro do jornalismo informativo não se filia a nenhuma corrente, e tal-

vez mesmo pudesse ser definido como livre atirador. Brigou com Ibrahim Sued no Sacha's, o que veio provar que os colunistas, às vezes, deixam de ser autores e se transformam em personagens. No incêndio do Vogue perdeu alguns amigos e toda sua roupa, o que não o impede de andar sempre elegante (e sóbriamente) trajado. Precisa urgentemente «inventar» uma palavra, pois na hierarquia colunística isso é importantíssimo. Então, orgulhosamente, poderá fitar os outros companheiros que tão generosamente contribuíram para a cultura brasileira, com «invenções» como DATE, ACONTECEU, KAR, SHANGAY, etc.

ÊSTES SÃO PERSONAGENS DIÁRIOS DOS COLUNISTAS



ROSINHA SERZEDELO MACHADO — O rosto de Rosinha Serzedelo faz pensar (e acreditar) na existência de Deus. Se eu já não fôsse católico praticante, me converteria, entusiasmado com tanta beleza e com tanta doçura. Se fôsse casada teria parecido na lista das mais bonitas. Foi «Glamour» (é uma injustiça não haver reeleição), frequenta o Country e o Sacha's, é professora, sempre de bom humor, mesmo quando está sem date (com permissão de Jeff Thomas). Muito simpática, consegue ser ao mesmo tempo personagem de Ibrahim e de Jacinto, de João Resende e de Pomona, de Jeff Thomas e de Jean Pouchard. Mas não troca a glória na coluna de todos eles, por uma citação, mesmo pequenininha, na coluna de Antônio Maria. Não tem muitos planos para o futuro, gostaria de casar com um paulista (que ela sabe qual é), mas não seria muito de seu agrado viver fora do Rio de Janeiro.



MÁRIO TAMBORINDEGUY — Nos E.E.U.U. o sr. Tamborindeguy já seria fita de cinema. Quer dizer, produtores inteligentes já teriam lhe oferecido uma fortuna para filmar a sua vida em «cinemascope e com som estereofônico perfect». Aventura, dinamismo e movimento, pelo menos não lhe tem faltado nos seus quase 50 anos de vida. E' um dos melhores sujeitos que circulam pelo «society» carioca. Calmo e tranquilo, certa vez espantou João Condé e Augusto Frederico Schmidt quando enfrentou com sucesso, um vasto português e dois ajudantes de caminhão, em plena Rio-Petrópolis. O português tinha uma barra de ferro na mão, mas nem teve tempo de usá-la. Tamborindeguy, desarmado, obrigou-o a correr. E ainda deve estar correndo até hoje. Já foi grande boêmio, está aposentado, mas nas noites longas ainda surge muita história na base do Mário Tamborindeguy. Todas contando as suas vitórias passadas. E' presidente da maior companhia brasileira de terraplanagem, foi candidato a deputado pelo E. do Rio, e numa campanha de menos de 3 meses conseguiu 10 mil votos. E só não foi eleito por causa das chicanas e roubalheiras do sr. Barcelos Feio. Mas em 58 sua eleição vai ser uma brincadeira. Tem uma memória extraordinária, fala magnificamente de improviso, é proprietário de jornal no E. Santo, mas hoje só tem uma paixão: sua casa, dominada nos mínimos detalhes pelo bom gosto e pela presença super-simpática de sua mulher Alicinha.



CARMINHA MASCARENHAS — Chegou de Minas de surpresa, começou a frequentar as noites cariocas (seu marido era o pianista Raul Mascarenhas), chamou a atenção, de repente era «crooner» no Copacabana. Agradou, fez amigos, daí há pouco estava no Sacha's e logo depois na Rádio Nacional. Entusiasmou muita gente, virou vedeta, foi ao Uruguai fazer uma temporada, ganhou dinheiro, deixou de cantar em boites, dedicou-se exclusivamente à Rádio Nacional. Apareceu há dias na televisão (magnificamente), vida noturna agora só de vez em quando e como visita. No momento é personagem exclusiva do jovem Galvão Bueno (que será seu marido em breve) e no futuro deixará de cantar, para cuidar da sua frota particular de Galvãozinhos Bueninhos. Que não tardarão, é claro.



PAULO DE MAGALHÃES — O sr. Paulo de Magalhães (que se diz escritor e teatrólogo) foi o inventor do cabotinismo como arma de divulgação pessoal. Tentou popularizar há tempos um «decálogo do sucesso pessoal», que é a mais triste manifestação de insensibilidade moral já evidenciada por alguém. E' casado com a simpática (e outrora bonita) Heloíza Helena, também menos talentosa do que ela mesmo se acredita. O sr. Paulo de Magalhães já fracassou em tudo que se meteu, e (diga-se a bem da verdade, já se meteu em muita coisa). Entre as suas admirações não se conta a higiene pessoal, e os hábitos modernos, (como por exemplo fazer a barba) não lhe despertam o menor entusiasmo. Idade indefinível, profissão também, fuma horríveis charutos, tem duas filhas belíssimas, e se julga (no mínimo) o Shakespeare brasileiro. Opinião que infelizmente não conseguiu sequer um entusiasta, nem logrou transpor os umbrais de sua própria residência.



JOSÉ TAVARES DE MIRANDA — O colunista das «Fôlhas» é a grande vedeta (modelo 56) de S. Paulo. Depois de cercar o jornalismo pelos 7 lados (reportagem, crônica, poesia, etc.), resolveu tentar o colunismo social. E dando certo é hoje um dos homens mais importantes de S. Paulo. Dá prazer acompanhá-lo numa estréia ou numa recepção. Consciente de sua própria força e popularidade, distribui cumprimentos e citações como quem distribuisse comendas da legião de honra. Não fala com qualquer um, é requetadíssimo pelas mulheres, veste-se irrepreensivelmente, é hoje realmente um homem bem informado. Já foi bom poeta, chegou a ser um repórter bastante razoável, mas agora é que encontrou o seu verdadeiro caminho. Dizem em S. Paulo que uma recepção sem Tavares de Miranda não é uma recepção: é um ajuntamento. Um destaque na sua coluna é um passaporte para a glória e para a fama. Inteiramente desorganizado, bom sujeito, esquecido, mas sabendo escrever muito melhor que d. Helena Silveira que ainda não percebeu que sua época já vai longe. Rendamos homenagem a José Tavares de Miranda: em um ano ele conseguiu ser o papa e o arauto da sociedade mais refinada do Brasil: a dos homens e mulheres de 400 anos, descendentes diretos de Paes Leme e outros bandeirantes.



MURILINHO DE ALMEIDA — A mais nova sensação das noites cariocas, pertence a uma família de jornalistas e de boêmios. E' maranhense (como os irmãos), mas dá a impressão de um italiano que iniciasse os estudos em Harvard e fôsse terminá-los no Recife. Grande gozador, excelente sujeito, magnífico papo, dono de uma prosa capaz de tornar interessante até uma conversa com Ribeiro Martins. E' personagem diário e obrigatório de todos os colunistas, mas sua paixão mesmo é pelo Antônio Maria. Tem a coragem de dizer que nunca pretendeu ser cantor, agora é também ator (estreou com grande sucesso no Beguin), tem admiração por Norma Benguel e Norma Tamar, e sabe histórias formidáveis sobre o «society», que não conta porque é um sujeito discreto. Até hoje ainda ninguém conseguiu classificar o «estilo» e o «gênero» das músicas que canta. Mas que é um sucesso, ninguém duvida. Se deixasse de cantar, o Sacha's ficaria mais vazio que a imaginação do sr. Osvaldo Teixeira. Quebrou a mão desapartando a briga Ibrahim Sued x João Resende, conhece pelo faro um «picadinho relation» e «cronistas amestrados» e hoje, é íntimo de todos os astros e estrelas do «society» carioca. Suzana Porto é a moça com quem mais gosta de dançar. Confissão, que faz com timidez, mas com evidente e indisfarçável prazer.

POMONA POLITIS — Começou a jato no jornalismo, subiu, subiu, subiu e hoje, com 3 anos apenas de profissão, já é internacional. Casada com Tiago de Melo (o poeta) e com um filho, que ainda no berço já conta entre as suas glórias uma crônica de Manoel Bandeira. Pomona estreou na «Noite», fazendo coluna pelo telefone. Ainda assim (surpreendentemente) não ficava muito atrás dos outros. Depois, num milagre de auto-didatismo (pois ninguém foi seu professor) mudou de rumo, começou a sair, a andar em boites, a freqüentar as notícias e a apurá-las. Foi a Europa (os dois únicos jornalistas brasileiros que estiveram no casamento de Grace Kelly, foram, ela e Ibrahim Sued, sendo que Pomona fez inegavelmente um serviço melhor

que Ibrahim, embora o trabalho de Ibrahim aparecesse melhor. Era natural: ele escrevia no «Globo» e Pomona na «Noite»), esteve em Paris, deslumbrou-se, embriagou-se (simbolicamente, é claro) tomou um banho de civilização, voltou, mais encantada com o mundo e com sua profissão. Quando chegou (com novas ambições e novas esperanças) os limites da «Noite» já eram pequenos demais. Convidada para fazer a coluna social da «Última Hora», não hesitou, e ei-la hoje como vedeta do jornalismo. Escreve bem, é inteligente, ainda está na fase de namôro com sua profissão (o que é uma vantagem), e esperamos que esse namôro ainda dure muito tempo. Pois essa é uma das chaves do sucesso jornalístico.

A OPOSIÇÃO E O GOVÊRNO PROCURAM VIVER EM PAZ



Este palácio representa o poder. E' em nome dêle que acordos e alianças são concertados, amizades e entendimentos são destruídos. Os partidos se organizam (dizem) para conquistar o poder, e para rea-

lizarem nêle os seus programas. E com união nacional ou sem união nacional todos os políticos só pensam, infalivelmente, no Palácio do Catete. Uns para alcançá-lo e outros para combatê-lo.

EM 1 ANO JUSCELINO CONSOLIDOU
COMPLETAMENTE O GOVERNO

★ E O QUE PARECIA IMPOSSÍVEL,

AGORA É VIABILÍSSIMO:

UM ENTENDIMENTO ENTRE OPOSIÇÃO

E SITUAÇÃO ★ BOA VONTADE

DOS DOIS LADOS ★ CASTILHO

CABRAL ADVOGA E DEFENDE O ACÓRDO

★ AFONSO ARINOS ACHA POSSÍVEL,

MAS DESACONSELHÁVEL

★ O SR. ETELVINO JÁ ESTÁ TRABALHANDO

★ DUAS ESFINGES SEM

MUITOS SEGREDOS: JANIO QUADROS

E JANGO GOULART ★ A BANDA

DE MÚSICA: BALEEIRO,

MÁRIO MARTINS E ADAUTO

LÚCIO CARDOSO ★ MILTON

CAMPOS, ABSOLUTAMENTE CONTRA

QUALQUER ENTENDIMENTO ★ CARLOS

LACERDA: SUSTENTÁCULO

E ESPANTALHO DA UDN

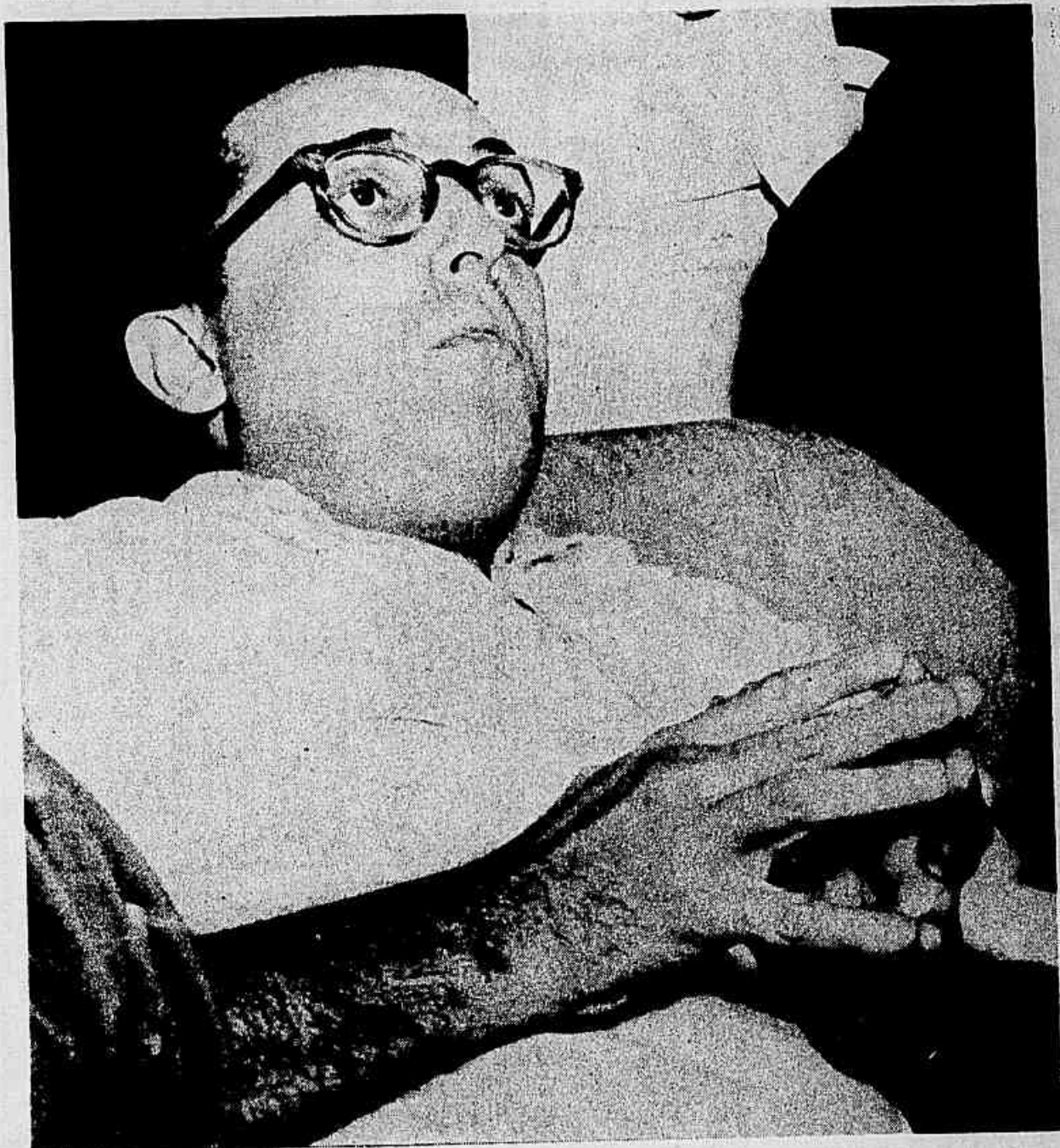
Reportagem de SÉRGIO ROBERTO

O sr. Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República num clima (ainda) de quase terror, quando as previsões mais alarmantes eram comuns. «Não governaria 6 meses», «o golpe militar não demoraria», «o gen. Lott estava esperando apenas um bom momento para assumir o governo», etc. Isso era o menos que se dizia. Com decisão, energia e o seu indiscutível tato político, o sr. Juscelino conseguiu (em 1 ano apenas) consolidar inteiramente a posição do governo. E de tal modo se processou essa consolidação, que da própria frente oposicionista partem movimentos visando coordenar e executar a chamada união nacional. Há 1 ano isso seria motivo de risos. A oposição, com Carlos Lacerda, Jânio, Castilho, Etelvino, Afonso Arinos, Adauto e outros participar de um governo chefiado pelo sr. Juscelino? Só mesmo respondendo com gargalhadas.

A REALIDADE EM 1957

No início deste 1957 a realidade é bem outra. Consolidado o governo, procura o sr. Kubitschek ampliar a sua base parlamentar e política, para que possa executar as grandes reformas que o país reclama, e cumprir aqueles pontos básicos esquematizados na sua plataforma de candidato. Ou seja, mais precisamente: as metas de que tanto já se falou. E a oposição caminha ao encontro dos desejos do Presidente, mostrando enorme receptividade para um acôrdo. Naturalmente em bases altas, que é como se costuma dizer nessas ocasiões. Mas como se processará êsse acôrdo, e como participará dele a oposição? É lógico que com cargos e encargos, para usar uma expres-

O ESPANTALHO



Carlos Lacerda é um dos sustentáculos eleitorais da UDN, mas é também o seu espantalho. Se Carlos Lacerda já fôsse deputado na época da votação da Petrobrás, o partido do brigadeiro não teria ficado apavorado com a campanha comunista e teria votado contra o estatuto monopolista. Agora, quando se discute um possível acôrdo governo-oposição, a UDN olha assustada para os lados de Carlos Lacerda, e vendo sua cara irritada, e insatisfeita, se encolhe, se amedronta, e sendo a favor de um entendimento, possivelmente acabará contra. Pois o medo que a UDN tem do líder carioca, é um medo real e autêntico. Vejamos como a UDN sairá dessa prova, dêsse verdadeiro choque entre a sua estrutura partidária e a formação carro de combate e rôlo compressor do sr. Carlos Lacerda.

são famosa em outros tempos. Mas o diabo é que se os encargos existem, os cargos escasseiam em virtude dos pesados compromissos assumidos pelo candidato. E sem cargos não há acôrdo que resista. Como fazer? Os ministérios que estão em poder do PSD não podem ser usados (naturalmente), pois o Partido Majoritário (além de ter feito força para eleger o Presidente) precisará dentro em pouco de todo seu poderio para disputar eleições em 11 Estados. O PTB está nas mesmas condições. Seus dois ministérios são alavancas para consolidar (e ampliar) a sua base eleitoral. O PR não quer perder o ministério que conseguiu com tanto esforço. Apenas concordará (gostosamente, diga-se) em trocá-lo por outro. O PSP, idem, idem. Como fortalecer portanto, e ampliar a base parlamentar e política do governo, se o governo não tem nada para oferecer em troca? São essas dificuldades que os arquitetos do governo e da oposição procuram vencer, numa hora em que se planeja a construção de um grande edifício, onde se acomodarão, situacionistas e oposicionistas. Por outro lado (e aumentando as dificuldades), há o grupo que não admite pacificação (nem acôrdo de jeito algum), liderado (é claro) pelos srs. Carlos Lacerda, Baleeiro, Mário Martins, Adauto Lúcio Cardoso e agora o sr. Milton Campos, que se mostra intransigente e contra qualquer forma de entendimento. Tudo ainda está muito vago. E só quando o Congresso reabrir, em 1º de fevereiro, é que essas perguntas poderão obter respostas. E então, tudo será colocado em pratos limpos. E veremos que papel desempenham os srs. Castilho Cabral e Etelvino Lins na política nacional, e o que representam como elementos aglutinadores das forças políticas dos seus próprios Estados.

A OPOSIÇÃO E O GOVERNO



Adauto Lúcio Cardoso, Mário Martins e Aliomar Baleeiro formam o que se chama em linguagem parlamentar, a banda de música. Sentam invariavelmente na primeira fila, estão sempre contra qualquer coisa, e são mestres verdadeiros em agitação e oposição. Baleeiro é o mais traquejado dos três, mas Adauto e Mário também não são principiantes. Adauto foi durante a campanha um opositorista feroz da candidatura Juscelino, embora o atual Presiden-

A BANDA DE MÚSICA



te (e sua esposa) fôssem seus amigos de longa data. Mário Martins é jornalista de passado, combatente, que poderia evoluir para outros rumos, não fôsse a presença atordoante, a seu lado, de Baleeiro, Adauto e principalmente Carlos Lacerda. Baleeiro, foi um dos responsáveis pela queda de Getúlio Vargas. E' claro que foi o próprio Vargas (e sua entourage) que lhe deu munição, para continuar disparando por longo tempo. Mas não é inimigo para se desprezar e



procurará torpedear todo e qualquer acôrdo. Adauto, Baleeiro e Mário Martins são homens intemoratos (de passado limpo e absolutamente incorruptíveis) e contra quem nenhuma pressão política poderá ser feita. Também não atenderão a apelos, pois são homens encastelados dentro de suas próprias convicções, e se consideram excelentes críticos de seus próprios retratos. Por êsse lado a pacificação política não avançará um milímetro.



OS COORDENADORES

O primeiro grito de pacificação partiu do sr. Castilho Cabral, homem de muitos defeitos e virtudes, mas com uma indiscutível capacidade para descobrir com segurança de que lado nasce o sol. O sr. Castilho Cabral é tido e havido como porta voz do sr. Jânio Quadros, mas há a suspeita de que o sr. Jânio Quadros não confia a não ser em si mesmo. Então, o simpático sr. Cabral ficaria na posição de porta-voz autorizado de si mesmo, o que não seria a mesma coisa. Em que qualidade iniciou êle o seu movimento de coordenação? Respondida essa pergunta inocente já se poderá fazer especulação mais ou menos segura sobre o destino da projetada união nacional. O sr. Etelvino Lins é indiscutivelmente o mais seguro e competente manobrador político do Brasil. As selvas políticas não tem segredo para êle, e para obter os seus objetivos, tanto usa uma memória prodigiosa como faz do esquecimento a sua arma principal. Vale dizer que é um homem sem ódios, mas também sem amôres. E isso pode ser perigoso mormente quando lida com amigos e inimigos do temperamento de Carlos Lacerda, Jânio Quadros, Jango Goulart e outros. De qualquer maneira realizado ou não o acôrdo, o grande vitorioso será o sr. Etelvino Lins. Pois no mínimo terá conseguido o governo de Pernambuco ou a senatória de 58. E para um homem que há pouco era dado politicamente morto e enterado, o bocado não é para se considerar des-



Já
Pod
e a
esfin
mar
dros
Gou
o P
meç
veln
(Jân
tem
lagr
nes
os
resu
Mos
Dep

C
C
dor
un
un
ce
de

AS ESFINGES



Jânio Quadros e Jango Goulart são as esfinges da política brasileira. Podem pretender tudo e não alcançar nada, podem não pretender nada e alcançar tudo. Mas de uma certa maneira, podem ser considerados esfinges sem segredos. Jânio Quadros dependerá muito ainda de Ademar de Barros. A medida que o chefe pesseista se recupera, Jânio Quadros se inquieta, se assusta, aumenta o seu já grande nervosismo. Jango Goulart ainda tem muito obstáculo a vencer. O seu domínio férreo sobre o PTB já não é tão grande e aqui e ali ouvem-se vozes de protesto. Começa a se formar no seu partido uma dissidência razoável que inevitavelmente se avolumará com a aproximação das lutas eleitorais. Ambos (Jânio e Jango) são pedras importantes no mecanismo da união. Jango tem se entendido magnificamente com o Presidente Juscelino e é um milagre que PSD e PTB, partidos tão diferentes, tenham caminhado unidos nesta longa estrada que trilham há tanto tempo. Jânio está esperando os acontecimentos. É do seu feitio e da sua técnica. E como tem obtido resultados magníficos assim não está disposto a mudá-la neste momento. Mas quando falar, o acôrdo pode explodir, no bom ou no mal sentido. Depende do que disser.

O INTRANSIGENTE

O doutor Milton Campos que é um homem calmo, cordato, e conciliador, é o grande intransigente. Não quer nem ouvir falar em acordos e em união nacional, nem em aproximação com as hostes governamentais. É um homem determinado e acredita que o seu partido, a UDN, se fortalecerá com o isolacionismo político e com a oposição. E pode (e deve) desde já se preparar para levar o sr. Jânio Quadros ao Catete em 1960.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do **Regulador Gesteira**.

A acção que o **Regulador Gesteira** exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.



avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada com o uso desse maravilhoso produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira do couro cabeludo; esta, com uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50 — Por Vale Postal Cr\$ 113,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00



**NAS BOAS CASAS E NOS
SALÕES DE BELEZA E PLÁSTICA**

DE

Mme. CAMPOS

A melhor limpeza de pele do Rio.
Assembleia, 115 - 1º - Tel. 22-1184
RIO

“Mil” lhe oferece:



Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA
TRAVA DIREÇÃO **MERLI**

SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6194

RIO DE JANEIRO



**INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.**

Caixa Postal nº 1.202

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA “DE FRANCO”

Rua General Osório 724 — São Paulo

CIDADE NUA

Por SÉRGIO ROBERTO

Advogados estão sendo recrutados para impetrar um mandado de segurança em favor dos policiais envolvidos no escândalo do jogo. Se a comissão persistir na idéia de expulsá-los da polícia, ainda haverá muita surpresa.

Será anunciada dentro em pouco, a falência de um dos mais citados elementos do «café-society» carioca. Será uma autêntica bomba neste 57 que se inicia.

Está sendo negociado um vespertino e uma estação de rádio. A transação anda pela casa dos 150 mil contos.

Vão ser cancelados os prêmios concedidos pela Municipalidade, no setor teatral.

O sr. Rubens Berardo pretende inaugurar sua estação de televisão (já em cores), ainda a tempo de lançar sua (possível) candidatura a prefeito do Distrito Federal.

O Bangu vai contratar o técnico Stabile para preparador de suas equipes no campeonato de 57. Fausto de Almeida fez grandes promessas ao patrono Silveirinha, e a menor delas foi de ganhar o título deste ano.

Vinicius de Moraes, presidente da Comissão Federal de Cinema, está com grandes planos. Primeira idéia de Vinicius: acabar com a picaretagem. Duvidamos que consiga.

A sra. Irene Guinle tem sido vista sozinha, longas tardes, no Copacabana. Por falar em Copacabana, foram reiniciados os jantares na piscina. Concorrência enorme, mas desorganização também grande. Os «maitre» Ferry e Rocha se desentendendo, e os fregueses esperando mesas já com várias dias de reserva.

Carlos Machado estréia no «Diário da Noite», fazendo a crítica de espetáculos. Mais um setor invadido pelo famoso «el rei de la noche».

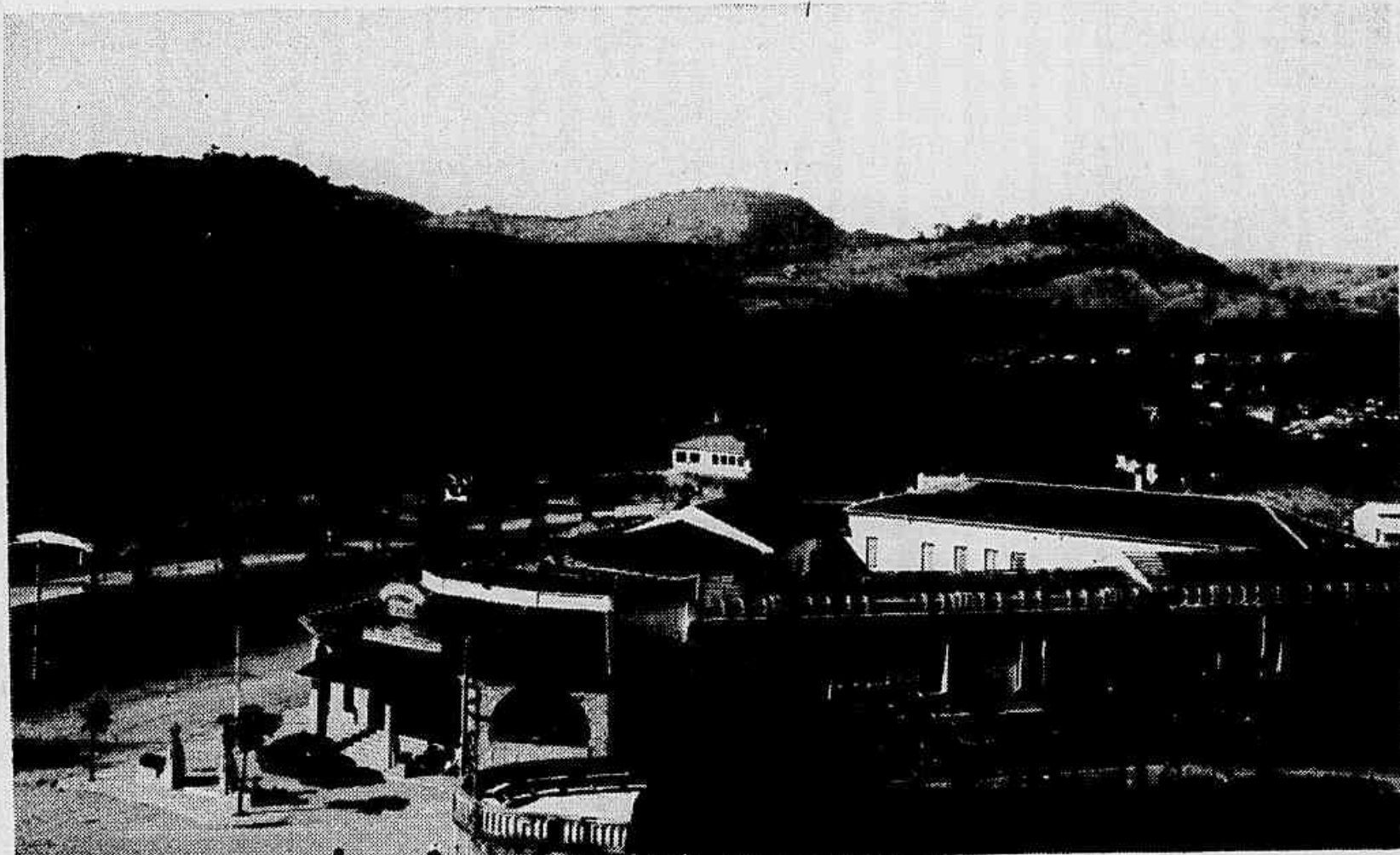
Os exibidores estão organizando um movimento para conseguir do presidente da COFAP o aumento do preço dos cinemas. Cinemascope passaria para 20 cruzeiros e o resto para 15.

A Prefeitura está fazendo um apêlo a toda a população para vacinar seus filhos contra a paralisia infantil. Procurem os Postos da Prefeitura e vacinem as crianças, principalmente as que estão entre 2 e 5 anos.

ETERNA PRIMAVERA

◆ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escrínio de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernos. «AGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «AGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DADIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

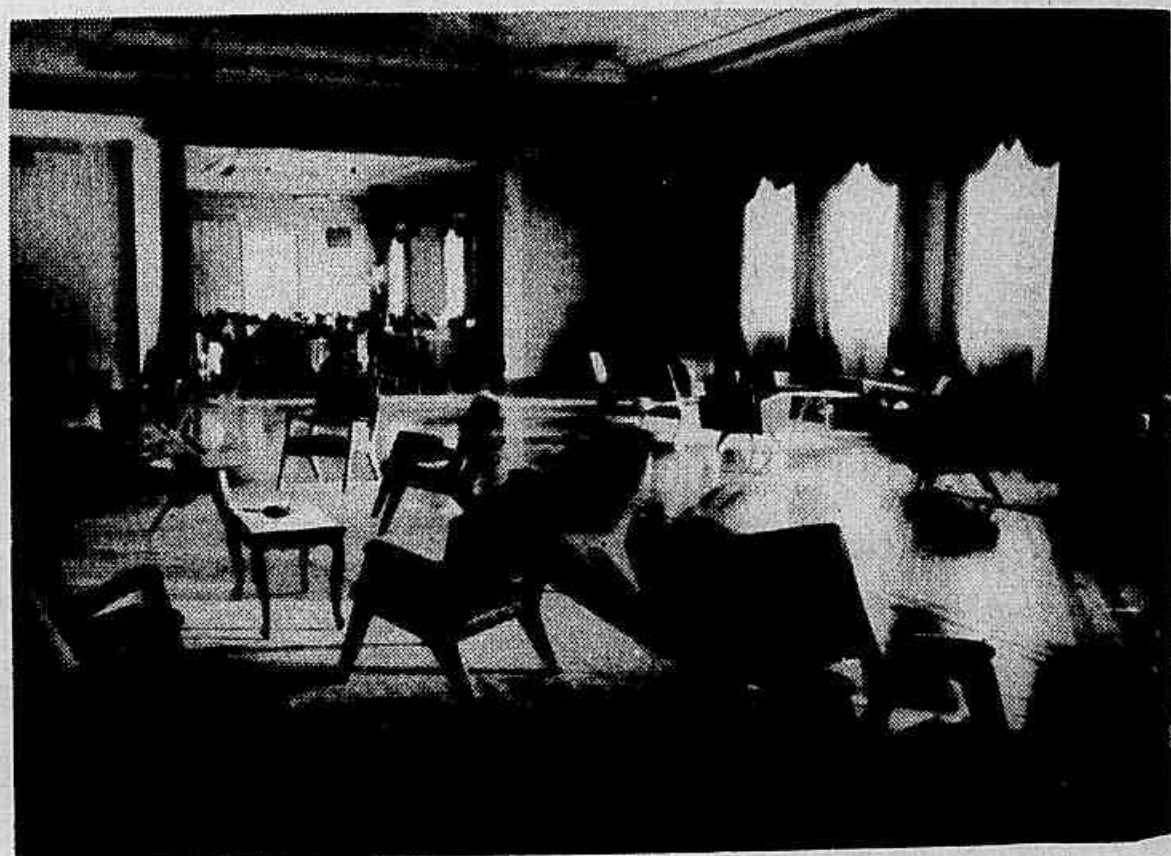
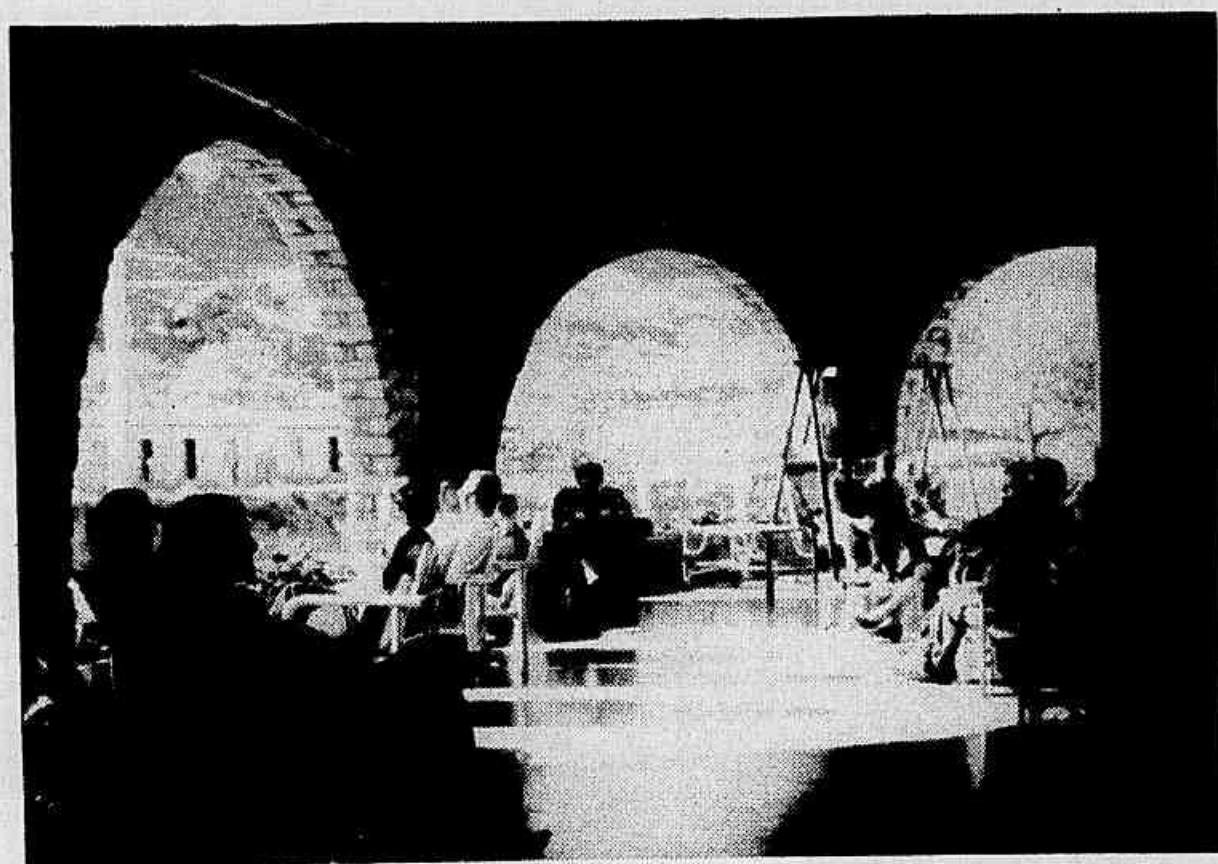


Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

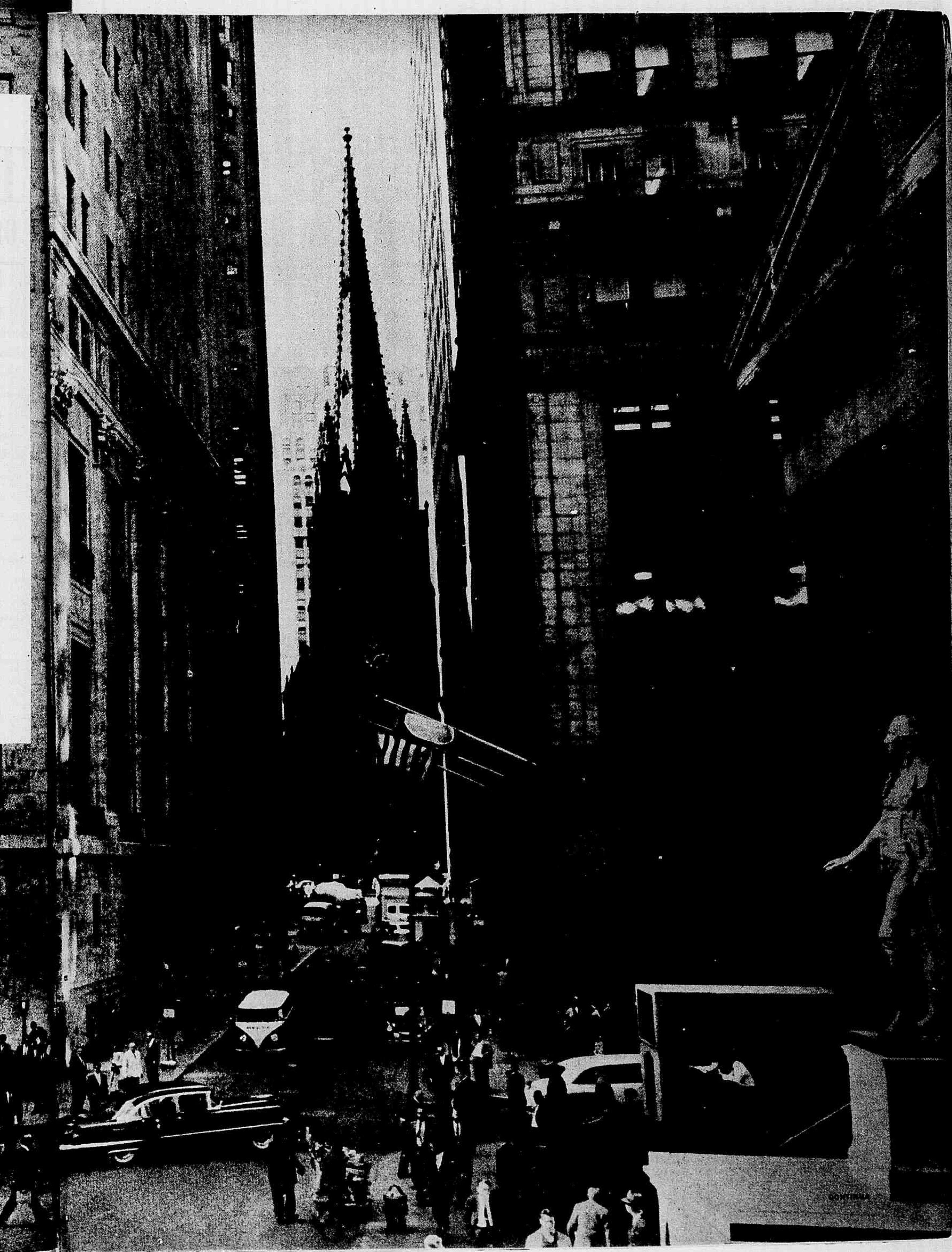
Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo ◆ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

WALL STREET

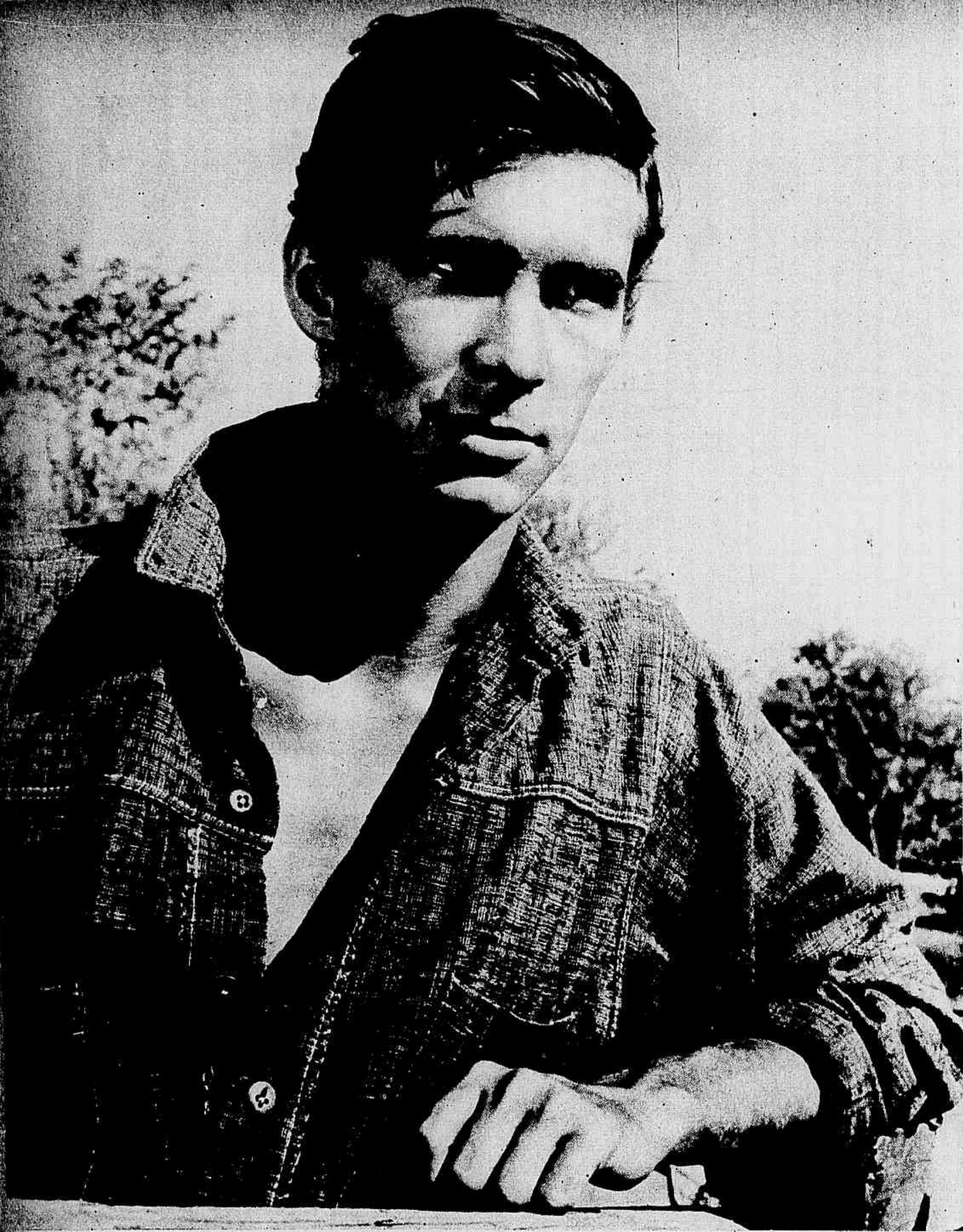
A FORTALEZA DO CAPITALISMO

WALL STREET é o mais completo e conhecido monumento capitalista do mundo. É fator vital no mecanismo econômico mundial, mas é também um símbolo. Aqui existe a maior concentração de instituições financeiras do mundo ocidental. Os inimigos do capitalismo dizem que daqui, movendo simples cordões, os americanos dominam a economia e a finança internacional. Wall Street já foi alvo dos maiores ataques comunistas. Quando os soviéticos querem simbolizar o formidável poderio norte-americano falam sempre «no polvo e nos tentáculos de Wall Street». Seu poder já se tornou lugar comum e seu nome é conhecido mesmo pelo homem comum, o chamado homem da rua. Mas símbolo ou realidade, Wall Street é realmente o coração do capitalismo norte-americano. Um coração que vibra com as grandes inversões e os rasgos de audácia, e que destrói milhares que não conseguem resistir às emoções que provoca. Mas por fora, nada faz adivinhar que ali muitas vezes se decide o destino do mundo. Uma estátua de Washington na esquina, o edifício da Bolsa (monumental) à esquerda, cidadãos que passam, apressados e indiferentes. Mais edifícios à direita, tão maciços e tão grandiosos, que «Wall Street» fica quase sempre na sombra. Os raios solares apenas refulgem ali, por momentos, fugazes, talvez, receiosos de ofuscar a poderosa fortaleza do capitalismo.





CONTINUA



CINEMA

(ELY AZEREDO)



Gary Cooper numa atitude característica em «The Friendly Persuasion», com Dorothy McGuire e Anthony Perkins. O jovem ator estudou cuidadosamente os maneirismos de Cooper para melhor fazer o papel do filho.



Anthony Perkins: 24 anos. Experiência de teatro e televisão. Contrato com a Paramount, sem exclusividade, para dois filmes anualmente. Gosta de tênis e piano. Olhos castanhos, concentrados no «script» durante as produções: «Para quem sai de casa às 5,30 da manhã e volta às 9, da noite (horário de «Friendly Persuasion»), uma boa cama é mais atraente que uma boa garota».

Anthony Perkins e Dorothy McGuire em «Friendly Persuasion»: filho e mãe em um lar de «Quakers» cuja paz a Guerra Civil ameaça. A companhia de Dorothy e a direção de Wyler foram a escola mais valiosa de Perkins.

CHAMA-SE ANTONY PERKINS A GRANDE REVELAÇÃO DE 1956

TRIUNFA AO LADO DE GARY COOPER EM «FRIENDLY PERSUASION»

(SUBLIME TENTAÇÃO), DE WILLIAM WYLER — O PARALELO COM JA-

MES DEAN NÃO PASSA DE RECURSO PUBLICITÁRIO, MAS O NOVO

ASTRO DE 24 ANOS REPRESENTA PERFEITAMENTE A «NOVA GERAÇÃO».



Estúdio: Allied Artists. Filme: «Friendly Persuasion». Cena: Dorothy McGuire, no papel de esposa de um agricultor da seita Quaker (Gary Cooper), procura convencer o filho a não contrariar o preceito básico de sua fé — «Não matarás» — tomando parte na Guerra Civil. Mas o rapaz quer provar que não é covarde: «Eu matarei se for preciso! Odeio a guerra — mas não posso voltar-lhe as costas!». Após o clássico «Corte!» do diretor (William Wyler) continuou o silêncio no palco de filmagem. Dorothy McGuire se voltou com os olhos molhados. O diretor não disse nada: aproximou-se do rapaz e pôs o braço em seus ombros carinhosamente. Gary Cooper virou-se para o ator e disse sério: «Esse menino será um grande astro».

«Friendly Persuasion», que no Brasil terá o título ridículo de «Sublime Tentação» (confundindo-se com «Sublime Devolução», «Sublime Inspiração», «Sublime Indulgência», «Sublime Obsessão», etc) surgiu em fins de 1956 nas telas dos Estados Unidos com notável sucesso de público e crítica. Anthony Perkins, o «menino», da proteção de Gary Cooper recebeu elogios consagrados da imprensa. Segundo uns, é «um jovem Gregory Peck». Na opinião de outros, «um jovem Gary Cooper» ou «um novo James Dean». A afirmativa mais freqüente é que se trata da «maior revelação jovem de Hollywood desde James Dean». O que não parece exagero. Para Wyler, que fez a fama de Audrey Hepburn em «A Princesa e o Plebeu», seu novo pupilo seria o mais importante novo astro de 1956.

Perkins é Perkins

A publicidade, manhosa, procura estabelecer paralelo com Jimmy Dean. Ambos se revelaram no cinema com 24 anos de idade. Interromperam a universidade pela paixão da arte dramática. Vieram do palco e do vídeo. Sofreram uma grave perda na infância: Jimmy perdeu a mãe aos oito anos; Anthony o pai, aos cinco. Ambos, logo de saída, tomaram Hollywood de assalto.

Procura-se ressaltar também a amizade do novo astro com Vampira, a exótica atriz de televisão que se apresenta em mortalha, reclinada sobre um caixão... Durante a filmagem de «Friendly Persuasion», Perkins saiu algumas vezes com Vampira: «Ela não usa mortalha quando saímos juntos». Mas o caso não merece importância. São águas passadas que se repetiram também nos primeiros tempos de Marlon Brando em Hollywood.

Tudo indica que Anthony Perkins é Anthony Perkins — e mais ninguém. Ator consciencioso e modesto, concentra-se num canto do set, nos intervalos, procurando identificação com o papel. Parece reservado e frio, mas em realidade é simpático e bem humorado. Mora num modesto hotel, sozinho. Pelo menos quando filmava «Friendly Persuasion» ainda não tinha automóvel: ia para o estúdio de carona. Tem olhos e cabelos castanhos e é comprido — quase da altura de Gary Cooper.

FILHO DE ATOR

Para Perkins, a carreira dramática veio naturalmente, sem as incertezas e angústias do adolescente Jimmy Dean. Nasceu em Nova York, a 4 de abril de 1932.



Richard Eyer, Phyllis Love, Cooper, McGuire e Perkins divertem-se num intervalo de filmagem, dos «Quakers» que interpretam no último filme de Wyler.

filho de Osgood Perkins, famoso ator de teatro e cinema. Desde seus primeiros tempos de estudante, dizia-se que tinha o tipo talhado para ator. A princípio respeitou a opinião do pai: primeiro os estudos, depois o show business. Mas só frequentou um ano a Universidade de Columbia.

Começou fazendo teatro de verão. Depois passou à televisão, onde chegou a tomar parte em produções importantes como as do Studio One, U. S. Steel Hour, etc. Finalmente conseguiu ótima oportunidade na Broadway: a peça «Chá e Simpatia», no papel do jovem estudante que duvida de sua virilidade até a primeira experiência com a mulher (Deborah Kerr) do professor. Ficou em cartaz 13 meses. «Chá e Simpatia» foi filmada no ano passado, mas um outro ator jovem, John Kerr (de «Paixões sem Freios»), substituiu-o ao lado de Deborah Kerr. Wyler viu a peça e o colocou em «Friendly Persuasion».

GRANDE CHANCE

Trabalhar com William Wyler não é só uma experiência proveitosa em prestígio. É um curso de cinema, uma oportunidade inestimável para o ator em formação. Audrey Hepburn, que já atuara sem destaque em alguns filmes, subiu instantaneamente ao estrelato pela mão de Wyler, em «A Princesa e o Plebeu». E o diretor das melhores performances de Olívia de Havilland («Tarde Demais») e Greer Garson («Rosa de Esperança»); de pontos altos na carreira de Kirk Douglas («Chaga de Fogo»); «Detective Story», Jennifer Jones («Perdição por Amor»); «Carrie», e Bette Davis («A Carta», «Pérfida»); e dos nove «oscars» de «Os Melhores Anos de Nossa Vida».

Wyler, disse um crítico francês, é «o mais europeu dos cineastas de Hollywood». A afirmativa nasce principalmente da sobriedade de diretor, que despreza a pirotécnica do subcinema e trabalha a serviço da história. «Friendly Persuasion» é seu primeiro filme em cores!

Perkins aparece ao lado dessa grande instituição de Hollywood que é Gary Cooper. O veterano ator (55 anos) tem uma de suas melhores atuações — dizem — num papel aparentado ao «Sargento York»: o homem religioso que repudia a violência, mas que não procura influir na atitude do filho ante a Guerra Civil e, por fim, orgulha-se da coragem dele.

Dois atores da fila anterior de Wyler, «Horas de Desespéro», também estão no elenco: o menino Richard Eyer e o «vilão» Robert Middleton. «Friendly Persuasion» baseado no livro de Jessamyn West, também tem Wyler como produtor e foi realizado para a Allied Artists.

NOVOS FILMES

A vista de algumas cenas incompletas de «Friendly Persuasion», a Paramount ofereceu logo a Anthony Perkins um excelente contrato de dois filmes por ano, sem exclusividade. E o colocou em «The Lonely Man» «The Jim Piersall Story» (biografia de um ídolo do beisebol) e «The Tin Star». Este, um «western» de Anthony Mann, tem Henry Fonda e Betsy Palmer.

Antes de «The Tin Star», Perkins esteve sob cuidados médicos por esgotamento. Mas não demorou fora dos estúdios. Entre seus projetos em pauta figuram filmes com Shirley Booth, Sophia Loren, Silvana Mangano. Já é cartaz, já é bilheteria. Será difícil segurá-lo.

A NOVA CENSURA DE HOLLYWOOD

O novo texto do Código de Produção (censura) aprovado pela Motion Picture Association, órgão que reúne as grandes produtoras de Hollywood...

PROIBE filmes que possam incitar violência ou ódio entre indivíduos de raças, religiões ou nacionalidades diferentes; ato sexual, perversões e doenças venéreas (como sempre); adultério e sedução explícitos ou justificados; o «beijo de boca aberta»; o estupro quando tratado em tom simpático ou cômico e quando não for essencial à história; a palavra aberto e o tratamento explícito, ligeiro ou cômico deste assunto.

Permite a eutanásia, desde que não apresentada «como coisa correta ou permissível»; o rapto de crianças, se tratado discretamente e com a devolução da criança; a nudez infantil, até há pouco proibida (mesmo aos bebês); a miscigenação (união entre pessoas de raças diferentes), antes limitada a tratamento dentro dos «limites do bom gosto»; a prostituição e escravidão branca, sem detalhes. Bordéis não podem ser claramente identificados e é indispensável um contraste com «padrões corretos de conduta».

PERMITE COM MUITAS RESTRIÇÕES o tráfico ilícito e o vício de entorpecentes. Os filmes não podem: justificá-los ou encorajá-los; abordar seus atrativos e os lucros do negócio; sugerir que o vício pode ser facilmente abandonado; mostrar preparação e aplicação de drogas ou seu uso e tráfico por criança.

GENTE DE CINEMA

★ **ERNEST BORGNINE** move uma ação contra a empresa Hecht-Lancaster (de Harold Hecht e Burt Lancaster) por «deduções fraudulentas» feitas em sua percentagem sobre os lucros de «Marty». Segundo o contrato, Borgnine receberia, além de 5 mil dólares, 2½% sobre os lucros durante cinco anos.

★ **OS IRMÃOS MARX** (Groucho, Harpo & Chico) reaparecem na «História da Humanidade» que Irwin Allen está produzindo e dirigindo para a Warner. Também encontraremos no elenco outros «desaparecidos»: Hedy Lamarr, que estava no cinema italiano; Ronald Colman, Edward Everett Horton e Peter Lorre.

★ **A WARNER** programou para lançamentos nos Estados Unidos um programa duplo formado pelos dois primeiros filmes de James Dean: «Vidas Amargas» e «Juventude Transviada».

★ **MICKEY ROONEY**, um dos «astros» de «O Preço da Audácia» aceitou concorrer como coadjuvante ao próximo «Oscar». Sua atuação, embora ótima, é muito pequena, porque a história se divide entre ele, Wendell Corey e Don Taylor.

★ **MUDADO PARA «The Prince and the Showgirl»** o título do novo filme de Marilyn Monroe, «The Sleeping Prince» (O Príncipe Adormecido).

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

ARTES

EM PARIS, um turista boliviano, de visita ao Louvre, após quedar-se imóvel durante muito tempo ante a «Gioconda», de Da Vinci — talvez a obra de arte mais conhecida, porque mais reproduzida, do mundo —, sacou do bolso uma pedra, e atirou-a contra o quadro, que sofreu ligeiros danos. A «Gioconda» sempre teve uma vida agitada, a ponto de, não faz muito tempo, ter sido furtada do grande museu parisiense. Mas, pelo que sabemos, é essa a primeira vez que sofre atentado de tal jaez. Quem será o autor da triste façanha? Um débil mental? Um bárbaro? Um poeta de vanguarda, revoltado contra a beleza clássica da obra de Leonardo?...

JAIME MAURÍCIO, que há tantos anos escreve para o «Correio da Manhã» uma boa seção de Artes Plásticas — o «Itinerário das Artes Plásticas» — tem prestado grandes serviços ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apoiando suas iniciativas, dando-lhes o máximo de destaque, fazendo sugestões e reparos, quando se torna necessário. O Museu acaba de reconhecer, publicamente, aqueles bons serviços, tornando Jaime Maurício seu Sócio Remido.

DE VOLTA de longa excursão pelo exterior, chegaram ao Brasil onze telas do Museu de Arte de São Paulo, compreendendo obras de Cézanne,

Watteau, Nattier, etc., etc. Essas telas serão apresentadas no Rio de Janeiro, próximamente, no Palácio das Laranjeiras.

O ANO que agora se inicia presenciará, no Brasil, uma grande exposição de Arte Etrusca, especialmente enviada pela Itália. Devíamos receber, do estrangeiro, outras exposições como essa. Mas, ao que parece, não fôsse a Itália — que já se lêz credora de nossa admiração e gratidão, graças ao envio da mostra de Caravaggio e seus contemporâneos — e ficaríamos totalmente à margem da grande arte mundial, em todos os tempos. Holanda, Bélgica, França, Alemanha, Espanha, nosso caro Portugal do Museu das Janelas Verdes, cheio de Nuno Gonçalves (que sem embargo foi à Inglaterra...), de Cristóvão de Figueiredo, de Bosch, Metsijs e tantos outros, quando vos dignareis enviar ao longínquo Brasil vossos tesouros artísticos?...

REALMENTE NOTÁVEL o sucesso de «Retrato de Portinari», de Antônio Callado, há pouco lançado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O público tem adquirido a obra, que não custa assim tão barato: cento e oitenta bem contados cruzeirinhos. O que dá mais gosto observar é que já há certo mercado para o livro de arte no Brasil, mercado de resto entusiasta e acolhedor.

GERSON TAVARES é um jovem artista brasileiro, partido há 3 anos mais ou menos para a Europa. Primeiro esteve em Espanha, depois, em Paris, agora encontra-se na Itália. Em Paris, aterrorizado com o número de pintores que se apinhavam pelas margens do Sena, com seus imensos cavaletes e palhetas, enforcou o ofício, certo de que a inflação de pintores terminará por avacalhar a pintura. Partiu então para Roma, onde realizou, e ainda realiza, infindáveis cursos de cinema, a arte do momento. Ao voltar ao Brasil, deseja encontrar emprego em alguma companhia cinematográfica, bom cinegrafista que é. Só esperamos é que não lhe dêem algum emprego público...

LE MOS, EM «Vers une Méthode dans les Études des Primitifs Portugais», de Malkiel-Jirmounsky (Lisboa, 1942), que durante o século XVI, toda pintura executada em Portugal era severamente controlada por fiscais do governo, que impediam ao artista qualquer afastamento do gosto e da maneira tradicionais. Ah! Osvaldo Teixeira, como não exultarias, se se restabelecesse, no Brasil, e contigo como censor, esse feio regulamento da terra de Nuno Gonçalves...

POESIA

RONDO

*Cansei de buscas e voltas,
vou enterrar-me na terra,
despedir toda a tristeza
que se espalha à minha volta,
abrir meus olhos de cega.*

*Ser sôzinha sem escolta
de sonho, riso ou promessa:
cansei de buscas e voltas.*

*Não pedir o que me negam
nem implorar que me soltem:
deixar-me só, como eu era
— um marco inútil na terra.
Cansei de buscas e voltas.*

YONE DE SA MOTTA

NOTAS E INFORMAÇÕES

PEREGRINO JÚNIOR vê-se a braços, presentemente, com séria crise na Escola Nacional de Educação Física e Desportos — de que é diretor. Os universitários exigem a demissão de Peregrino, que não se conforma. Já na Academia Brasileira de Letras as coisas andam melhor para o conhecido homem de letras, que vem de ser reeleito para a Presidência da Casa de Machado de Assis.

IMPRESSIONANTE, a lista de publicações para o corrente ano, da José Olympio. Entre as obras que deverão aparecer figura «A Vida Literária do Brasil», de Brito Broca, em quatro volumes. O livro que trata da vida literária brasileira no Novecentos já foi editado, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura.

SIMEAO LEAL fará ainda este mês dez anos na direção do acima mencionado Serviço de Documentação do Ministério da Educação e

Cultura, e por isso grande número de intelectuais cogita em organizar uma homenagem ao idealizador de «Os Cadernos de Cultura», que a merece sem dúvida mais do que ninguém.

ANIBAL MACHADO, que ano passado publicou pela Philobiblion seus «Poemas em Prosa», em tiragem limitada, lançará em fins de março seus já de há muito anunciados «Cadernos de João».

DEVERÁ SAIR em meados do corrente ano a antologia «Contistas Brasileiros», organizada por Saldanha Coelho especialmente para o Instituto Nacional do Livro. O volume será impresso em quatro idiomas.

ATÉ AO DIA 31 de janeiro estarão abertas as inscrições para os vários prêmios literários a serem distribuídos pela Academia Brasileira de Letras.

CONVERSA

com CAMPOS DE CARVALHO

Campos de Carvalho, com seu livro *A LUA VEM DA ÁSIA*, foi, a nosso ver, um dos melhores autores do ano de 1956. A novela saiu em princípios de novembro, e já inúmeros críticos e colunistas sobre ela se manifestaram, em termos elogiosos. É que a literatura de Walter Campos de Carvalho — mineiro, advogado no Rio de Janeiro, amigo e antigo companheiro de quarto de Mário Palmério, o vitorioso estreante de *VILA DOS CONFINS* — afasta-se grandemente de toda aquela tradição regionalista que justamente no romance de Palmério, e acima de tudo em *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, de Guimarães Rosa, parece ter atingido seu ápice. Campos de Carvalho segue caminho diametralmente oposto. Sua prosa incongruente, que por vezes atinge as raias do delírio e da alucinação à maneira de Ducasse, pareceu-nos não ter antecedentes, no Brasil. E isso mesmo assinalamos, em número anterior, ao analisar *A LUA VEM DA ÁSIA*.

Adivinhamos, atrás das páginas densas da novela de Campos de Carvalho, a figura humana de seu próprio autor. Forçosamente ele teria algo que transpusesse os limites acanhados de uma entrevista comum. Leia agora o leitor com cuidado as linhas que seguem, e verá que não nos enganamos. Até pelo contrário: Campos de Carvalho parece-nos ser o melhor e o mais interessante de seus personagens.

— Você é louco?

— Penso que não. Ou melhor: penso que sim. Esta é uma pergunta muito complexa, que eu só poderei responder dentro de uma semana.

— Desde quando escreve?

— Para ser franco, desde o ventre materno. Então, naturalmente, eu só escrevia em pensamento — ou, melhor dizendo, não escrevia, traçava rumos. O primeiro rumo que tracei foi aquele que me trouxe ao mundo — aliás, o único rumo ou saída que me restava. Lembro-me de que, então, já fui bastante violento.

— E qual o gênero em que sempre escreveu?

— Eu não escrevo em gênero, escrevo em espécie. Sempre tive dificuldade em situar-me em qualquer gênero conhecido, e cada livre meu cria-me o problema de ter de entregá-lo aos editores dentro de uma categoria definida, como eles pedem. *TRIBO* figura como ensaio, por não caber-lhe nenhuma outra definição; só se fôr ensaio no sentido de experiência, tentativa, coisa sem maior compromisso. Quanto a *A LUA VEM DA ÁSIA*, não chega a ser propriamente uma novela, como está na capa: quando muito será um novêlo, e por sinal que bastante emaranhado, que a mim mesmo me enche de perplexidade.

— E porque escreveu *A LUA VEM DA ÁSIA*? Alguma experiência pessoal?

— Eu nunca escrevo por um motivo particular, nem mesmo por mil motivos. Escrevo como quem dá à luz, por um imperativo da minha natureza mais íntima: se não o fizesse já estaria morto há muito tempo, envenenado pela multidão de fetos que irrompem dentro de mim. Se lhe interessa saber, tenho exatamente oito livros inéditos, sem contar outros tantos que rasguei ou joguei fora por imprestáveis. Sou prolífico como os peixes, e como os peixes costumo devorar as próprias crias, sem piedade de nenhuma espécie.

— Qual o seu processo de trabalho? Escreve sentado, deitado, a lápis ou a máquina?

— Escrevo geralmente andando, a menos que esteja dentro de um ônibus ou velando algum defunto, quando então sou obrigado a escrever sentado. Onde eu menos escrevo, mesmo, é sobre alguma mesa e em lugar tranqüilo; um dia ainda hei de fazer esta experiência, para ver se dá certo. Gosto de ouvir à minha volta, quando escrevo, toda espécie de barulho possível, de preferência palavrões ou blasfêmias as mais ferozes, que às vezes incorporo à minha literatura. Só não suporto mesmo é rádio alto, e nunca pude escrever sequer uma linha ouvindo tango argentino.

— Por que escolheu o humor negro como forma de expressão para a sua literatura?

— Eu não *ESCOLHO* o humor negro, como não escolho o tema dos meus livros, nem sequer a cor das minhas gravatas. Escrevo como me vem à cabeça, ou melhor, aos meus testículos, sem outra preocupação que a de ser sincero para comigo mesmo e de libertar-me de meus fantasmas. Tudo que tenho escrito, desde a primeira infância, tem a marca congênita dessa minha maneira de ser e de interpretar as coisas, e não vejo razão para violentar-me naquilo que tenho de mais íntimo e precioso.

— Planos para o futuro, tem algum?

— Gostaria de ver publicado o meu último livro inédito, mas penso que dificilmente encontraria um editor para ele. Seu título não é muito comercial — chama-se *AS BOSTAS* — e penso que o senhor mesmo não terá coragem de anunciá-lo com todas as letras, como seria preciso. Trata-se de uma coletânea de poemas em prosa, de uma virulência inaudita e completamente alucinados, à maneira de Lautréamont, mas sem cópia. Talvez ainda o publique por minha conta, em alguma impressora clandestina.

— No «Post-Scriptum» que inseriu em «*A Lua Vem da Ásia*», o senhor afirma que deixou de ser solitário, para se tornar solidário. Isso é: aquele livro já não representa o seu atual modo de sentir e encarar a vida. Por que?

— Porque viajei conhecimento com a obra de Schweitzer. Se fôsse solteiro e mais moço, partiria para a África imediatamente, a fim de ajudá-lo a tratar dos leprosos.

UM LIVRO

VILA DOS CONFINS, DE MÁRIO PALMÉRIO

O ANO PASSADO viu o aparecimento, entre outros, de dois romances de autores mineiros que conquistaram grande êxito, de crítica e de público: «*Montanha*», de Cyro dos Anjos, e «*Grande Sertão: Veredas*», de João Guimarães Rosa. O primeiro analisava a vida política e administrativa de uma região imaginária, *Montanha*, com seus personagens sinuosos, suas artimanhas e hipocrisias; «*Grande Sertão: Veredas*» contava apenas uma história singela, mas num estilo tão intensamente poético, tão original, que se transformou imediatamente no assunto do dia em todas as rodas literárias.

Pois bem: há alguns meses, surgiu um romance de estréia, igualmente de autor mineiro, que até certo ponto reúne as melhores qualidades quer do livro de Cyro dos Anjos, quer do de Guimarães Rosa; chama-se, o volume, «*Vila dos Confins*», e é seu autor um jovem e conhecido deputado, Mário Palmério (1). Não queremos dizer que haja influência de nenhum daqueles dois romances sobre o de Mário Palmério — mesmo porque tanto «*Montanha*», como «*Grande Sertão: Veredas*» e «*Vila dos Confins*» surgiram praticamente numa mesma época, e Mário já deveria ter pronto o seu romance quando surgiram os dois primeiros; mas que «*Vila dos Confins*» guarda estrito parentesco com as obras de Guimarães Rosa e com a do autor do «*Amanuense Belmiro*», parece-nos patente. Com «*Montanha*», «*Vila dos Confins*» se aparenta pelo tema — mais amplo em Cyro dos Anjos, mais modesto em Palmério; já com «*Grande Sertão: Veredas*», o parentesco dá-se graças ao estilo — verdadeiramente saboroso, num e noutro livro.

Não sabemos até que ponto a história do deputado Paulo Santos é autobiográfica; também ignoramos se «*Vila dos Confins*» baseia-se em fatos reais, ou em fictícios. De resto, para a literatura pouca importância isso terá. O que desejamos realçar é a evidente fluência com que escreve Mário Palmério, mormente nas partes descritivas, onde há achados verdadeiramente notáveis. Embora tenhamos notado, para as páginas finais, particularmente, certa aceleração no desenrolar do enredo, com evidente prejuízo do todo, e embora achemos que Palmério não sabe manejar os diálogos com a mesma mestria com que descreve situações, o estilo de Mário Palmério é dos mais simples e ao mesmo tempo dos mais agradáveis de que temos notícia, na moderna literatura brasileira de ficção. Não chega a atingir a grandeza poética do de João Guimarães Rosa em momento algum, é verdade: mas é estilo dificilmente igualável, que denota um escritor legítimo, estreando ainda, e já em plena posse de seus melhores atributos.

Se o estilo de Mário Palmério é, como dissemos, valioso, devemos agora dizer que seu romance, pelo tema, pelo cenário em que se desenrola, é apenas um livro a mais a seguir aquela tradição regionalista que parece ser a constante da ficção, no Brasil, desde tempos do Romantismo. Livro para ser lido, é verdade, com agrado, com aproveitamento, por parte do leitor; mas que nada vem a acrescentar à nossa prosa de ficção, nenhuma novidade vem trazer ao romance brasileiro.

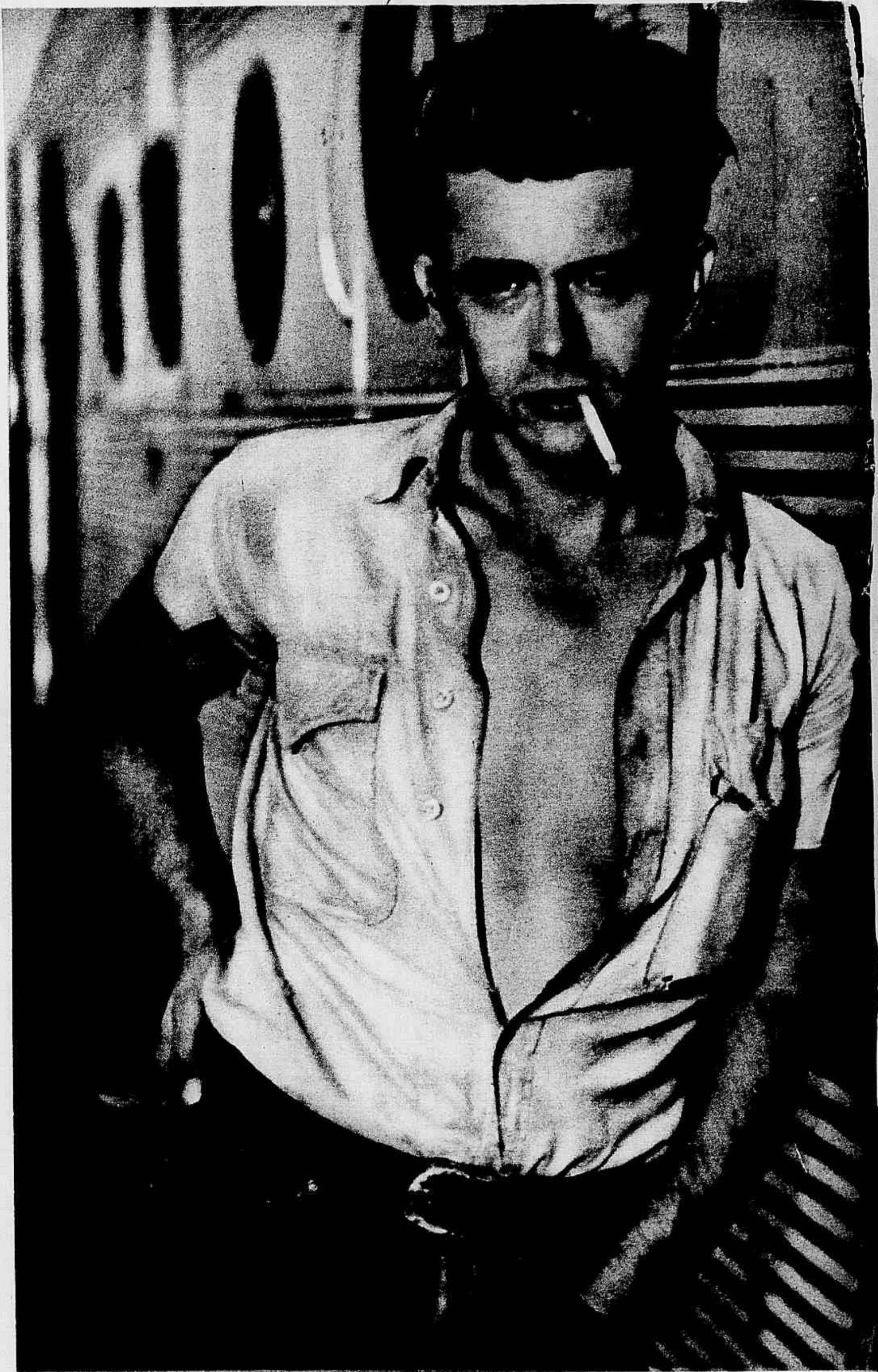
Bem sabemos que «*Vila dos Confins*» está sendo saudado como a estréia literária de 1956; reconhecemos o valor de Mário Palmério, prosador excelente, que só agora parece ter descoberto a própria vocação. Quêremos crer, todavia, que o romance brasileiro — e o próprio Mário Palmério — lucraria bem mais se o romancista mineiro, deixando de lado as sendas já desbastadas em demasia do regionalismo, se voltasse para novos rumos da criação literária, buscando dentro de si mesmo o cenário ideal para seus romances futuros.

(1) Mário Palmério — «*Vila dos Confins*». Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1956. 407 páginas. Capa de Poty.



Seu grande amor, Pier Angeli, quase fazia dêle um cavalheiro. Dean havia decidido se tornar católico para desposá-la. Mas não deu certo.

- O ÓRFÃO MÍOPE QUE SE TORNOU BELO, RICO E CÉLEBRE.
- MORTO A 160 QUILOMETROS POR HORA E AOS 23 ANOS DE IDADE.
- A JUVENTUDE NORTE-AMERICANA FÊZ INSCREVER SOBRE A SUA LÁPIDE ESTE ESTRANHO EPITÁFIO:



Calça azul, grosseira, camisa aberta, cigarro nos lábios foi a moda que James Dean legou à mocidade atormentada de nossa época.

JAMES DEAN

jamais te esqueceremos▶

**JAMES
DEAN**



A nossa juventude adotou também James Dean, e segundo parece, está também tocada pelo seu espírito. Porque este culto, um ano após a sua morte? Porque razão continua recebendo, semanalmente, cerca de 2.000 cartas de amor? Como explicar a misteriosa sobrevivência de um jovem que não fez mais que três filmes?

A REVISTA DA SEMANA responde a essas perguntas pela imagem e pelo texto. Através da imagem nas páginas que se seguem, o leitor verá a projeção do extraordinário filme da vida e morte de James Dean. Verá com todo o realismo, que estranha criatura ele foi, de que ele gostava, o que mais lhe desagradava, e o objetivo inacessível que perseguia.

Pelo texto: o leitor encontrará a apaixonante narrativa que John Hyams escreveu sobre James Dean. Mais que uma narrativa, é um precioso documento, pois, John Hyams não confiou somente nas suas recordações pessoais: entrevistou nada menos de 139 personagens, tendo, também, conhecido de perto ou de longe o jovem «herói»; andou 14.000 quilômetros sobre a pista da «jovem sombra». No romantismo de James Dean, revivido pela pena do seu amigo, o leitor reconhecerá os traços do novo romantismo da nossa época, e talvez compreenda melhor, para melhor amá-la, ou para melhor guiá-la, esta juventude que é a nossa juventude.

◆ DESINTEGRADO A 160 QUILOMETROS POR HORA

James Dean morreu do mesmo modo que Raymond Radiguet, isto é, no momento em que o seu talento saltava aos olhos do mundo. Seu furor pela existência só podia mesmo se acabar à margem de uma estrada desolada. As corridas automobilísticas representavam sua derradeira obsessão. Havia ganho em Palm Spring competindo com veteranos da pista, uma das mais espetaculares corridas; e seus concorrentes o consideravam uma ameaça tanto para eles, como para o próprio James Dean: «Tal era o seu desejo de ganhar que seria capaz de enfrentar qualquer perigo para chegar primeiro» — diziam eles. Seu empresário fê-lo prometer que não correria durante a filmagem do seu último filme: «Giant». Porém, mal cumpriu o que havia prometido, viu-se novamente possuído pelo demônio da velocidade. Inscreveu-se numa corrida que iria se realizar no dia 30 de setembro, em Salinas; disputaria com o seu Porsche que levava o nº 130. Mas nem sequer teve tempo de chegar. Por uma estranha reviravolta do destino, a estrada que o levava a Salinas e a sua desmedida paixão surpreenderam-no a 160 quilômetros por hora. Naquela mesma tarde, ele havia dito aos seus amigos: «Mesmo que eu viva cem anos, não terei tempo para fazer tudo o que quero».

◆ JAMES DEAN NÃO ERA COMO OS OUTROS RAPAZES

Jimmy era bastante diferente dos outros rapazes da sua idade. Ainda criança, quebrou

quatro dentes quando brincava num trapézio. Corria na sua motocicleta a 80 quilômetros por hora, deitado sobre a sela. Adorava a solidão e tinha um verdadeiro pavor de «se aprontar» para ir a qualquer lugar. Ator pelo espírito, esse revoltado ganhou várias medalhas de ouro nos concursos de dicção organizados pela «União das Mulheres Cristãs», da qual sua tia Hortênsia fazia parte. Um de seus professores da Universidade de Fairmont disse um dia: «Dean é um espírito agudo. Ele sempre sabe alguma coisa a respeito de tudo».

◆ NUNCA ESQUECEU O AMOR DE MÃE PERDIDO

Tudo indicava que o pequeno Dean ia ser uma criança feliz. Seus pais o mimavam em demasia, davam-lhe todos os brinquedos que ele desejava. Passava o dia inteiro ao lado da mãe, que gostava de brincar com ele. E chegara mesmo a construir um teatro de papelão, cujos atores eram bonecos de pano. Porém, quando Jimmy atingiu os nove anos, a brincadeira se acabou. Sua mãe morreu de um câncer no pulmão. Durante os anos de infância, conservou pendurado atrás da orelha uma mecha de cabelos que havia cortado da fronte de sua querida progenitora. Seu tio Marcus Winslow e sua tia Hortênsia levaram-no para Fairmont, e o criaram como se fosse um filho. Mas Jimmy continuava sempre sombrio. Às vezes, na sala de aula, irrompia em soluços. E quase todas as noites sonhava com a sua mamãe perdida.

◆ OS ÚNICOS DIAS FELIZES DE SUA VIDA

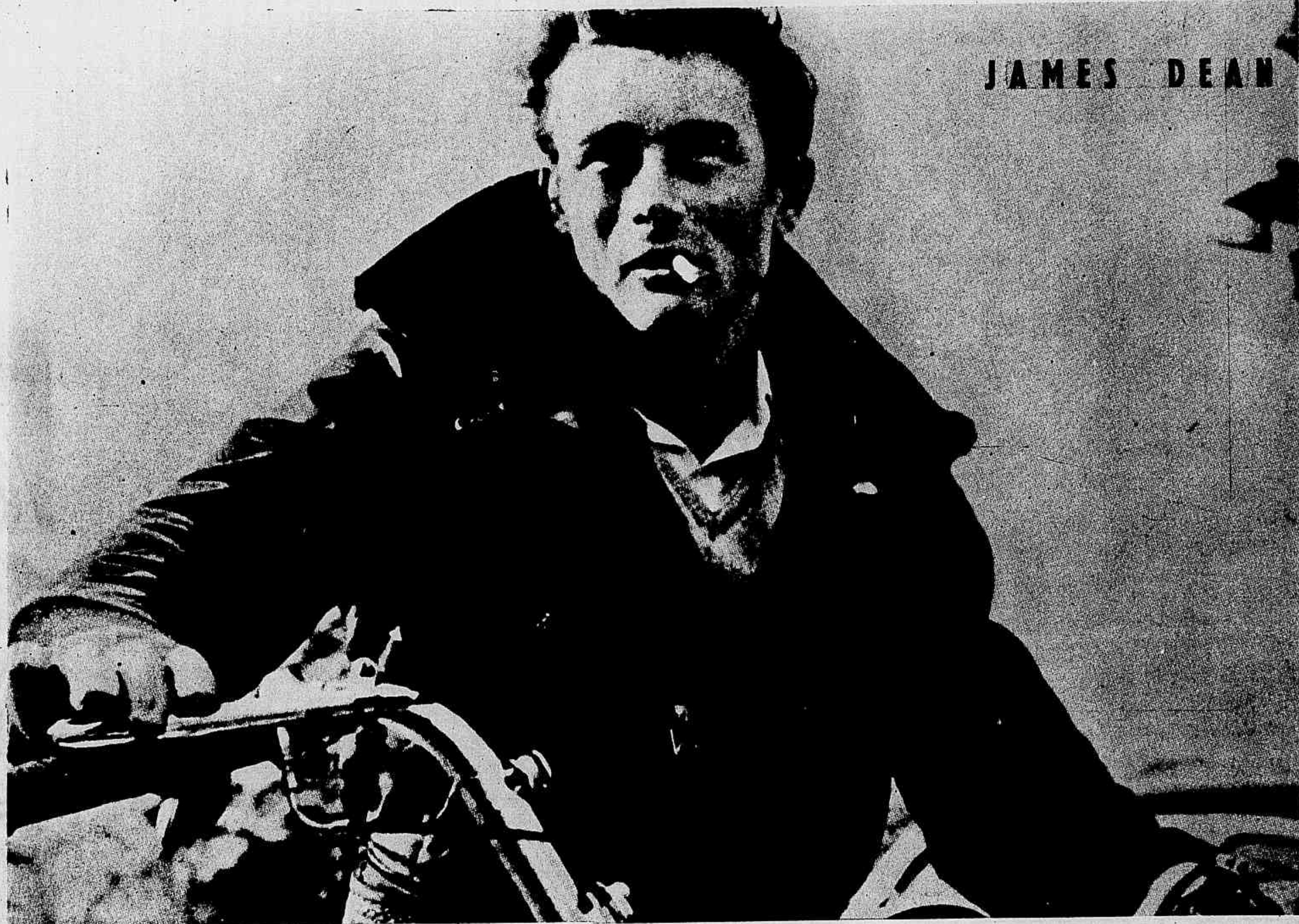
Na fazenda, James Dean tinha suas tarefas determinadas: ordenhar as vacas, escolher os ovos frescos e cuidar das galinhas. Ao fim do seu primeiro ano em Fairmont, já sabia dirigir um trator, e dois anos depois, um touro que ele havia criado, ganhava o grande prêmio da feira da região. Entretanto, suas horas de lazer eram prolongadas e, ignorando o medo, as empregava de uma maneira excêntrica. Certo dia, entendeu de montar num enorme touro que, furioso, lançou-o por terra. De outra feita, encontrou um livro sobre Yoga e começou a prender a respiração até desmaiar. Finalmente, resolveu tocar clarinete, como se fosse um profissional. «Porque razão é tão difícil tocar?» — Perguntava-se o tio, desorientado com este furor de viver.

◆ O INFELIZ AMOR DO SOLITÁRIO DE FAIRMONT

Quando os convidados saíram da igreja, viram do outro lado da rua, um jovem de óculos esperando qualquer coisa montado na sua motocicleta. Era James Dean que aguardava Pier Angeli, que vinha acompanhada do seu rival Vic Damone. E era nessa mesma igreja que, alguns meses antes, James e Pier Angeli haviam projetado se casar. Mas a jovem atriz não quis



Seu busto, que ele próprio havia encomendado, só foi concluído após a sua morte. Está colocado num lugar de honra no «hall» da escola de Fairmont.



Aos treze anos ganhou a sua primeira motocicleta. Nada arrefecia o seu amor à velocidade.

sacrificar o seu «metier» ao seu amor e, dócil aos conselhos maternos, recusou-se a acompanhar o jovem à Nova York. Jimmy não confiou os seus sofrimentos a ninguém. Depois fez amizade com um jovem agente de seguros que, como ele, havia sofrido idêntica decepção sentimental. Muito embora sãsse tódas as noites com outras moças, jamais conseguiu esquecer Pier Angeli. Quando seu cadáver foi retirado dos destroços do carro, encontraram a Medalha de Ouro de São Cristóvão que ela lhe havia dado e que ele jamais deixara de levar pendurada no pescoço.

♦ **SÓBRE SEU TÚMULO FLORIDO AJOELHA-SE UMA JUVENTUDE DA QUAL ELE ENCARNAVA AS INQUIETAÇÕES**

James Dean recebe, o culto fervoroso de toda a mocidade americana. Diariamente, dezenas de revistas falam sobre a sua vida e o seu destino, e vários livros lhe estão sendo consagrados mensalmente. Em quase tódas as cidades dos Estados Unidos existem «Clubes dos Admiradores de James Dean»; e cotidianamente, cinquenta dêsse admiradores, rapazes e moças, e duzentos aos domingos, vêm colocar flores no seu túmulo, trazendo ao pescoço uma medalha comemorativa com a sua effigie. Centenas de cartas che-

gam diariamente aos estúdios. São escritas por jovens de ambos os sexos que se dirigem ao James Dean de «Além-Túmulo». Os americanos explicam o culto a James Dean da seguinte maneira: o mal do século encontra nêlo o seu símbolo. E' o protótipo do jovem atormentado, inquieto, incompreendido, insatisfeito com as responsabilidades que a moral convencional fazia pesar sobre os seus ombros. A nova geração americana atravessa uma terrível crise. Prova isto o fato de que acaba de tomar como novo ídolo um cantor de jazz «rock and roll» — Elvis Presley — homem de rosto inquietador e olhar de delinqüente infantil.

♦ **TRES FILMES CONTAM A SUA VIDA**

Um adolescente louro, recurvado sobre um túmulo, murmurava palavras estranhas que o vento dispersava. Ele havia entrado no cemitério sem descer da sua motocicleta e ficara sobre a sela com o pé apoiado na borda de uma pedra sobre a qual se podia ler: «Mildred Wilton Dean. 1909-1939».

— Creio que ainda continuo mal, mamãe — murmurou o adolescente.

Retirou os óculos; seus olhos continuavam secos. Ah! Se ele tivesse podido chorar! Em voz baixa, reiniciou o seu diálogo, com o túmulo:



Não obstante a sua enorme popularidade e a grande fama, James Dean era um homem só



JAMES DEAN

A maior amizade de sua vida: Elizabeth Taylor. Ela dizia que James «tinha tanto gênio que dava a impressão de estar a ponto de explodir».

— Porque me deixaste, mamãe? Sofreste muito? Que acontece quando a gente está morto, mamãe, que acontece?

◆ CONHECE UM CAMPEÃO DE AUTO-MOBILISMO

Um de seus maiores amigos, o reverendo James De Weerd, apresenta-o a um campeão do volante, o famoso Cannonball Baker (O Bala de Canhão).

— Cheguei à conclusão de que Jimmy crê na eternidade — conta o reverendo. — Ele nunca sentiu medo da morte porque sabe, como eu, que a vida não é mais que um controle passageiro da matéria para o espírito. A matéria morre, mas o espírito é eterno.

Foi a este pastor que Jimmy fez as confidências que representam as principais chaves do seu misterioso caráter. Ele se julgava mau, muito mau; e não seria essa maldade responsável

pela morte da sua mãe? E porque seu pai não o conservou ao seu lado, senão por causa da maldade que ele representava? Depois, todos o consideravam mau; ninguém o amava.

O pastor se esforçou para tranquilizá-lo. Havia descoberto os dons do jovem e tentava por todos os meios encorajá-lo a fazer um concurso de declamação, organizado por um grupo literário. Jimmy conseguiu o primeiro lugar para grande surpresa dos seus tios, que de nada sabiam.

Mais tarde resolveram matricular o rapaz no Colégio de Santa Mônica na Califórnia. Posteriormente, na Universidade, quando fazia um curso de arte dramática, tornou-se amigo de um veterano da guerra mais velho que ele, chamado Richard Shannon.

— A nossa primeira leitura, no curso, — conta Shannon — foi um monólogo do «Hamlet». Nunca me interessei muito por Shakespeare; mas depois que ouvi Jimmy recitar o monólogo,

Ele corria a 160 km. por hora na Rodovia 41

a legenda do dramaturgo inglês tornou-se viva... Após as aulas discutíamos vários problemas. Jimmy se interessava por tudo. Considerava-o quase como a um filho e procurava responder a todas as suas perguntas.

— Deves entrar para o teatro — dizia Shannon a Jimmy. — Nascestes para isto.

◆ JIMMY ERA COMO UM ARCO-IRIS

Como era Jimmy nesta época? Shannon descreve-o assim: «Era como um arco-íris. Não se via nele uma só cor, mas várias. E muitas vezes todas as cores reunidas. A recordação que ele me deixou é a de uma luz muito brilhante».

Uma noite, depois da aula, Jimmy interpelou o seu professor:

— Sr. Whitmore — perguntou — que devo fazer para me tornar um ator?

— Você não tem mais nada a fazer — respondeu o professor. — Não deve desperdiçar a sua energia e o seu talento. Vá para Nova York, e logo verá se gosta da vida incerta dos atores. Estude. Aprenda a interpretar. Interprete.



Várias dezenas de admiradores e admiradoras vêm colocar flores no seu túmulo, em Fairmont.



em direção de Salinas, quando um veículo surgiu repentinamente de uma estrada transversal. Foi o fim da sua angústia e o princípio da sua mística.

E sobretudo: procure desprezar tudo o que é convencional e vulgar.

Jimmy olhou Whitmore por cima dos óculos.

— Você conhece alguma escola onde eu possa aprender? A melhor escola?

O professor lhe recomendou o curso de Elia Kazan.

— Não sei se ele vai aceitá-lo — ajuntou o mestre. — Mas não há melhor escola nos Estados Unidos.

Elia Kazan o aceitou.

Durante os três anos que passou em Nova York, Jimmy não arranhou mais que três amigos: uma jovem atriz, Arlene Lorca; seu agente de publicidade, Jane Deacy; e Leonardo Rosemann, um jovem compositor.

Encontrou Arlene Lorca numa tarde de verão, no Museu de Arte Moderna. Jimmy mexeu numa estatueta, e Arlene mostrou-lhe um cartão que trazia a seguinte inscrição: «Não tocar os objetos de arte».

— Que quer você? — Rosnou ele.

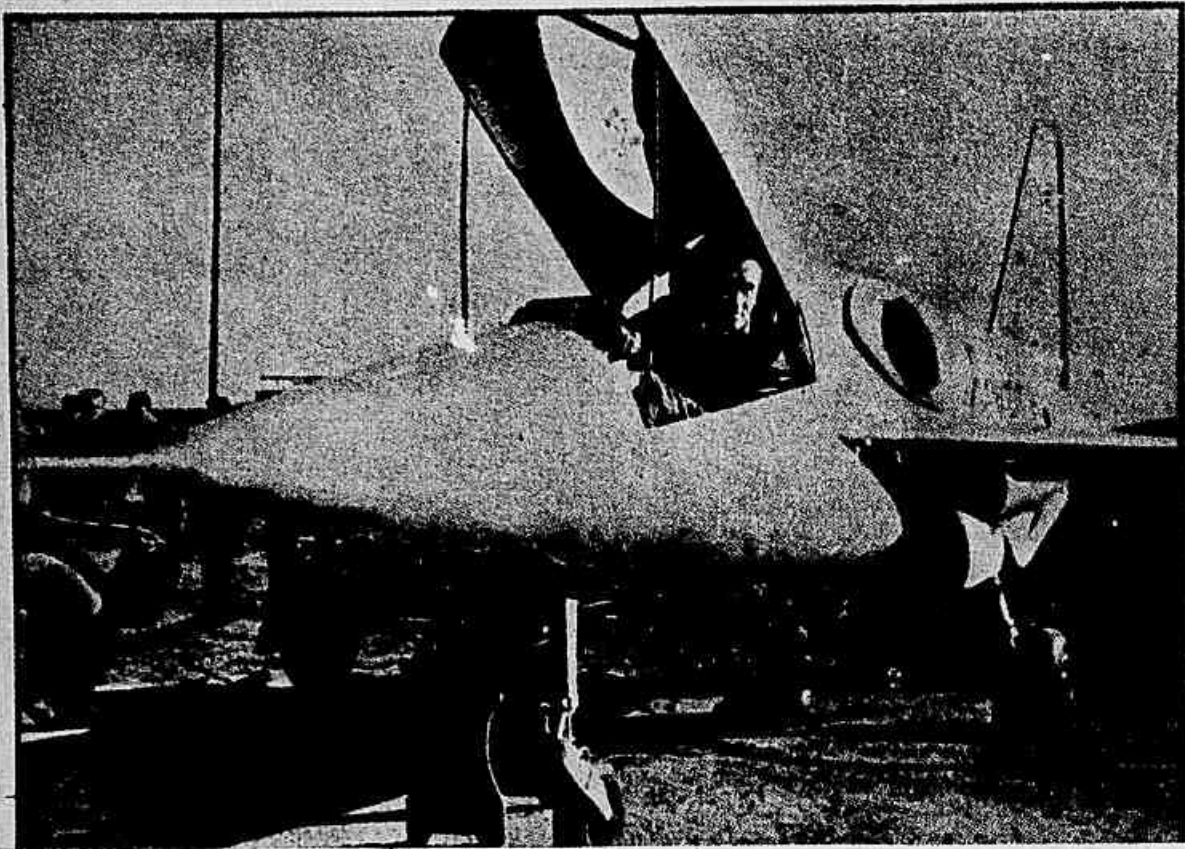
— Quero apenas que você se comporte bem — respondeu a atriz, sorridente.



Jimmy adorava sua mãe, Mildred, que ele perdeu aos nove anos. Estava sempre correndo para ela, mas seus pés se enterravam na areia.



Seu pai era dentista. Durante os nove anos que passou com o tio na cidade de Fairmont, Jimmy esteve com ele apenas três vezes.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



UM
NOVO
COMETA
AÉREO

Quando o Presidente da República Francesa, visitou o Instituto de Altos Estudos Aeronáuticos de Paris, ficou conhecendo um novo tipo de avião de caça que está sendo aperfeiçoado. Singularidades do novo avião: é levíssimo, tem uma velocidade assombrosa e uma resistência excepcional. Na foto, o novo caça (o Deltaviet) e o piloto de provas Fouquet.

ÚLTIMA FOTO DE SEYMOUR

Na foto (a última de sua vida) aparece o famoso jornalista David Seymour, morto no Egito, exatamente quando transpunha a linha neutra. Seymour que era correspondente de «Paris Match» morreu varado por uma rajada de metralhadora egípcia, quando, num jeep transpôs (inadvertidamente) a linha de demarcação. Foi o quarto jornalista famoso a perder a vida nesta confusão anglo-egípcia.



PUSKAS RECEBE SAPATOS

Os jogadores húngaros de futebol que estiveram recentemente na França, foram alvo de várias homenagens. E no jogo com o Racing de Paris receberam uma verdadeira consagração. Foram recebidos depois pelo Ministro do Exterior (no Quay Dorsay). Na foto, Puskas que os russos tendenciosamente deram como morto, aparece ao centro, escolhendo um par de sapatos que lhe foi oferecido.



O PRESIDENTE CORTA O CABELO

O Presidente da Costa Rica (José Figueres, considerado um dos grandes estadistas da América e um dos maiores oradores do mundo) esteve em Roma, absolutamente incógnito. Visitou ruínas, museus e monumentos, passeou pelas ruas, viu coisas e gente. E depois, calmamente, entrou num barbeiro e cortou o cabelo grande de vários dias.

SOFIA LOREN NÃO TEM NADA COM ALAN LADD

Depois de seu último filme, quando teve como companheiro Alan Ladd, surgiu o boato de um romance entre Sofia Loren e o ator americano. Mas falando aos jornalistas a bela italiana declarou que Ladd é um bom amigo e que entre ambos não há nada mais do que companheirismo e amizade. Na foto Sofia Loren numa cena de seu último filme dirigido por Jean Negulesco.

MONTGOMERY CLIFT VAI SER OPERADO

Terminado seu último filme (*Raintree Country*), Montgomery Clift foi internado em um hospital para submeter-se a uma operação cirúrgica. Desde que sofreu um acidente automobilístico, Montgomery ficou com um defeito num joelho, defeito que os médicos esperam corrigir com a operação. Quando deixar o hospital Montgomery começará imediatamente seu novo filme, que é a versão cinematográfica de uma comédia de Bernard Shaw (*«O discípulo do diabo»*). Sua companheira no filme será Elizabeth Taylor.

A EMBAIXATRIZ DEIXA ROMA

A Embaixatriz da Itália, sra. Clara Booth Luce, deixou Roma com destino ao seu país. Segundo se diz ela não voltará mais a Itália, sendo substituída pelo general Douglas Mac Arthur, ex-famoso general. Clara Luce pretende descansar um pouco e depois escolherá seu novo posto. Seu marido, o poderoso dono das revistas *«Life»*, *«Time»* e *«Fortune»* foi um dos mais decididos construtores da vitória de Eisenhower.



STALIN NÃO ESTÁ TÃO POR BAIXO

Apesar de todos os comunicados e de todas as entrevistas dos dirigentes russos, a «desestalinização», não se processa de acordo com o divulgado. Esta foto (tirada na Embaixada Soviética nos EE.UU.) mostra o embaixador russo Zarubin, cumprimentando o embaixador egípcio Hussein. E presidindo a cena, um retrato de Stalin, que ainda domina, tranquilo e majestoso o escritório de trabalho do embaixador russo.



GINA GRAVOU UM LONG-PLAY

Na foto, Gina Lollobrigida, aparece no estúdio de som de uma companhia italiana, gravando um «long-play» que será lançado dentro em pouco. Ao seu lado aparece Piero Piccione seu consultor musical, e a direita o maestro Jean Delonay.





TITO NA RUSSIA

Em plena fase de namoro com os russos, Tito visitou a Rússia, recebendo grandes homenagens, visitando inclusive, fábricas e parques industriais. Na foto, Krushev (em pessoa) leva Tito a visitar a muito famosa e heróica cidade de Sebastopol.



A VOLTA AO MUNDO DE MOTOCICLETA

Este jovem, Michel Brunelat, deixou o Havre e resolveu passar as férias na Iugoslávia. Levou sua moto pois é apaixonado desse esporte. Mas chegando a Iugoslávia, gostou da viagem e resolveu prosseguir. Foi a Itália, Grécia, Turquia e Índia, e agora está com vontade de terminar o começado e dar logo a volta ao mundo.

O FAMOSO ROKOSSOWSKY

Este cavalheiro (perdão, camarada) que já não tem mais onde colocar medalhas, é o muito famoso e (outro) guerreiro, Rokossowsky, da União Soviética. Acaba de pedir demissão do cargo de ministro da Defesa da Polónia, onde já estava há 6 anos.



POR ESSE MUNDO DE DEUS

VINICIUS FICOU NOIVO NA ITÁLIA

O nosso muito conhecido Vinicius, no momento ídolo do futebol italiano ficou noivo desta linda calabresa, senhorita Flora Picaglia. O casamento está marcado para março de 57, depois de terminado o campeonato.



SUA ALTEZA, O RECRUTA

O príncipe Pedro da Iugoslávia foi chamado para o serviço militar. Apresentou-se e começou logo o treinamento. Na foto, o príncipe limpa seu fuzil, mas vê-se que a ocupação não o seduz muito, pois está com cara de poucos amigos.





AVA DOMINOU EM 56

1956 pode ser considerado o ano de Ava Gardner. Movimentou-se bastante, fez vários filmes, esteve na Itália e em outros países. E agora, foi considerada em Hollywood como a melhor atriz de 56. Também anunciam o seu casamento com o simpático Walter Chiari. Esse casamento, diga-se, vai causar invejas iguais a homens e mulheres de todo o mundo. Pois Ava é o sonho de milhões de marmanjos, por esse mundo de Deus. E Walter Chiari está na linha da imaginação de toda uma geração.



Seiva de Alfazema

Lavanda Extra



Quando a sua presença é "mais notada" a comparação torna-se imperiosa. A mensagem sublime da Seiva de Alfazema será o fiel da balança...



39,90

88,00

175,00

Criações

Phebo

Epoca

PERFUMARIAS PHEBO



REVISTA DA SEMANA —

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO LIDA

AZASO - EB-3

FALANDO AO LEITOR

Continua a magnífica repercussão da seleção que apresentamos (pela primeira vez no Brasil), das 10 mulheres mais bonitas. Já de 6 Estados nos chegaram pedido de licença (concedido) para publicação da reportagem. Centenas de cartas atestam também o acerto dos selecionadores, e a beleza real das mulheres selecionadas. No Rio, a lista das 10 mulheres mais bonitas foi publicada pelo «Diário Carioca» e apresentado também pela TV-Rio, no programa Manoel Jorge. Muitas cartas nos pedem reportagens com cada uma das 10, principalmente com d. Tereza de Souza Campos que é conhecida em todo o Brasil. A todos agradecemos as referências, não só sobre essa reportagem como também sobre a nova «Revista da Semana».

O sr. Alcides Gonçalves Ribeiro quer saber se vai haver pacificação política e reforma ministerial com a inclusão da UDN. Achamos muito difícil, sr. Alcides. Temos a impressão que a reforma ministerial não demora. Mas será executada sem a UDN. Acidentalmente alguns elementos da UDN poderão colaborar com o governo, mas a UDN como Partido é quase impossível. É grande ainda o pavor que o Partido do Brigadeiro tem pelo sr. Carlos Lacerda, para se arriscar numa jogada dêsse porte.

O sr. Jorge Rabelo (Pôrto Alegre, R.G. do Sul) pergunta se o sr. Jango Goulart será candidato a Presidente ou se tentará o governo do seu Estado. Ainda é muito cedo, sr. Jorge, para dizer qualquer coisa. Vocês que são gaúchos que se entendam. Não é melhor?

O sr. Francisco Gonçalves Pereira, escreve sobre a reportagem publicada no número 52 (Irene Von Delingshausen e Tutsi Bertrand) e diz: «gostei sim e muito. Pena que o tempo tão rude destrua tanta beleza. Ao repórter, meus parabéns. Ao secretário, muito obrigado».

O sr. Milton de Andrade diz que tem apreciado muito a nova linha da «Revista da Semana» e gostado extraordinariamente do estilo e da coragem do repórter Mauro Braga. Gratos. As referências foram transmitidas.

De S. Paulo, o sr. Jordan Fela Jordan, diz que a «Revista» que foi apreendida deveria ser devolvida às bancas, pois não continha nada que pudesse ofender o pudor e a moral. Gratos, sr. Jordan. A reportagem tão discutida era apenas um estudo sobre o último filme de Maria Felix e que será exibido dentro em pouco.

O sr. Mário Dias Moreira pergunta se o time do Honved que vem ao Brasil brevemente trará os craques da seleção húngara. Há muita confusão sobre a vinda ou não do Honved. Mas uma coisa é certa: se ele vier, será com os Puskas, Grocsiks, e outros jogadores que formam a base da famosa seleção Nacional da Hungria.

MARIA FERNANDA. (ANTES DO CASAMENTO) VEIO VER UMA ÁRVORE E O MAR

NA LADEIRA DO ASCURRA
A ÁRVORE DA ESTRELA ★
VISITOU UM DEPUTADO,
UM JORNALISTA E UM HU-
MORISTA ★ OS PÉS SÃO
UMA BELEZA ★ O CINEMA
BRASILEIRO CONSEGUIU
ENFEIÁ-LA ★ O CASO
COM WALTER PIDGEON, E
TRÊS VERSÕES ★ AGO-
RA, CASAMENTO



Região de Carlos Lemos
Yllen Kerr





Os olhos mais amendoados

As sobrancelhas estão grossas.

QUANDO entrei na redação do jornal, encontrei Maria Fernanda, artista do teatro brasileiro. Perguntas sobre saúde e:

- Você por aqui, fazendo o que?
- Vim visitar os amigos, principalmente Cavaca. (A história do humorista é outra e conto adiante).
- Estou falando é aqui, no Rio.

— Vim matar as saudades e rever coisas.

— Por exemplo?

— Uma árvore da Ladeira do Ascurro

— Mas por que uma árvore?

— Quando era menina, passeava muito por ali. Escolhi uma árvore, para ser a **minha árvore**. Vim vê-la.

— Só?

— Também o Largo do Boticário, toda Laranjeiras e as ladeiras de Santa Teresa. Depois, praia.

— Mas por que isso, agora?

— Por nada.

Maria Fernanda, de olhos grandes, não disse que era quase uma despedida de sua vida de solteira. Maria Fernanda casou, dia 23 de dezembro, em São Paulo, onde mora atualmente. Sua visita ao Rio, foi antes dessa data.

Inteligente e culta como poucas, a moça que faz teatro, cinema e televisão, além de ter estudado ballet, música e declamação, tem, também, o seu lirismo puro. Quando contou a história da árvore da Ladeira do Ascurro, não supunha que ela seria publicada. Foi uma fala espontânea.

Maria Fernanda esteve poucos dias no Rio. Correu os lugares que queria, foi a praia — Copacabana, entre o pôs três e o quatro — reviu amigos.

Na «Tribuna da Imprensa», onde a encontrei, fôra visitar o autor e o diretor de «O Rio», que estreou: Carlos Lacerda e Oswaldo Waddington. Fôra, também, ver Don Rossé Cavaca, o humorista.

OS PÉS DE MARIA FERNANDA

Maria é toda bonita. Olhos grandes e claros. Cabelos pretos. Nariz afilado. Rosto oval e boca bem cortada. O sol queimou sua pele.

Mas os pés de Maria Fernanda são famosos. Quem lhes descobriu a beleza foi Don Rossé Cavaca. Falando sério, sem fazer graça, o humorista fez, em sua coluna, a «Ode à moça que entra em cena descalça».

Desde esse dia ficaram amigos. Os pés de Maria Fernanda são, realmente, bonitos. E o galanteador sem imaginação diz logo:

— De ponta a ponta a melhor!

MARIA FERNANDA. (ANTES DO CASAMENTO)

Os olhos merecem atenção especial.



COMEÇOU COM OFÉLIA

Maria Fernanda começou em teatro com 17 anos, no Teatro do Estudante, de Pascoal Carlos Magno, fazendo Ofélia, no Hamlet, de Shakespeare. Ganhou bolsa de estudos em Paris e foi estudar com Marcel Morceau. Frequentou, também, as aulas do Teatro Mavigny, curso de Jean Louis Barrault. Foi para Londres, onde estudou no Old Vic.

Voltou ao Brasil e montou, no Ginástico, «O Carteiro do Rei», de Rabindranath Tagore, sob o patrocínio da Embaixada da Índia. A tradução da peça foi feita por sua mãe, Cecília Meireles.

Pela primeira vez, uma artista brasileira viveu o papel de um menino de sete anos. Ganhou o prêmio de «Revelação de atriz».

CINEMA CONSEGUIE ENFEIAR

Depois, tentou o cinema. Fez «Terra Violenta», baseado no romance «Terra Sem Fim», de Jorge Amado. Atlântida e Anselmo Duarte. O cinema brasileiro, com sua técnica apurada, seus recursos e tudo de melhor que existe (Deus que me perdoe!) conseguiu fazer com que Maria Fernanda aparecesse feita. Como atriz, escapou.

Voltou a França. No Brasil outra vez, sempre sem se prender a grupos, fez, com os Artistas Unidos, no Copacabana, «A Cegonha se diverte». Não chegou até o fim da temporada, pois filmou outra vez.

Levou três meses em Cabo Frio, fazendo «Luz Apagada», para a Vera Cruz. Quando vieram para o Rio, e montaram o filme, descobriram que só tinha 20 minutos de projeção. Voltaram a Cabo Frio e, depois de enxertarem o enredo, completaram. Maria Fernanda escapou.

Foi para a televisão, em São Paulo. Com a Companhia Dramática Nacional fez várias peças. Entre elas, «Casadas Solteiras», de Martins Pena.

Em «Senhora dos Afogados», de Nelson Rodrigues, tinha uma «ponta», no último ato. Deu parte de doente e escapou.

Com a companhia, viajou até o Norte. Voltou a São Paulo para fazer, com a companhia, o filme «Três Destinos».

UM ESCÂNDALO E TRÊS VERSÕES

Compareceu ao Festival de Cinema de Punta Del Leste, no Uruguai. Lá, surgiu o incidente com Walter Pidgeon, sobre o qual existem três versões:

1 — Desde Hollywood, o americano já tinha o plano de armar uns dois ou três escândalos com artistas femininas dos lugares onde andasse, para limpar, um pouco, sua reputação masculina, que andava abalada.

2 — Houve, realmente, romance, do qual Maria Fernanda, depois, arrependeu-se e procurou ocultar.

3 — A artista foi convidada pelo fotógrafo a fazer algumas poses com o americano. No meio da reportagem, Pidgeon segurou Maria Fernanda e disse: «Vou mostrar como um ator americano beija uma brasileira». Beijou-a, sem compromisso, e o fotógrafo registrou. Maria tomou o filme e como não quisesse devolvê-lo, já que não precisava dessa espécie de publicidade, foi ameaçada de um escândalo pelo repórter. Velou o filme e o escândalo foi feito.

Essa última versão é a apresentada pela artista.

«O RIO» DE CARLOS LACERDA

Convidada a estrelar «O Rio», do jornalista Carlos Lacerda, passou a fazer viagens semanais Rio-São Paulo. Filmava às segundas, terças e quartas. Ensaiaava nas sextas, sábados e domingos. Com 15 ensaios, entrou em cena.

Voltou a São Paulo, onde fez teatro, com Odilon, e televisão. Na TV-Tupi representou Scarlet O'Hara, de «... E o Vento Levou».

Agora, está ensaiando, outra vez, «O Carteiro do Rei», de Tagore. Interrompeu os ensaios para casar com um diretor da televisão onde trabalha, está, outra vez, no Rio, em lua de mel. Depois, São Paulo, teatro, cinema e televisão.



Todo cuidado é pouco
para os lábios.

VEIO VER A ÁRVORE E O MAR



O nariz dá algum trabalho



ALENCASTRO GUIMARÃES

Figurante assíduo das seleções de elegantes. Coisa que ele é realmente. Desde que deixou o exército em 30 e ingressou na administração civil, sempre foi notado como um dos homens de mais charme e de mais «aplomb». Já foi diretor dos Correios, diretor do Lóide, chefe de Gabinete do ministro da Viação, diretor da Central (autor da sua eletrificação) vereador, senador e ministro do Trabalho. Amigo de Getúlio Vargas durante mais de 20 anos, brigou com ele em 50, quando de sua volta ao governo. Sua vida tem sido carregada assim sobre o romântico, e o coronel Beijo Vargas diz que ninguém no Brasil já inspirou tantas paixões como o senador Alencastro Guimarães. Veste-se sempre de cinza escuro, frequenta boites com regularidade e mesmo quando ministro não deixou de comparecer para assinar o ponto. Se não fôsse sua amizade a Juarez Távora teria apoiado a candidatura Juscelino e provavelmente seria ministro novamente.

OS 10 HOMENS MAIS ELEGANTES DO BRASIL

O mais famoso dos elegantes brasileiros chama-se Carlos Eduardo de Souza Campos. E, diga-se de passagem, Didu melhorou muito a linha da sua elegância, ganhando em sobriedade e em verdadeiro *appeal*. — Horácio Lafer, padrão de elegância, aristocracia e dignidade. — O Senador Artur Bernardes é um dos últimos jogadores de xadrez da política brasileira. — O Senador Gilberto Marinho foi deportado do Rio Grande em 30, porque os rapazes não lhe suportavam a concorrência. — O Embaixador Negrão de Lima, o gélot e o sapato branco. — Uma injustiça agora reparada: Neder João Neder há muito deveria estar figurando nas listas de elegantes. — O Conde João Leopoldo Modesto Leal, sua elegância, seus automóveis e as paixões que provocou em solteiro. — A sociedade carioca trata o elegante Nelsinho Batista, com um carinho e uma ternura fora do comum. — O Coronel, Ministro e Senador Alencastro ainda corre um páreo de elegância com os próprios filhos. — E o jornalista Assis Chateaubriand (vejam foto ao lado) é um dos últimos homens a usar chapéu e a tirá-lo galantemente para as mulheres. — O poderoso senhor dos "Associados" é um verdadeiro cavaleiro da idade média perdido numa época anti-romântica.

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de CARLOS e A. FERREIRA

ASSIS CHATEAUBRIAND

O sr. Chateaubriand é um homem tão surpreendente e extraordinário que conseguiu até subverter os padrões clássicos da elegância, e entrar nesta seleção, sendo baixo e quase gorão. Mas que é um homem elegante, não há dúvida nenhuma. Um dos últimos a usar (ainda) chapéus, e a tirá-lo galantemente para as senhoras. Está sempre de colête, faz longas e intermináveis viagens de avião, e salta ledo e arrumado como se estivesse saindo de casa, e com as calças irrepreensivelmente vincadas. É elegante ainda por muitos motivos. Seu jeito de andar (jogando as pernas ligeiramente para a frente) é

nobilíssimo e prova que jamais envelhecerá. Dono do mais possante império jornalístico da América do Sul, que não sobreviverá a sua morte e desaparecerá com ele. Talvez seja o homem mais poderoso do Brasil. Mas certamente é um dos mais bem sucedidos. Consegue tudo que quer, e já quis muita coisa. Tem pouquíssimas admirações, está sempre cercado de bajuladores de quem se serve continuamente e a quem humilha em toda as oportunidades. Seria uma experiência curiosa e apaixonante, ver o sr. Chateaubriand na Presidência da República. Mas com toda a certeza o país não seria o mais prejudicado.

e
a
o
i-
s
r-
n-
o.
ar
l,
A
a
a
s
u
o-
a

A





Carlos Eduardo de Souza Campos

CARLOS EDUARDO DE SOUZA CAMPOS

Um dos homens mais famosos do Brasil e popularizado, (diga-se), exclusivamente devido à sua elegância. Já virou símbolo, mito, legenda, e mais não sei o quê. Em qualquer lugar do Brasil duas coisas serão conhecidas imediatamente: Coca-cola e Didu, embora as duas coisas não tenham relação entre si. Já foi frívolo, blasé e enfiado, mas hoje é um banqueiro compenetrado e respeitado. É impressionante a modificação operada nos últimos 3 anos no comportamento e até na personalidade do sr. Carlos Eduardo de Souza Campos. Dominou e eliminou os exageros de sua indumentária (que lhe

davam um ar de manequim ducal) e hoje apresenta-se como um homem natural, tranqüilo, sem sombra de pose ou arrogância. Dono de um excelente espírito esportivo, recebe as críticas (e já tem recebido algumas contundentes) com o melhor sorriso, sem pensar sequer em vingar-se ou revidá-las. E isso (sabemos) é raro no «society» carioca. Casado com a ultra famosa Tereza de Souza Campos, frequentadora assídua das listas de elegância, e que este ano foi considerada uma das 10 mulheres mais bonitas do Brasil. Tereza e Didu formam o que se convencionou chamar carinhosamente de casal 20.

LEOPOLDO MODESTO LEAL

Há muitos anos que o Conde Leopoldo passeia sua elegância pelas praias, pelas buétes e pela sociedade carioca. Já teve mais casos amorosos que qualquer outro representante de sua geração. Hoje está casado, pai de filho, é banqueiro e embora tenha cara de juvenzinho, já passou dos 30. Os mais diferentes carros (e os mais bonitos) já foram propriedade sua. Veste-se sempre muito bem, fica elegantíssimo de roupa esportiva (uma síntese do seu bom gosto e o da Casa Otto onde se abastece), é alto, sem sombra de gordura, e já tem muita coisa para contar ao seu filho nas embaraçadas perguntas que por certo virão. Bom camarada, impossível de se aborrecer. Característica marcante: ninguém (nem mesmo o seu amigo Carlos Eduardo de Souza Campos) põe um «smoking» com o aplomb e a classe do jovem e simpático João Leopoldo Modesto Leal.

ARTUR BERNARDES FILHO

Elegante por vocação, por formação e por direito de conquista. Elegante no vestir, no falar, no tratar e no receber. Elegante fazendo discurso de oposição no Senado ou dizendo galanteios a uma senhora no salão mais requintado. Já mandou muito neste país, já esteve exilado, conhece quase o mundo todo, e se não fosse displicente, poderia escrever suas memórias, que seriam excelente contribuição ao estudo de uma época. Seus amigos dizem com carinho: «é um dono do mundo». Seus inimigos dizem com raiva: «é um dono do mundo». Como se vê, conseguiu esta coisa inédita e desconcertante que é juntar amigos e inimigos no mesmo julgamento. Em política é um dos últimos jogadores de xadrez, herdeiro direto de Pinheiro Machado e Antônio Carlos. Prepara uma jogada às vezes com 3 anos de antecedência. Tem ramificações em setores os mais diversos, não apenas no Brasil. Em Nova Iorque organizou um encontro entre o sr. Juscelino Kubitschek e 16 velhos, que tinham cada um deles mais dinheiro do que o Brasil. Dentro de 3 meses (ou menos) adversários e correligionários do sr. Artur Bernardes Filho se surpreenderão. Mais uma de suas tranqüilas jogadas de xadrez terá chegado ao fim. E ele terá sido (mais uma vez) o vencedor.

GILBERTO MARINHO

Dizem que o Cel. Gilberto foi deportado do Rio Grande do Sul em 30 (aproveitando a revolução) pelos rapazes enfurecidos com a preferência que lhe di-



Artur Bernardes Filho

savam as mocinhas da capital. Dizem também que o Coronel era absoluto e que não dava vez a ninguém. No Rio (onde chegou com a mesma fúria) não demorou muito e já era o dono da praça. Tem ocupado tantos cargos que é difícil enumerá-los. Foi sub-chefe da Casa Civil do Gen. Dutra (apesar de ser militar), secretário da Prefeitura, Diretor da Caixa Econômica. Eleito Senador (com a ajuda do sr. Carlos Lacerda) mudou o setor de atuação, mas as vitórias continuam se enfileirando. É um desses privilegiados do destino a quem tudo corre bem. Descobriu a Europa há pouco (voltou desilustrado) e não demora muito está batendo outra vez por lá. Ainda tem 8 anos de mandato de Senador, e até a época da reeleição (em 1962) muita coisa ainda acontecerá na sua vida. Em elegância, seu mestre (e sua admiração) chama-se Carlos Eduardo de Souza Campos. Nota-se isso ao primeiro olhar ou à primeira conversa. Combina muito bem (às vezes até com exagero) meia, camisa e gravata, mas não há dúvida que além da elegância é um homem de charme e de sucesso pessoal.

NELSINHO BATISTA

O atual Diretor de Turismo do Distrito, é sem sombra de dúvida o «enfant-gâté» da sociedade carioca, com

Gilberto Marinho.



Leopoldo Modesto Leal.

ELEGANTES DE 1956



Nelsinho Batista.

amificações muito intensas também em São Paulo. É impressionante o carinho e a ternura com que Nelsinho é tratado por todo mundo. Não tem um só inimigo, é amigo de infância das pessoas mais diversas e variadas, sabe (e conta) histórias divertidíssimas, e num bar ou numa buate é o melhor companheiro para um baile-papo. Se com ele estiverem Fernando Ferreira, Aluizio de Salles, Antônio Maria e João Condé, então, estejam certos, o «seven to seven» do Sacha's será ultrapassado facilmente. Tem viajado muito, foi secretário do Coronel Amílcar Dutra de Menezes no DIP, e tem histórias interessantíssimas desse tempo, que só conta para auditórios especiais. É alto, verdadeiramente elegante, apaixonado pela própria esposa (o que não é vantagem sendo casado com quem é) e está se transformando rapidamente num homem de negócios próspero e respeitável. Alto funcionário da Sumoc, cargo que continua a exercer, apesar das suas novas ocupações no turismo.

JOÃO NEDER

É uma injustiça que o sr. João Neder até hoje não tenha figurado nas listas nacionais de elegância. Injustiça também cometida por nós, quando em 1952 orga-

João Neder.



Horácio Later.

nizamos na Manchete a primeira lista desse gênero já feita no Brasil. Trabalhou em vários jornais cariocas («Correio da Manhã» inclusive) e já foi dono de «A Vanguarda», que teve a melhor fase quando dirigida por Joel Silveira. Tem o melhor e o mais variado círculo de relações, principalmente sabendo-se que é ainda bastante jovem. Há 3 anos (quando foi operado) deixou tonto e desorientado todo o hospital, pois nunca se viu um doente receber tanta visita e de tal categoria. Sua elegância se filia ao tipo displicente, com a mesma sobriedade e a mesma ileuma de Sir Anthony Eden. Médico e Professor da Prefeitura, é amigo do sr. Negrão de Lima, mas nem pediu para ser dispensado do trabalho. Sua grande admiração e sua total amizade, é sabido: vão para o sr. Gustavo Capanema, com quem janta há anos, invariavelmente, no Bife de Ouro. Amigo do sr. Juscelino Kubitschek, é no entanto dentro da UDN mineira que se localiza o seu «habitat». Aos domingos pela manhã pode ser encontrado na piscina do Copa, irrepreensível, sempre de terno completo, como um daqueles austeros varões da primeira república. Qualificativo que ele está longe de merecer, pois mal passou da casa dos 40.

HORÁCIO LAFER

O Ministro Lafer não é apenas um homem elegante. É um verdadeiro padrão de elegância. Veste-se irrepreensivelmente, sem esquecer um detalhe sequer e sem que sua elegância seja agressiva ou destoe do ambiente. Na Câmara dos Deputados, na rua ou numa recepção, o sr. Horácio Lafer está completamente à vontade. E na Câmara dos Lordes, passaria despercebido, tal a sua identidade com o ambiente e a linha absolutamente britânica da sua elegância. Há mais de 20 anos se mantém no primeiro plano dos acontecimentos, sempre coerente, sempre determinado, sempre lutando. Na tribuna é insuperável, expondo seu pensamento com clareza e manejando a palavra com elegância e facilidade. E consegue tratar com cortesia até o deputado Bruzzi de Mendonça. Já foi Ministro, líder da maioria, Presidente da Comissão de Finanças, e mais uma porção de coisas. Mas a sua melhor atuação foi como líder da maioria. Estêve para ser Ministro do sr. Juscelino Kubitschek, mas desistiu. É um dos homens mais ricos de São Paulo, um verdadeiro aristocrata, mas trabalha como se fosse um simples assalariado. Nunca recebeu um tostão dos coíres públicos em qualquer dos cargos que exerceu.

NEGRÃO DE LIMA

O Prefeito do Distrito Federal tem sido chamado mais vezes de dinâmico e de elegante do que o sr. Osvaldo Teixeira de falso pintor e o sr. Pedro Calmon de falso escritor. A elegância do sr. Francisco Negrão de Lima começou a ser notada logo que ele chegou ao Rio como o deputado mais votado por Minas Gerais, isso aí pelo ano de 1933, quando o nosso alcaide ainda não havia entrado na casa dos 30 anos. Daí então sua carreira política (e a de elegante) não parou mais. Miguel Strogoff em 37, Embaixador no México, Paraguai e Bélgica, Secretário Geral da Municipalidade carioca,

Ministro da Justiça interino por duas vezes, depois finalmente Ministro da Justiça efetivo no governo do sr. Getúlio Vargas em 50. Chefe da campanha (e do comitê interpartidário) que elegeu o sr. Juscelino Kubitschek, «o-lo na Prefeitura, o maior abacaxi de todos os tempos no Brasil. Tem figurado várias vezes nas listas de elegantes. Está sempre magnificamente apresentado, e nenhum problema por mais sério que seja consegue perturbá-lo. Seu inseparável «gêlo» vai se transformando numa das coisas mais conhecidas do Distrito Federal. Frequenta normalmente o Arpoador, está com os cabelos ligeiramente embranquecidos, tem adoração pela filha Jandira, e consegue ficar elegante até de sapato branco, que é o máximo que alguém pode almejar.

Negrão de Lima.



UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

LINDA BATISTA
EM CASTELHANO

FERNANDO LÔBO

Linda Batista e Rosita Serrano,
em tempo. Já vai distante

UM DESTINO — Araci de Almeida como mufles outros «cartazes» jamais deixaram esta terra. Levaram a sério essa coisa de fronteira e idioma e gastam as suas horas sob este céu, olhando esse mundo nosso. Já Linda Batista tem um destino diverso. Desde que começou no rádio e já a toda hora voava para outras bandas. O Brasil mesmo, ela já conhece todo e já é muitas vezes milionária do ar; e esta América do Sul que não é pequena, toda hora escuta a moça sambista. Há bem pouco tempo ela já se preparava para cantar as suas «bombas» carnavalescas, quando Portugal mondou-lhe chamar. E lá foi ela, segura em boas asas metálicas, repetir «Vingança» e «Nêga Maluca» que eram os seus sucessos seguros. Fêz a praça portuguesa e guardou mais alguns dias para ver Paris, que é o sonho de todos. Mal sabia, porém, que ali era também sua praça, e havia público seu. Pensou que seus escudos ganhos seriam transformados em francos que voariam de sua bolsa, como se ela fôsse turista e não artista. Enganou-se e quando abriu os olhos estava nas noites do «Carrol's» que até o presente momento pede a sua volta.

E AGORA — Já em terras brasileiras, a cantora que há bem pouco foi outra vez espalhar samba na Argentina e no Uruguai. Não valem essas linhas para contar do sucesso de Linda e sim e mais para assinalar mais um sucesso da grande sambista em platéias que já são suas há muitos anos. Vocu, vão longo para cumprir a sua missão de arte, sem ter tido o direito de comer nozes e avelãs com os seus. Ficou longe ela e a sua saudade. De longe mesmo não esqueceu os velhos amigos nem seu público com quem se juntava com algumas linhas de notícia ou mesmo um cartão postal. Agora volta e revê os retratos e os recortes antes de colá-los no grande álbum de suas lembranças. Escrever sobre Linda é não dizer nada. Dizer muito é só repetir Linda Batista, que rima com sambista, sambista de sangue puro, sem mescla, sem vexame, sem grito e sem bolero enfiado no samba. Salve a nossa Linda que volta e nos entrega um flagrante de seu programa na televisão e outra na rádio ao lado da cantora Rosita Serrano.

O CARNAVAL — Quantos carnavais esta estrela já ganhou? Não sabemos contar nos dedos. «Madalena» foi maior que «Ve você não me queria»? Ou a «Nêga Maluca»? Até hoje ainda se vê nos quatro dias, homens e mulheres fantasiados de «nêga maluca». Isso quer dizer sucesso sem rodeios. E este ano? Linda sabe fabricar bombas e por isso é tão temida pelas suas rivais. A sua volta não quer dizer descanso e sim muito trabalho para fazer com que todos cantem «Meu amor levou fermento» — samba que ela faz fé.

CRÔNICA

ESSAS COISAS
DE BOM
GÔSTO

Era a voz mais bonita de todos os microfones. Voz somente e como tal carregava também — por conta dos elogios — aquele ar de nariz para cima, mas superioridade que só mandava contra a sua carreira. Escolher repertório era com a voz, que também se fotografava em más cores e carregava uma veste de espalhafato terrível. Para encurtar as razões, era a voz a própria empresária, num benefício sempre alerta a um fim terrível. O rádio está cheio deste tipo que faz mesmo o público querer indagar, com impaciência, se não haveria um jeito para dar um toque de melhoria no seu gosto. Mas como aqueles jumentos nordestinos que empacam e só caminham a custa de fogo no rabo, a voz, não ouvia conselhos nem meditava em nenhuma espécie de fim. E vivem por aí. E cantam por aí sem maiores conseqüências, numa eterna distribuição de mau gosto, de amarelo berante como côr, de tango argentino como preferência. Dolores Duran marcou a sua presença dentro do rádio como uma artista de bom gosto. Essa coisa de bom gosto é bem complexa, pois existe e mesmo até no jeito de caminhar. Dolores sabe escolher repertório. Agora que o Carnaval vem beirando, vocês vão ouvi-la num lindo e muito limpo samba de Monsueto. E logo mais todos vão escutar um chorinho que é bem uma crônica viva desta cidade louca e que vem assinado por um dos nossos «melhores» compositores (sem nenhum título, é claro). Ele é Bille Blanco e pelos versos todos julgarão a graça, a beleza que contam esta composição. Vocês vão ouvir Dolores Duran cantando «Camelot» e vão rir da beleza e da magnífica observação que Bille Blanco jogou em todas as linhas:

«Camelot, esse dono da calçada,
Na conversa bem jogada,
Vende a quem não quer comprar
Se tivesse tido a «chance» de uma escola,
Muita gente de cartola,
Lhe daria o seu lugar.
Ele é vesgo, pois a profissão ensina
A ter um olho na esquina
E outro olho no freguês
E assim de vez em quando ele escapa,
Gozando a cara do rapa,
Que bobeou outra vez.
Aconselho então: há muito deputado
Que ganha calado,
A escutar o camelot com atenção,
O distinto aprenderá a falar de fato,
E ao terminar o mandato
Lá tem uma profissão...

QUATRO FOTOS SÃO NOTÍCIAS



TRIO IRAKITA, um dos mais famosos e mais afinados conjuntos do nosso rádio. Três moços nascidos no Rio Grande do Norte que se juntaram e já fizeram o estragado. Agora mesmo estão de malas arrumadas para um novo giro. Pela noite a dentro eles são presença e no disco verdadeiros campeões. Oçam: «Siga» por essas vozes e depois vejam os três num filme nacional que Watson Macedo dirige. São da Nacional.

IVON CURI — O ano passado o grande Ivon, ou Ivon o terrível esteve na Europa. Em Portugal fez praça segura e agora, logo depois do Carnaval o nosso astro vai outra vez pisar a terra que é nossa avó. Ivon Curi foi o cantor que mais sucesso conseguiu em 1956. Mesmo assim não foi considerado «o melhor» uma vez que não é de saber pedir, nem de fazer cabala. O que é fato é que seu cartaz cada vez aumenta mais.

DICK FARNEY — Eis uma das mais lindas vozes que esse Brasil já teve. O «já teve» cai bem, pois Dick não está mais pisando o nosso solo, tão desencantado que está de sua terra. Onde tem aparecido sempre tem sido incompreendido e daí ter feito da Argentina e o Uruguay seus quartéis. Deveria ter ido para a Orquestra de Tommy Dorsey quando este subitamente faleceu. Dick costuma dizer que não foi feito para os gritos dos auditórios.

ISAUFINHA GARCIA — O Carnaval já estourou em São Paulo e quando se diz São Paulo e se diz «Record» imediatamente o nome de Isaurinha Garcia vem a lembrança. Eis aqui a famosa cantora paulista em pleno auditório da «maior» lançando as «bombas» para as festas de Momo que estão vindo. De agora em diante os cantores só pensam no «trabalho» que têm que dar as suas gravações para que elas sejam cantadas e rodadas — o que quer dizer: dinheiro.



EM MATÉRIA DE DISCOS

A RCA VICTOR nos dá em selo preto estas melodias: «Braia Dengo» e «Teseiro e Meio», com Luis Gonzaga; «Nada Além» e «Fibr do Asfalto», com Cruby Peixoto; «O Céu é o Limite» e «Gargalhada», com Carlos Gonzaga; «Era Boi» e «Chimarrão», com Os Gaudérios; «Xote do Tirum» e «Não Sei o Que é Que Faça», com César de Alencar; «Que será, será» e «Sempre que Lisboa Canta» com Ester de Abreu.

ESTRANGEIROS

Da mesma marca e também em selo preto sugerimos: «Pagan Love Song» e «Ragtime Maracas», com Richard Maltby e sua orquestra; «Love Is A Gamble» e «One Finger Piano», com a orquestra de Freddy Martin; «Are Y ou From Dixie» e «Intermission At The Opera», com o pianista Del Wood; «Anamí Se Vuci» e «El Bosco Intimato», com Nilla Pizzi.

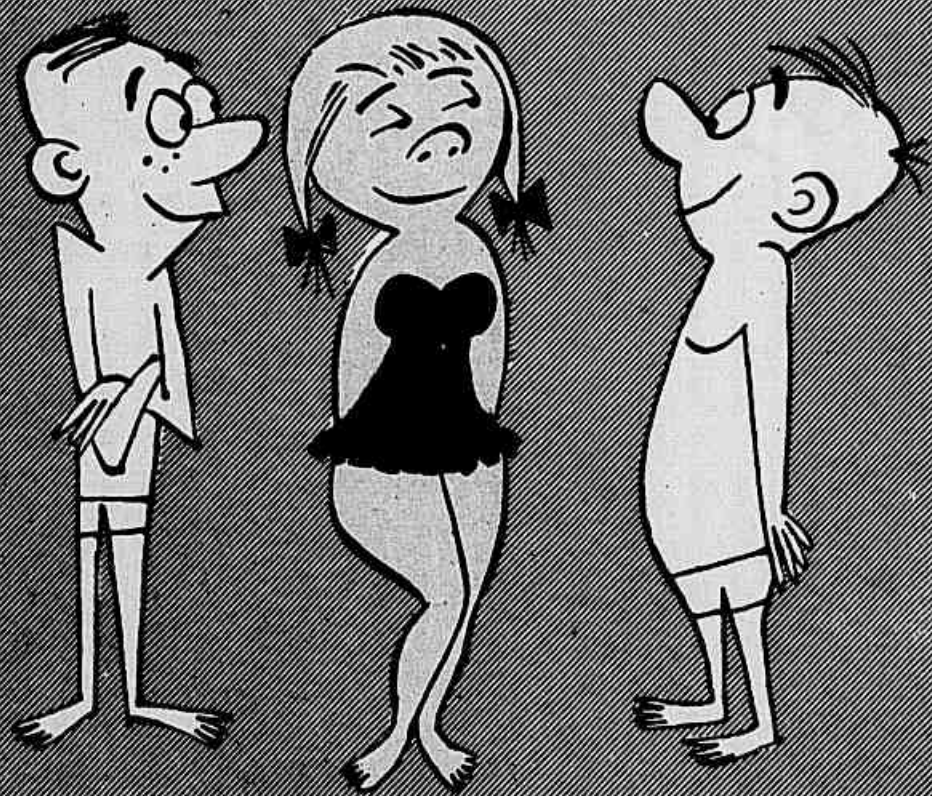
CAIXA POSTAL

Recebemos ainda um punhado de cartões de Natal e estas linhas são para agradecer. Eles vieram de Silvina Meia (Estado Unidos), Aida Sales (Chile), Rivaldo de Souza (Paris), Revista do Rádio, Abelardo Chacrinha (melhor), «Fan Clube de Marlene», Miguel Curi, Herivelto Martins, Edcl Ney, Marly Sorel.

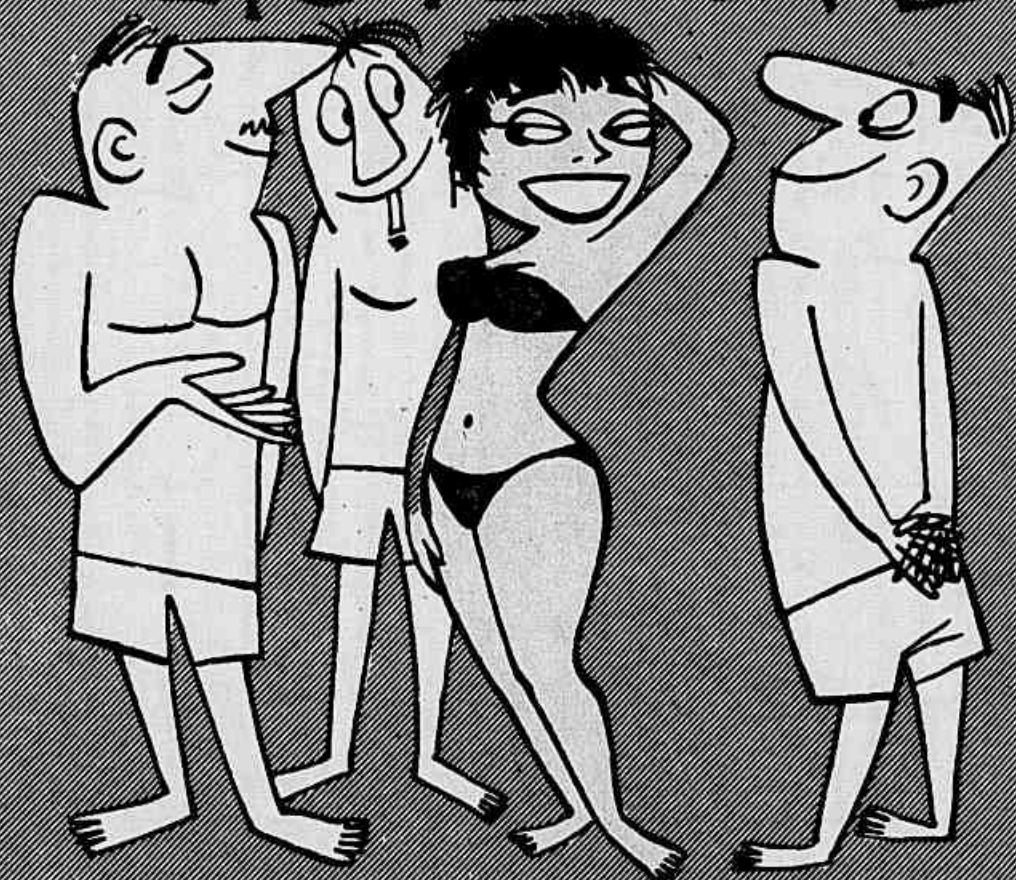
Mais uma vez queremos comunicar aos nossos leitores que enviamos GRATUITAMENTE fotografias de astros e estrelas famosas, bem como informações sobre os mesmos. Basta que escrevam para «Revista da Semana» — Fernando Lôbo, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

FORTUNA (graças a um anúncio) **APRESENTA**

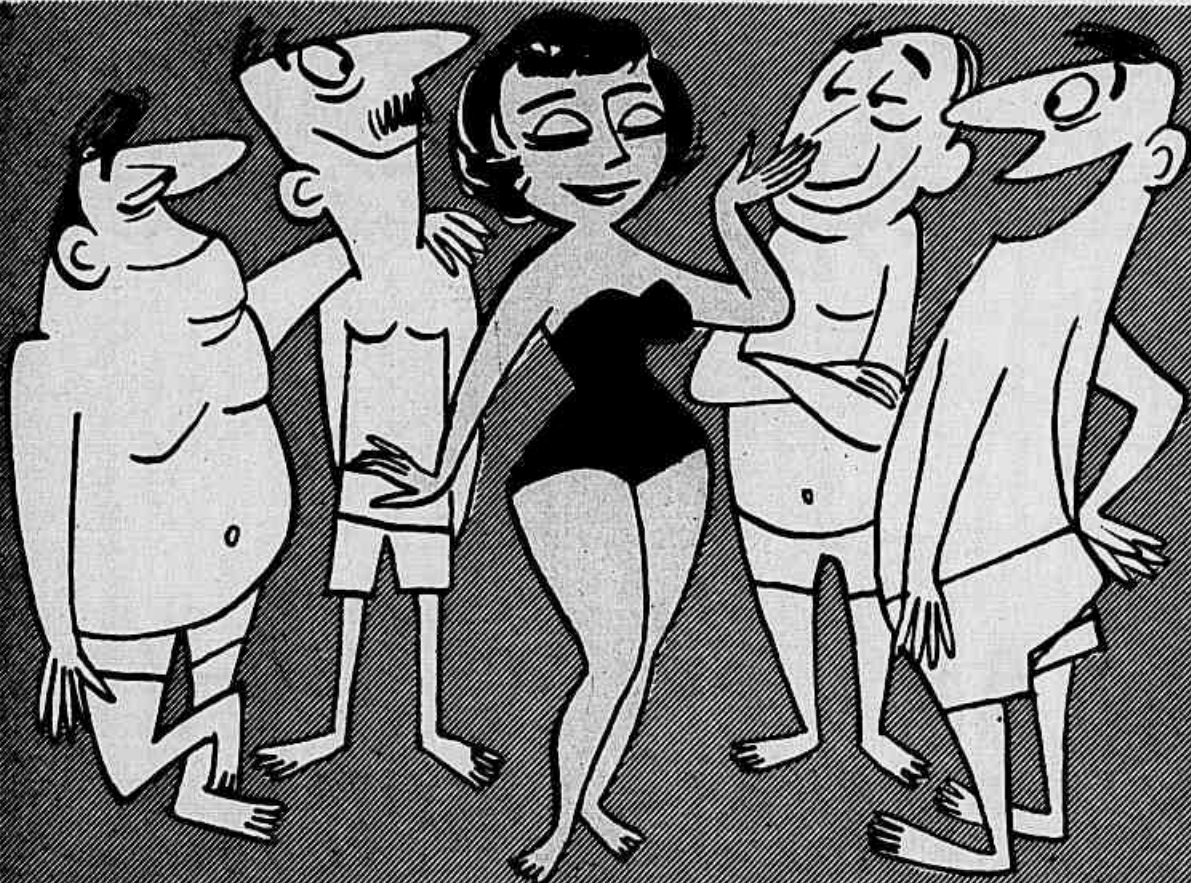
EU ERA ASSIM



GRAÇAS A ÁGUA OXIGENADA



GRAÇAS A VITAMINAS



GRAÇAS A RESINE



GRAÇAS AO CINTO



GRAÇAS A MAKEUP



GRAÇAS A TINTURA

HOJE ESTOU ASSIM



GRAÇAS A DEUS !

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

As mulheres e as Artes Decorativas

O fim do ano de 1956 foi próspero em "Bazares Beneficientes" que se espalharam por todos os cantos da cidade, onde quer que houvesse uma loja, uma barraca, ou mesmo um apartamento disponível.

Bazares sempre tem havido, em todo fim de ano, mas nesses últimos pudemos apreciar o desenvolvimento enorme que vêm tendo as chamadas artes menores ou decorativas entre as jovens e senhoras de nossa sociedade: cerâmicas, pinturas sobre porcelanas, pirogravura, trabalhos em madeira, papéis pintados, tecidos feitos ou pintados a mão, peças de couro lavrado, tudo isso veio demonstrar a extraordinária tendência feminina para esse gênero de trabalho artístico.

Dizem que raramente uma mulher é verdadeiramente artista, porque não possui como os homens o poder criador, essencial para a verdadeira arte. No entanto, mais que aqueles, a mulher demonstra tendência para todas as formas de manifestação artística que exigem relativamente pouco poder criativo, para muita habilidade manual.

Na Argentina já existe uma "Universidade de Artes Menores", freqüentadíssima, onde se ensinam todas essas formas de artesanato, que aqui são aprendidas um pouco por autodidatismo, um outro pouco graças a professores abnegados, sempre em luta com dificuldades em obter matéria prima e instrumentos apropriados.

SUA BELEZA

Se seus cabelos estão ressecados e sem viço, trate-os, para que recuperem o primitivo brilho e oleosidade, pois não existe mulher bela sem uma bonita cabeleira. Você mesma, em casa, pode submeter seus cabelos a um tratamento regenerador.

Duas vezes por semana faça um xampu, com a seguinte mistura:

2 gemas de ovos

1 e meia colher de rum

½ colher de azeite de oliva.

Misture tudo e friccione no couro cabeludo. Deixe a mistura nos cabelos por 10 minutos, antes de lavá-los com água e sabão neutro.

Enxugue os cabelos com uma toalha aquecida.

★

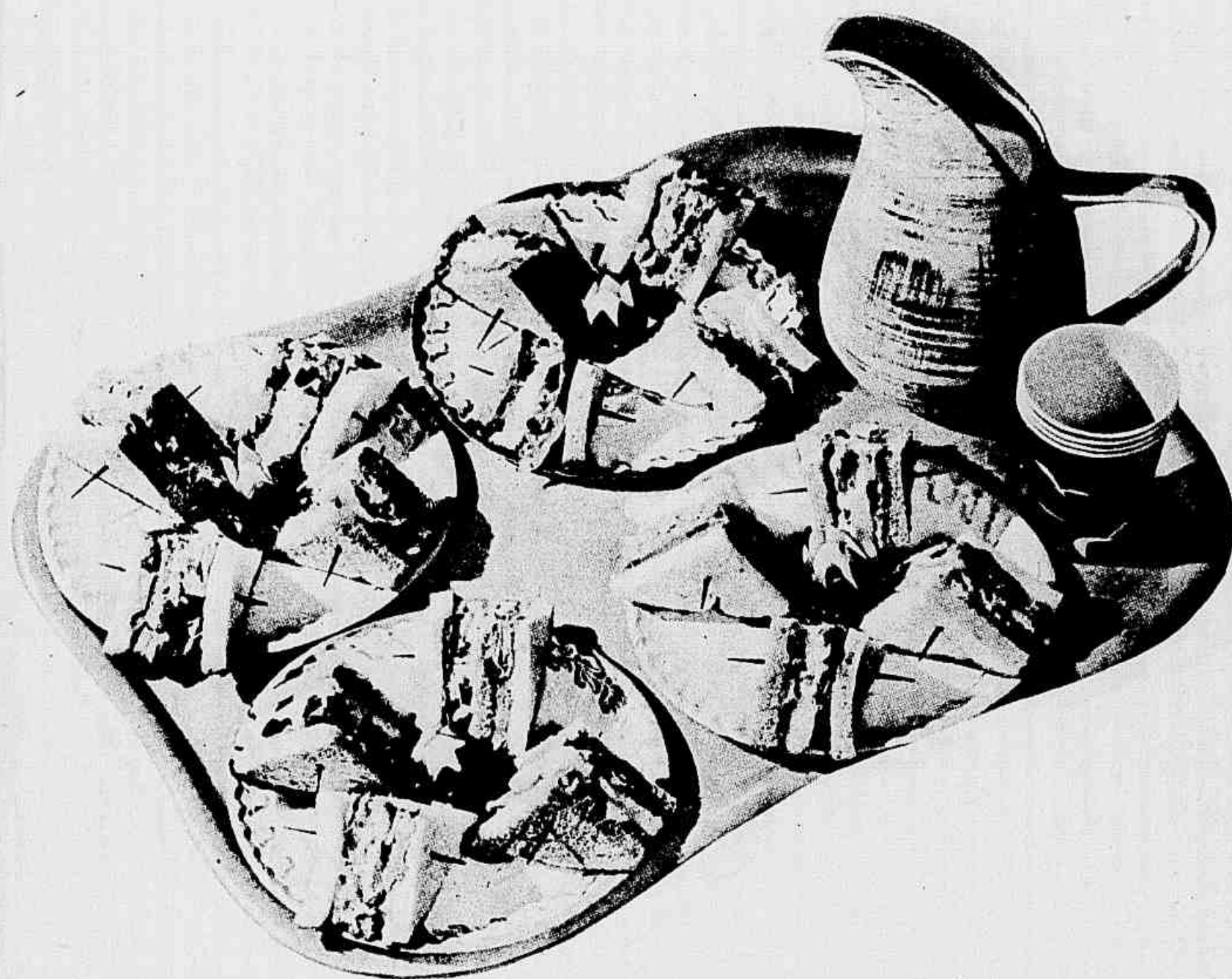
Se sua pele fica irritada quando exposta aos raios solares, não abuse dos mesmos, a fim de evitar queimaduras doloridas e pouco estéticas. Proceda assim, nos 10 primeiros dias de banho de sol: fique sob uma barraca, com a pele coberta de óleo e use óculos escuros para proteger os olhos. Depois desses 10 dias, pode se expor diretamente ao sol, sempre, porém, com a

cabeça e os olhos protegidos. Quando chegar em casa, tome o seu banho de ducha morno ou fria. Depois do banho enxugue-se numa toalha felpuda e faça uma massagem em todo o corpo com um óleo lubrificante, que evitará a irritação da pele.

★

Não use as **alças das combinações** ou dos soutiens muito curtas ou apertadas, porque acabam deformando os ombros. Um elástico numa das extremidades das alças evitará a pressão muito forte sobre os ombros.

WEEK-END NA COZINHA NOTINHAS ÚTEIS



Nestes dias quentíssimos de verão, nem sempre temos vontade de fazer uma refeição completa. Preferimos apelar para um lanche com sanduíches e um refresco, mais leves que a comida de sal.

Para ocasiões como essas é a receita de hoje! São sanduíches «completos», para 4 pessoas:

1 — Cozinhe 4 ovos, e depois imerja-os em água fria, para poder retirar a casca com facilidade.

2 — Tire toda a crosta de um pão de forma, e corte o miolo em fatias grossas de um centímetro.

3 — Numa tigela, ponha 150 gramas de manteiga e bata-a até ficar embranquecida, junte: os ovos, picados com um garfo; 100 gramas de atum (ou sardinha) picado; 100 gramas de presunto cozido, picadinho; 2 enchovas, picadas.

4 — Quando os ingredientes estiverem bem misturados coloque uma boa quantidade

de entre 2 fatias de pão, fazendo tantos sanduíches quantos forem os pares de fatias cortados. Deixe em local fresco até a hora de servir (embrulhe num guardanapo e ponha na geladeira, por exemplo).

5 — Corte em triângulos, em diagonal. Se os sanduíches tiverem tendência a se abrirem, prenda-os com um palito.

Encha o seu vaso de porcelana com areia, até a metade. Ficará mais pesado e, portanto, menos sujeito a cair e quebrar. Além disso, mesmo quando puser flores com água, conserve a areia que servirá para fincar as hastes das flores e folhagens.

Quando limpar suas vidraças passe o pano numa direção (horizontal ou vertical) pelo lado de dentro, e noutra pelo lado de fora. Dessa forma, será mais fácil verificar de que lado estão as manchas que ainda ficarem.

Aproveite sua bandeja velha, pintando-a de novo com tinta esmalte e pondo um espelho cortado de novo no fundo. Com pouca despesa fará a reforma e a bandeja ainda lhe prestará muito serviço.

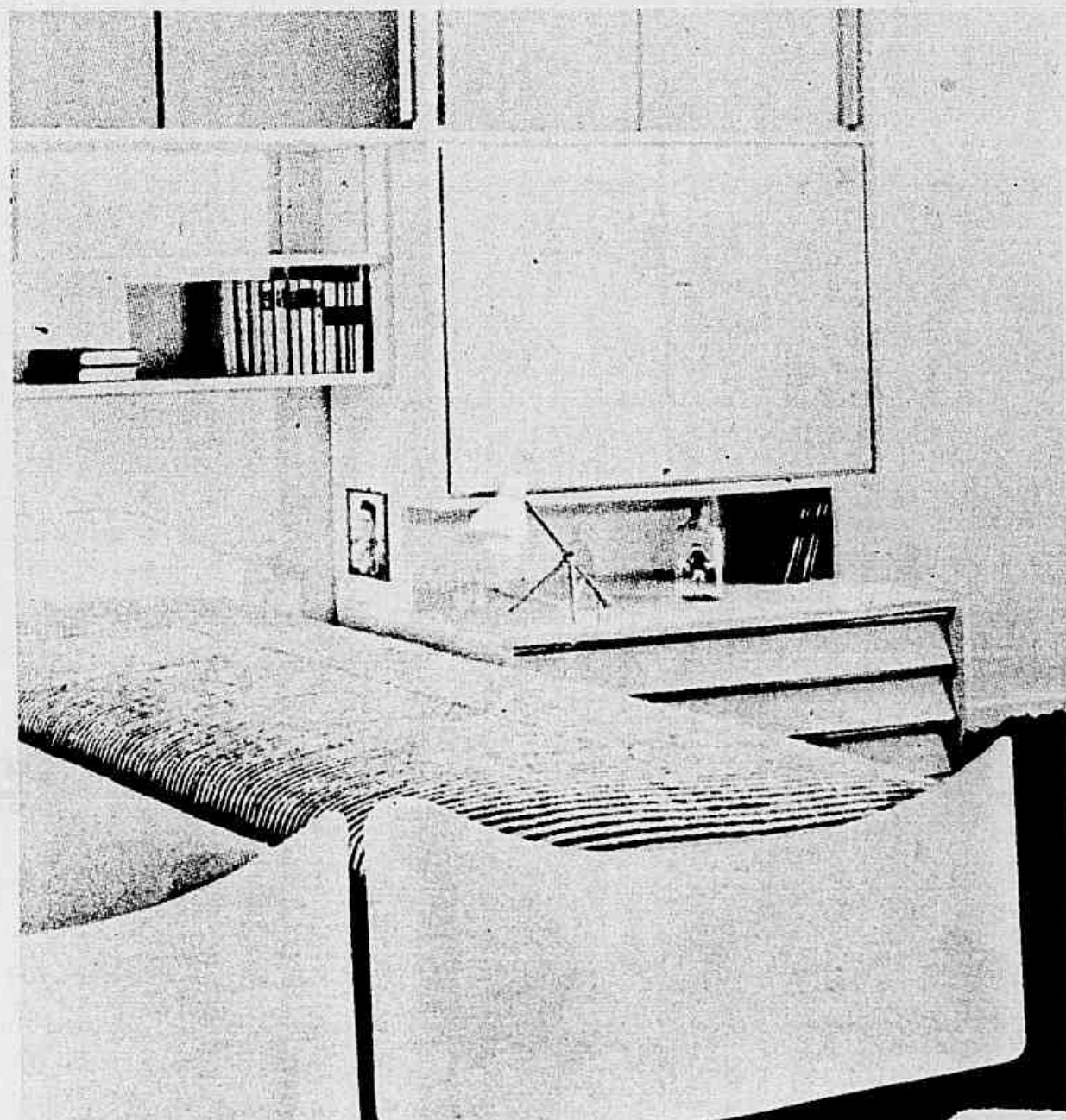
O bronze patinado (de verde, vermelho ou negro) deve ser lavado delicadamente, com água e sabão. Depois, passe um pouco de álcool e deixe secar ao ar livre.

Os encêrados e linoleuns podem ser limpos e polidos com uma mistura em partes iguais de óleo de linhaça e essência de terebentina.

SUGESTÃO PARA O LAR

Nesta simples fotografia de mobiliário moderno, quantas idéias interessantes, para quem mora em apartamento pequenino!

Em vez da tradicional mesinha de cabeceira, uma boa cômoda com gavetas. Sobre a cômoda e sobre o leito, presos na parede, uma porção de armários com portas de correr, formando «moldura», em torno e em cima dos dois leitos gêmeos. Prateleiras para livros, sobre as cabeceiras





Gossips



Antônio Maria pode ser apontado como o mais «suspense» cronista da «soirée-snob» no ano que passou.



A bonita senhora **Evinha Monteiro de Carvalho**, que foi vítima de acidente de automóvel, vai passando bem.

Estive lendo minhas colunas de «GOSSIPS» do ano que passou, e verifiquei que o nome da jovem Zaidinha Saldanha foi o mais citado. Entre os homens, Ricardinho Fazanelo foi o mais notícia. O meu amigo Fazanelo é o mais conhecido «play-boy» do Brasil no momento. Muitos outros nomes foram citados, e muitas jovens bonitas passaram o ano sem «date», sendo que algumas iniciam o ano prestes a figurar na PRATELEIRA. Sinto-me perfeitamente à vontade para falar de «GOSSIPS», porque, como vocês sabem, fui o primeiro colunista social na América do Sul a introduzir no Brasil esse moderno gênero de colunismo tão discutido e combatido nos E.E.U.U., através das famosas colunas de Igor Cassini, Elza Maxwell e Walter Winchell. Agora, é com prazer que noticio para vocês que esse meu lançamento tem hoje uma repercussão nacional. «GOSSIPS-são-GOSSIPS». E daí?

★

Caminha para terminar no altar o romance do milionário Henrique Tamm com a bonita Léa Gomes. Esse romance esteve quase acabado uma vez, mas atualmente está muito sério.

★

Ilde Garavaglia, já está de volta, depois de uma longa temporada no Peru, onde esteve para esquecer seu «date» preferido que é o João Batista Amaral Filho. Acontece, que o João Batista ainda não foi esquecido, e poderá tudo agora ser reatado.

★

Depois que o namôro de Lígia Coutinho com o paulista Maurício Duque ficou «gélot», ela continua sendo vista sem nenhum «date». Aí é quando, Lígia?



Zaidinha Saldanha, foi o nome mais citado em minhas colunas de «GOSSIPS» no ano que passou.

O sr. George Zaturansky parece ter atualmente como seu «date» a bonita Elza Amaral. Trata-se de um novo par que tem transitado com muita frequência por nossas «boites» elegantes.

★

Determinada paulista que recentemente esteve no Rio, está prestes a figurar na PRATELEIRA. Quem é ela?

★

A senhorita B. V. estreando um novo «date». Ele tem os cabelos grisalhos.

★

Baby Thomas, informa de São Paulo, que Milu Loureiro continua sem «date». Por que, Milu?

Pequenos Flashes

NA PISCINA DO COPA — Iniciados os jantares-dançantes com um desfile de modas que não agradou. Entretanto foi uma noite bonita e muito concorrida. Compareceram inclusive muitas figuras do «high-society» carioca. A mulher mais bonita presente, foi a sra. Andréa Morani, que foi a beldade mais «suspense» que nos visitou o ano passado. A senhora Morani usava um bonito modelo de Givenchy, e sua presença foi devidamente comentada.

De «preview» para vocês: o famoso astro de Hollywood James Stewart, estará presente, no próximo dia 23, ao tradicional «Baile dos Artistas» no Hotel Glória. Além da presença de James Stewart, o sr. Eduardo Tapajós e o «public-relation» Dirceu Ezequiel, cogitam trazer a minha colega Elza Maxwell para participar deste acontecimento que será realmente «suspense».

Helen Merrill será a próxima atração contratada pelo Copa, para seus jantares-dançantes. Helen é a detentora do «disco de ouro» da canção, nos E.E.U.U., em 56, já tendo feito três gravações em discos P. no Brasil.



RICARDINHO FAZANELO, o mais famoso «play-boy» do Brasil, foi o nome mais noticiado entre o Rio e São Paulo.

Quando recentemente «decolei» para Recife num «Super-Convair» da Cruzeiro do Sul, verifiquei que seu serviço de bordo é realmente o melhor de nossas companhias de aviação. A possante aeronave era pilotada pelo comandante Lucídio de Leleano Valls, que completava 13.000 horas de voo.

Já se encontra quase restabelecido o casal Joaquim Monteiro de Carvalho, que foi vítima de um grave desastre de automóvel na primeira manhã do ano, quando deixava a residência dos Waller, depois do «reveillon». Os Monteiro de Carvalho são figuras do estado-maior do «high-society» carioca. E' com prazer que noticio a melhora do conhecido casal.

Aqui na piscina particular do Glória vai acontecer um banho noturno com a presença de jovens beldades do «high-society» devidamente convidadas pelo colunista.

Até a próxima. O «gélot» continua em cima.

IRENE GUINLE

NUNCA NAMOREI JEAN DESSÉS.



A bela Irene quando falava de alguns personagens do «grand monde» internacional.



Nossa entrevistada em um «close up» especial para esta coluna.

Na outra noite estive no apartamento da sra. Irene Guinle no anexo do Copa, para uma entrevista, que foi a primeira que a sra. Guinle concedeu a um colunista carioca, durante sua atual temporada no Rio.

Durante a época em que aqui residiu, Irene Guinle foi uma figura famosa no estado-maior do «high-society» carioca. Sorridente e amável, minha bonita entrevistada oferece-me um drink, e entre um uísque e outro, fiz a entrevista que agora publico com exclusividade para a «Revista da Semana».

1) P. — E' verdade que você teve ou tem romance com o figurinista Jean Dessès?

R. — Nunca tive nenhum romance com Jean, somos apenas bons amigos. Aconteceu que algumas colunas internacionais de «Gossips» exploraram nossas constantes saídas em Paris.

2) Por que não ficou morando no Rio?

R. — Porque no Rio, tudo me lembra Carlinhos, sem ele não sou nada aqui. Pois no Brasil uma mulher não pode morar sòzinha.

3) Qual o país em que pretende morar agora?

R. — Pretendo morar nos E.E.U.U., pois acho Nova York a maior cidade do mundo.

4) Quando morava em Paris tinha relações com Dolores Guinle?

R. — Nenhuma.

5) Teve algum romance depois que ficou viúva?

R. — Que você acha que acontece na vida de uma mulher durante um ano? Não esqueça que durante êsse ano estive em cinco países.

6) Qual o objetivo de sua viagem ao Rio?

R. — Endireitar meus negócios e rever alguns amigos.

7) Pretende casar-se novamente?

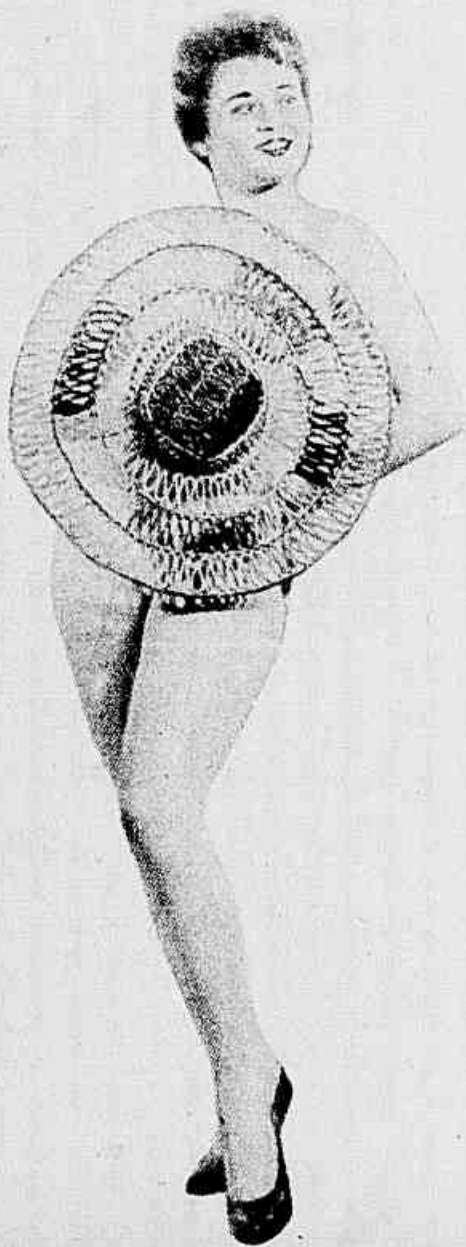
R. — Naturalmente, é anormal a mulher que não quer casar-se.



Sorridente e feliz Irene Guinle conversa com Jeff Thomas. Ao fundo a praia de Copacabana.



Na varanda de seu apartamento Irene Guinle olha a praia de Copacabana num fim de tarde.



A MOÇA DA SEMANA

Norma Benguel, beleza e talento a serviço de um bom espetáculo, como «Rio... de Janeiro a Janeiro», da «boite» Night and Day.

Essa escola não é risonha e franca...

Não faz tempo, quando os disputantes em potencial já arregimentavam, além dos requisitos necessários, prestígio e outras armas tão de praxe na brasileira terra para a obtenção da coisa pública, uma portaria municipal, elaborada às pressas, sustou o edital de concorrência que se encontrava no prelo e ordenou que se transformasse o que outrora foi a «boite» Casa-blanca em escola pública. A primeira vista, o gesto prefetural poderia ter sido — como foi em parte — digno de louvores, pela acertada medida que visava fazer jorrar mais uma fonte de saber sobre a ignara plebe... Houve protestos, porém, e houve quem pretendesse ver carço por baixo do angu. Falou-se, por exemplo, naquela ocasião — essa gente sempre fala demais! — que tudo não passava de artificialismo marotíssimo para encobrir intuitos bem apadrinhados e chegou-se até a afirmar que a manobra provinha do capricho de um concessionário faltoso, devedor confesso dos cofres municipais, despejado mas inconformado com a perda daquilo que para ele seria um maná caído dos céus diretamente na Praia Vermelha. Argumentou-se, entre outras coisas, a impropriedade do local para uma escola pública e que o dispêndio com a adaptação da «boite» daria, no mínimo, para a construção de duas ou

três casas de ensino em bairros mais necessitados. O certo, porém, é que a esdrúxula portaria foi mantida, a «boite» desapareceu e nunca mais se falou na história. E, se nunca mais se falou na história, tampouco foi construída a escola. Existe, sim — a dar-se crédito a insistentes rumores que Mister Eco não é de estar espiando essas coisas — um próprio municipal caindo aos pedaços, abandonado, mas nas mãos de vigias inescrupulosos, que estariam cedendo as dependências da ex-«boite» para encontros fortuitos de casais que a noite formou, como na canção popular. Dom Francisco Negrão de Lima, nosso queridíssimo Conde de Metaba e também primeiro mandatário desta anti-aquosa cidade «mui leal» à buraqueira, tem aí um caso simples de resolver, revogando a portaria estapafúrdia e mandando abrir a necessária concorrência para desafio da competência de quem se quiser estabelecer. A persistir, entretanto, a louvável mas estranha intenção de baixar o nível de nosso analfabetismo com a construção da imprescindível escola, que ela seja construída de pronto, porque essa que está em funcionamento — como dizem as más línguas — na Praia Vermelha, não é, em positivo e como queria o vate nosso xará, risonha e franca...

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

O «reveillon» foi verdadeira tábua de salvação para muita casa que andava de caixa baixa nos últimos tempos. Só não faturou quem não quis ou quem já era ruim de nascença.

Do «Jirau» dos Autuori para o

«Little Club» de Mário e Pino, Ribamar e seu piano macio.

Tanta gente ocorreu à «boite» Arpège no «reveillon», que cadeiras foram tomadas por empréstimo na vizinhança.

Eloína está mostrando os «documentos», no valor seguro de dois milhões de cruzeiros, no Teatro Carlos Gomes, «Mão na Toca».

Deu a nota no «reveillon» da «boite» Fiesta a presença da artista Ester Tarcitano. Porque estava de calças compridas...

Inconformada com a demissão sumária do seu noivo das funções de «diretor-artístico» da «boite» Béguin, a bela portenha Edith Morel pediu rescisão de contrato, abandonou o «show» da Night and Day e não pretende mais voltar ao feitiço da madrugada.

«Slogan» da rumbeirinha cubana Nancy Montez, na fachada do teatro Carlos Gomes, a vedeta de Cora-

cabana. «Quem pode... pode» é o nome da revista e trata-se, como também diz a fachada, de «um espetáculo da marca Geysa Boscoli». Tudo certinho.

O «reveillon» no Sacha's terminou às nove horas do dia primeiro. George Green, por falta de espaço, cantou em cima do piano.

Fala-se que o sr. Assis Chateaubriand será o autor do próximo espetáculo de Carlos Machado. Este, por seu turno, estenderá as suas atividades ao campo jornalístico, honrando-o com uma coluna diária sobre a vida noturna...

Almir Ribeiro, revelação paulista do «Cave-Bar», é uma das vozes mais bonitas ultimamente surgidas. E com a vantagem de não imitar ninguém.

Na impossibilidade de citar todos os nomes nesta «Noite Vadia», o Augusto, Sóbrio e Necessário Mister agradece e retribui as centenas de cartões de boas-festas que lhe foram enviados, desejando o

mesmo para todos vós e para as vossas famílias...

A «boite» Béguin fechou. Como Mister Eco previu, «Wonder-Bar» foi um fracasso total, cabendo os maiores prejuízos ao pianista Sacha.



RIBAMAR

Agente no «Little Club»



ELOÍNA

Uma parte, pouco ponderável, dos Cr\$ 2.000.000,00.

LUIZ IGLÉZIAS-autor e empresário- responde PÃO, PÃO-QUEIJO, QUEIJO

«A FALSA CO-AUTORIA DE CERTOS EMPRESÁRIOS É UM ROUBO DE DIREITO AUTURAL. COMO ROUBO, DEVE SER PUNIDO».



Pão — E' você o Pai Adão?
Queijo — Quem me dera!...
Pão — E Eva?
Queijo — Eva Todor é a bi-milhõesima, bi-tetraneta da bisneta... da outra.
Pão — Se, naquele tempo, houvesse Serviço de Censura e Hildon Rocha fôsse o chefe, que seria da fôlha de parreira?
Queijo — A fôlha de parreira continuaria como continuaram os biquinis... e o ridículo de certas atitudes seria o mesmo, porque o ridículo tem a idade do Pai Adão.
Pão — Em se falando de biquini, que é mais importante, o conteúdo ou o continente?

A ARARA TOPOU

Topou e vibrou e ficou indôcil quando soube que Carlos Machado, seu bravo salvador do incêndio da Night and Day, vai ser cronista, por — com licença da palavra — obra do dr. Chateaubriand. A bichinha notável pôs as mãos na cabeça e exclamou satisfeitiíssima: «Meu deusinho do céu, eu não mereço tanto! Sai o «corujão» e entra o «caboré»!».



NILZA BENES

«Eu vou pr'a Maracangalha»
— via Teatro Recreio.

Queijo — O continente só vale pelo que vale o conteúdo...

Pão — E, se proibem o continente, que será do conteúdo?

Queijo — Sem continente... que bom, hein?

Pão — Por que, há tanto tempo, você não montava uma revista?

Queijo — Porque, há muito tempo, venho montando comédias.

Pão — «Quem Comeu foi Pai Adão» está rendendo bom dinheiro?

Queijo — Um espetáculo honesto, divertido e limpo dá sempre dinheiro...

Pão — Eva Todor deixaria, embora momentaneamente, o teatro de comédias para fazer revistas?

Queijo — Não.

Pão — Paulo de Magalhães publicou no suplemento do «Correio da Manhã» quase que a mesma «cortina» das contradições de «Quem Comeu foi Pai Adão»; o nosso Paulo também colaborou na sua revista?

Queijo — Não. Paulo inspirou-se na nossa «cortina» para escrever a sua crônica. A velha camaradagem que existe entre nós autorizou-o a isso, sem quebra de ética...

Pão — No momento, qual a vedeta ideal para um bom espetáculo musicado?

Queijo — Neyde Landi. E' nova, bonita, representa bem... respeita os textos e está com tudo...

Pão — E essa lei de 2x1 será um escure compensador?

Queijo — Qualquer escure é compensador quando os gols são marcados em grande estilo...

Pão — Artística e financeiramente, «Anastácia» foi fracasso?

Queijo — Financeiramente, foi fracasso. Artisticamente foi um sucesso.

Pão — Que artista mais o impressionou em 56?

Queijo — Eva. Uma atriz que interpreta «Anastácia» com aquela emoção e, após, dá-nos uma «Lotaria» com aquela graça, impressiona qualquer um... que não seja inimigo gratuito ou recalçado contra o êxito alheio.

Pão — Por que, há tanto tempo, você não faz «show» de «boite»?

Queijo — Porque não tenho tempo.

Pão — Você, que é autor e empresário, que escreve as suas peças, como encara a campanha saneadora da SBAT procurando alijar a falsa co-autoria de certos empresários?

Queijo — A falsa co-autoria de certos empresários é um roubo de direito autoral. Como roubo, deve ser punido.

Pão — Você e Valter Pinto estiveram em cogitação para fazer o «show» de reabertura da «boite» Night and Day?

Queijo — Se Carlos Machado não pudesse produzir o «show» de reabertura da Night and Day, eu e Valter Pinto teríamos feito uma proposta a Djalma Monte e ao Francisco Serrador.

Pão — Você pretende excursionar em Portugal?

Queijo — Não. Vamos dar uma folga a Portugal? Nunca pensei que o caminho aberto por mim fôsse trilhado tantas vezes em tão pouco tempo...

Pão — E' verdade que você é perito em culinária?

Queijo — Pergunte ao Luís Alipio de Barros...

Pão — E o consumo de alka-seltzer é grande?

Queijo — Depende do tamanho do prato que os meus convidados devoram...

Pão — Você contrataria Elvis Presley para o seu elenco?

Queijo — Você não acha que já temos bastante tarados em nosso teatro?

A ARARA CHUTOU

E não pode compreender o procedimento incorreto de meia dúzia de rapazes bem postos, cujo divertimento sexta-feira é prejudicar as vespertais da «boite» Night and Day, perturbando o «show» com ditos grosseiros às moças bonitas e alterando até o roteiro do espetáculo. Esses moços precisam saber que o espetáculo não lhes é reservado e que os demais espectadores, além dos artistas, merecem respeito. E pensar que são tutti buona gente!



BLANCHE MUR

«Botando pr'a Jambra!», agora em São Paulo no Teatro Santana

ANTOLOGIA DE FRASES CÉLEBRES

De Antônio Maria, em bilhete aberto para o produtor de «Wonder-Bar»: «Você se melindra muito facilmente e, como o Night and Day, o Beguin, o Sacha's e o Arpège são casas suas, daqui a pouco, para a gente noticiar os acontecimentos da vida noturna (se não quiser ferir a sua suscetibilidade) terá que redigir assim: «Com exceção das quatro «boites» de Carlos Machado, tudo vai mal...»

— Cuidado, Maria! Aí vem a «pena de ouro» e, por via das dúvidas, Mister Eco já está escrevendo em grego Μатајотѣс матајотѣс. kai panta mataiotês...

De Beirute, Heron Domingues manda dizer: «Volto ao «L'Elephant Noir» para um jantar com Edouard Rizk, o dono da noite em Beirute».

— Como vêdes, em Beirute os donos da noite escapam...

Ouvida numa briga de namorados, num cantinho do «Clube 36»: — «Estás desgostoso compra uma lambreta...»

De Carlos Renato e Lêda (lindinha) Rau, cronista a quatro mãos e fonte inesgotável de sábios ensinamentos: «No delírio da festa de passagem de ano, todos os ódios, todos os ressentimentos desaparecem; é o momento em que o «gangster» se confraterniza com a sua vítima».

— Quando a vítima não tem «verniz» queridos!

PÁGINAS DO GALO BRANCO

23 / 24 / 25 de Agosto de 1954

ACOMPANHO pelo rádio as notícias finais do golpe contra Getúlio a noite toda. Verifico que não há mais salvação para o Presidente. Não que lhe tenham escapado e fugido todos os meios de reação — mas, o que é mais grave — porque Getúlio parece ter-se cansado do poder e da luta. «Ele anda ultimamente com vontade de cumprir depressa o mandato e partir. Sonha com São Borja, com a fazenda, com os peões, com o seu gado. Tornou-se um homem que se deixa vencer hoje pela afetividade, pelo sentimento, pela emoção. É um Getúlio diferente». Muitas vezes Lourival Fontes me dissera mais ou menos isso. A idade, o trato com os homens, os prejuízos de uma longa permanência no poder haviam quebrado, por assim dizer, o especialista, o mágico, o navegador exímio para quem não havia segredos nos mares de águas traiçoeiras da política.

x x x

Getúlio não era mais o mesmo homem que enfrentava outrora as surpresas, as reviravoltas e acontecimentos com a calma, o sangue frio, a confiança na sua estrela invencível. Passara a desconfiar, a prever o seu destino. A natureza do homem sofrera, com o tempo, os conhecidos ultrajes. Envelhecera o antigo ditador; o homem lépido de espírito, embora lento de gesto, dera lugar a um outro ser que preferia a tudo um pouco de solidão. Quando o atacaram na imprensa no último 31 de dezembro de sua vida, por ter ido assistir à passagem do ano num teatro de revistas da Praça Tiradentes — expliquei essa singularidade em artigo no «Correio da Manhã», como manifestação de desencanto, de solidão. Estava cansado ele de tudo, principalmente do tédio de ouvir e atender à sua imensa clientela, aos pedinchões da política e deu-lhe então na idéia atordoar-se, distrair-se um pouco... Expliquei a ida de Getúlio ao teatro mais ou menos nesses termos... Poucos dias depois Lourival Fontes mostrava-me um bilhete do Presidente, em que havia o seguinte: «Dizer ao Schmidt que ele tem razão».

x x x

Tornara-se um triste, um solitário, um homem que queria e aspirava sossêgo apenas, nos seus dias sobre a terra o famoso vencedor de tantas batalhas, o cidadão que acertara tantas vezes com uma sorte inacreditável em circunstâncias as mais variadas, levantando prêmios seguidos.

x x x

Passei quase toda a noite de 23 para 24 em claro, ouvindo rádio. As duas horas adormeci, às quatro da madrugada acordou-me alguém batendo em minha porta. E' que eu desligara o telefone, que não parava mais um só momento, para poder descansar um pouco, e mandavam um portador à minha casa contar-me o que havia. Quem ligasse o rádio, ou antes, que descesse até a residência de um amigo morador no mesmo prédio que eu — era o recado que me transmitiam. Desci. Ouvi os discursos, inclusive os que foram irradiados da casa do vice-presidente Café Filho, todos atacando Getúlio com uma violência terrível, alguns com a impiedade característica da mais exacerbada paixão política. Getúlio estava sem saída, pensei eu. Não apenas sem saída como Presidente da República, mas como homem, como pessoa. O tom ameaçador dos oradores da aurora, o estado de espírito reinante numa parte das classes armadas — a parte pelo menos que se estava pronunciando abertamen-

te — o ambiente enfim se anunciava terrível, particularmente carregado de ameaças contra Vargas. Não desejavam apenas depô-lo, mas castigá-lo, processá-lo. Corriam notícias de que, do Palácio do Catete, levariam Getúlio Vargas para o Galeão. Era o fim.

x x x

As sete horas da manhã volto para o meu apartamento e procuro a calma num banho quente de imersão; repouso um pouco, pensando na tragédia do antigo cidadão carismático. Mas logo ouço um grito — é que acabava alguém de ouvir a notícia do suicídio, transmitida por uma emissora que fazia a cobertura dos acontecimentos. Matara-se Getúlio com um tiro no coração. Experimento uma emoção terrível.

Poucas horas antes, no fim da tarde de 23, conversara eu longamente com o Presidente. Ouvira dele algumas frases que só agora compreendia, à luz do terrível acontecimento. Vira-o abandonado de quase todos, mas calmo e sereno, pedindo-me que não perdesse o entusiasmo e interesse por alguns dos nossos problemas fundamentais que necessitam ser resolvidos para que o Brasil possa respirar. Recolhera eu, de Getúlio, a seguinte frase, que apenas à luz do seu sacrifício supremo adquiria um sentido exato: — **Quem sabe para onde deve ir está sempre tranqüilo.**

Agora ele estava morto pela sua própria mão — morto esse homem cumulado pelo destino por anos tão dilatados. O Getúlio que ocupou um espaço tão grande durante toda a minha juventude e maturidade — em meu país — o homem que eu combatiera, que eu detestara durante tantos anos e que acabava me inspirando uma grande simpatia pela atenção ao meu esforço desinteressado — esse homem encontrara para a sua desgraça política uma saída, a única saída digna de um ser heróico mas sem Deus.

x x x

Durante todos os momentos que precederam à sua queda — o homem a quem chamavam de pai dos pobres — esteve só. O povo parecia esquecido dele. Mas não estava. E' que o povo sabe pouco das coisas — e só atinou com a desgraça de Getúlio quando o viu estendido no seu caixão no Palácio do Catete.

Passei parte da noite de 24 para 25 de agosto assistindo ao espetáculo da visitação popular ao corpo de Getúlio. Eram gritos de angústia — gestos de desespero — ataques de mulheres e de homens — um espetáculo enfim de dor, de angústia, de histeria. — Perdemos o nosso pai! gritava uma mulher escura, miseravelmente vestida. Outra se atirava ao chão e esperneava freneticamente. Gente modesta, mas calma e compungida, se ajoelhava diante do caixão e rezava. Outros passavam e não continham a indignação. Eram favelados, habitantes dos subúrbios, pobres, trabalhadores, que formavam a grande fila interminável. Faltavam apenas os que foram mais favorecidos pela munificência do Presidente.

O povo acordara de repente com o tiro que Getúlio desfechava contra si próprio. E a revolução anti-getulista fora atingida duramente, também por esse tiro. O entusiasmo dos políticos oposicionistas amorteceu; um sentimento de medo se instalara nos mais animosos e frios. O homem que zombara, durante tantos anos, de tantas coisas, que errara tanto, que escolhera tão mal os seus colaboradores — mas que possuía qualidades e virtudes também, acabara de introduzir na nossa comédia política um elemento de tragédia. A fisionomia de nossa vida pública se fechara de repente. O Brasil parara de rir de suas próprias infelicidades...

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Schmidt e sua mulher Iedda, visitando a Igreja de S. Francisco, na Bahia.





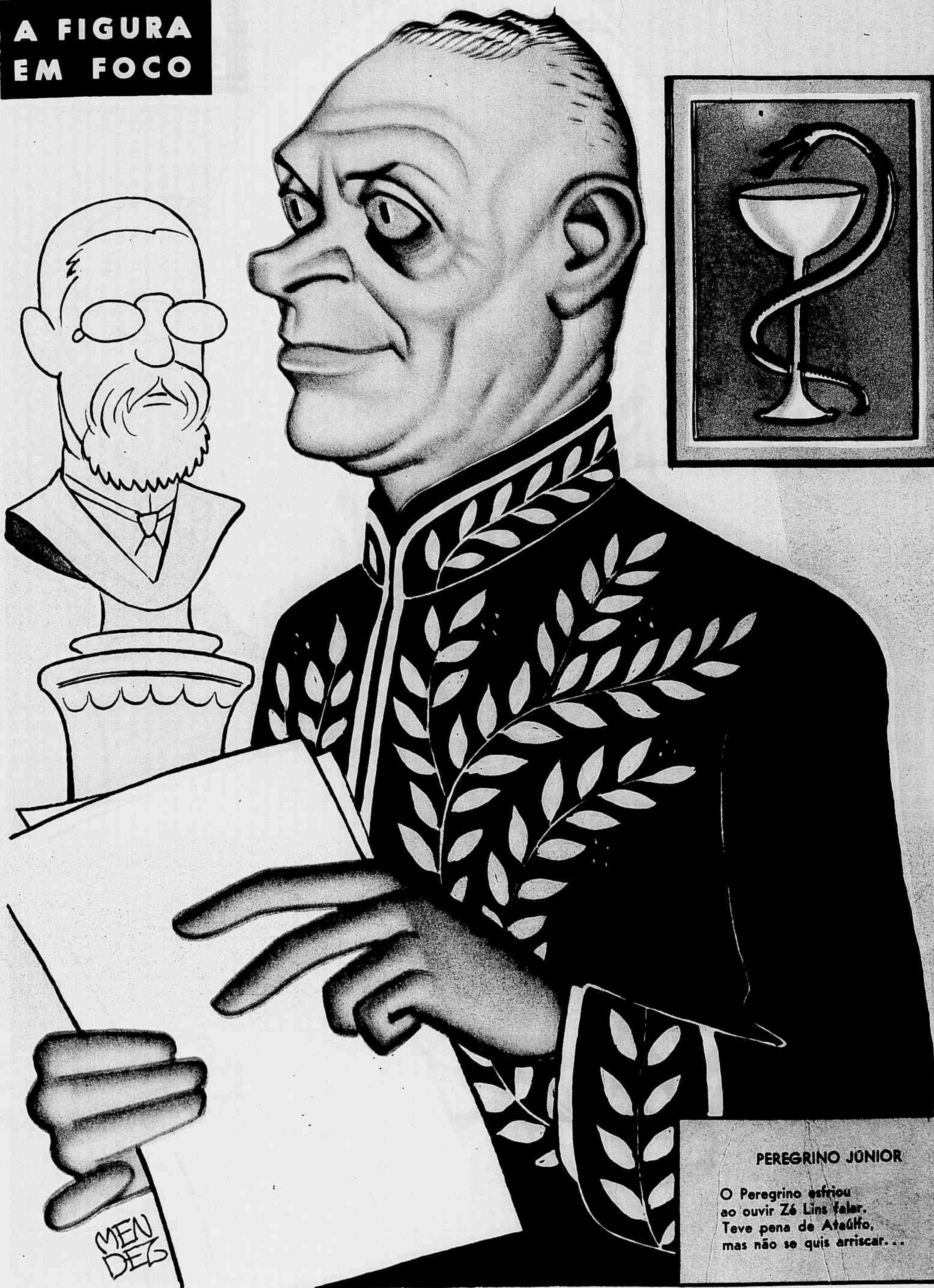
ÚLTIMO FLASH

TERMINOU O DRAMA ANTHONY EDEN

Num comunicado lacônico, o Palácio de Buckingham anunciou o fim da agonia política de Sir Anthony Eden: «O Primeiro Ministro e Primeiro Lorde do Tesouro apresentou sua renúncia que Sua Majestade houve por bem aceitar». Eram precisamente 15 horas e sete minutos do dia 9 de janeiro, um dia turvo e frio. Dois minutos depois de anunciado esse comunicado, Sir Anthony Eden deixava sua residência de Downing Street, sozinho, sem chapéu, um pouco nervoso (gritou com o motorista, fora de seus hábitos), bastante pálido e dirigiu-se de automóvel para o Palácio Buckingham (no outro lado do Parque de Saint James). À noite, uma declaração sua explicava que deixara o governo por motivos de saúde. «Não estou em condições de cumprir inteiramente meu dever para com Minha Soberana e meu país». Mas todo o mundo sabe que o motivo não foi precisamente esse.

Quando a Rainha Elizabeth voltou inesperadamente a Londres, interrompendo suas férias anuais em Sandringham, os amigos de Eden ficaram apreensivos. E depois de uma conferência de 40 minutos entre a Rainha e Eden, os rumores se confirmavam: a Inglaterra teria outro Primeiro Ministro. Eden governou 19 meses. Os primeiros 18 meses foram calmos e tranquilos. Mas quando explodiu o caso Suez, e Eden resolveu usar a força, ninguém teve dúvida: a carreira política de Eden (pelo menos no momento) não iria muito longe. Eden agora tem dois caminhos: aceitar um título de nobreza e passar para a Câmara dos Lordes (que é o hábito) ou, fazendo como Churchill, recusar o título e continuar na Câmara dos Comuns.

**A FIGURA
EM FOCO**



PEREGRINO JÚNIOR

O Peregrino estriou
ao ouvir Zé Lins falar.
Teve pena de Ataúlfo,
mas não se quis arriscar...



...e o cigarro é **Columbia**

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ